



PROFLETRAS

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO – CCAE
CAMPUS IV - MAMANGUAPE
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**

ADRIANA CARNEIRO MIRANDA NUNES

**PRODUÇÃO TEXTUAL A PARTIR DO GÊNERO CONTO DE FICÇÃO
CIENTÍFICA NO OITAVO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**MAMANGUAPE – PB
2019**

ADRIANA CARNEIRO MIRANDA NUNES

**PRODUÇÃO TEXTUAL A PARTIR DO GÊNERO CONTO DE FICÇÃO
CIENTÍFICA NO OITAVO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do Prof. Dr. João Wandemberg Gonçalves Maciel, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Linguagens e Letramentos

Linha de Pesquisa: Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

N972p Nunes, Adriana Carneiro Miranda.

Produção textual a partir do gênero conto de ficção científica no oitavo ano do ensino fundamental / Adriana Carneiro Miranda Nunes. - Mamanguape - PB, 2019.

155 f. : il.

Orientação: João Wandemberg Gonçalves Maciel.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCAE.

1. Escrita. 2. Sequência didática. 3. Gênero conto. 4. Ficção científica. I. Maciel, João Wandemberg Gonçalves. II. Título.

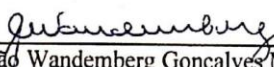
UFPB/BC

ADRIANA CARNEIRO MIRANDA NUNES

**PRODUÇÃO TEXTUAL A PARTIR DO GÊNERO CONTO DE FICÇÃO
CIENTÍFICA NO OITAVO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Aprovada em 28 / 03 / 2019.

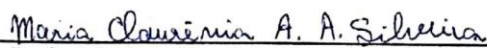
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. João Wandemberg Gonçalves Maciel
Orientador - UFPB/PROFLETRAS/MPLE



Prof.ª Dr.ª Marineuma de Oliveira Costa Cavalcanti
Membro interno - UFPB/PROFLETRAS/MPLE



Prof.ª Dr.ª Maria Claurênia Abreu de Andrade Silveira
Membro Externo – UFPB/PROLING

DEDICATÓRIA

Ao meu querido esposo, Genilson Carlos Nunes;
aos meus amados filhos, Adson Miranda Nunes,
Geiane Miranda Nunes e Cleidiane Padilha Nunes.
Dedico.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, Pai do amor perfeito, por toda graça, força e sustentação nas horas difíceis a mim concedidas na realização desse tão desejado sonho;

À minha amada mãe Maria da Paz Carneiro, in memoriam, fiel cuidadora e incentivadora da minha vida estudantil desde a tenra idade até minha formação em Letras, que sempre acreditou na conquista dos meus sonhos;

Ao meu querido pai Adonio Miranda Carneiro e ao meu dileto irmão Adroaldo Miranda Carneiro, que trabalharam arduamente para a provisão da nossa família e dos meus estudos;

Ao meu estimado esposo Genilson Carlos Nunes, por ter sido desde o início, o meu grande incentivador. Por cuidar dos nossos filhos nas minhas ausências e motivar-me a prosseguir nos momentos em que pensei em desistir;

Aos meus filhos Adson Miranda Nunes, Geiane Miranda Nunes e Cleidiane Padilha Nunes, que também foram assíduos motivadores e torcedores desse sonho;

Aos meus queridos irmãos em Jesus Cristo da Igreja Batista em Pitumbu, pelas orações, pela convivência fraterna e edificante;

Ao meu orientador, Prof. Dr. João Wandemberg Gonçalves Maciel, pela paciência e gentileza nos momentos de orientação, agradeço pela compreensão e pelo apoio dispensados;

À Coordenadora do curso, professora Dr^a. Laurênia Souto Sales, pelo incentivo em momentos difíceis;

Às professoras doutoras Marineuma de Oliveira Costa Cavalcanti e Moama Lorena de Lacerda Marques, pelas contribuições concedidas no Exame de Qualificação e demais professores e professoras da turma 4 do Mestrado Profissional em Letras, pelo comprometimento na formação docente com qualidade;

Aos colegas de mestrado, pela vivência, pelo compartilhamento de experiências nos estudos e trabalhos realizados, em especial, à Alexsandra Morais Maia, Marinaldo de Souza Silva e Paula Cristina Gomes pela amizade desenvolvida e palavras de ânimo;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES), pelo apoio financeiro tão relevante para a realização do curso.

Aos professores, diretora e funcionários do turno matutino da Escola Estadual Dr. João Gonçalves de Azevedo, pela colaboração na aplicação do estudo.

Aos queridos alunos que se aventuraram com alegria e determinação neste percurso da escrita dos contos e do livro Contos de Ficção Científica da turma.

PRODUÇÃO TEXTUAL A PARTIR DO GÊNERO CONTO DE FICÇÃO CIENTÍFICA NO OITAVO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

RESUMO

Durante muitas décadas, o ensino da língua materna no Brasil esteve centralizado na gramática normativa com vistas à assimilação das regras da norma culta. Nessas circunstâncias, a produção escrita ocorria de forma descontextualizada da realidade dos alunos, sem funcionalidade, e por isso, desinteressante. Partindo desse pressuposto, o presente estudo de caráter intervencionista e etnográfico teve como objetivo desenvolver a produção textual a partir do gênero conto de ficção científica, aplicado em uma turma do 8º ano do Ensino Fundamental, composta por vinte e cinco alunos, de uma escola estadual do município de Pitimbu- PB e apresentar os resultados obtidos. A aplicação desse estudo levou em consideração os aspectos discursivos e composicionais do referido gênero, a partir de uma perspectiva processual da produção textual. Para a fundamentação teórica, recorremos, principalmente a Bakhtin (2011) e a Marcuschi (2007, 2008), no que diz respeito à concepção sociointeracionista da linguagem e dos gêneros discursivos/textuais, bem como a Lopes Rossi (2011) para a proposta de atividades didáticas sequenciadas. Além disso, apropriamo-nos das contribuições dos estudos de Marcuschi (2007, 2008), de Antunes (2009, 2017) e de Koch e Elias (2017) acerca do ensino da produção escrita na sala de aula, de Cortázar (2011), Gotlib (1990), Magalhães Júnior (1972), Massaud (2006), Piglia (2004) e Dutra (2009) nas abordagens literárias sobre o conto e a ficção científica. Nessa investigação, o objeto de análise foram os contos de ficção científica produzidos pelos educandos na finalização da sequência didática. Assim, do nosso *corpus* de análise foram selecionados 6 (seis) contos de ficção científica que apresentaram maiores inadequações referentes aos elementos constitutivos do gênero, em duas versões: na sua primeira versão e na última, totalizando 12 (doze) textos. Efetivamos uma análise comparativa entre as produções iniciais e as últimas versões, contemplando os elementos discursivos e composicionais do gênero conto para constatação da superação das dificuldades apresentadas na primeira produção. Os resultados obtidos demonstraram que esse estudo interventivo, cuja culminância foi o lançamento do livro Contos de Ficção Científica, contribuiu para o desenvolvimento da produção textual dos educandos.

Palavras-chave: Escrita. Sequência didática. Gênero conto. Ficção científica.

TEXTUAL PRODUCTION FROM THE SCIENCE FICTION GENRE IN THE EIGHTH GRADE OF ELEMENTARY SCHOOL

ABSTRACT

For many decades, the teaching of the mother tongue in Brazil was centered on normative grammar with a view to assimilating the rules of the cultured norm. In these circumstances, written production occurred in a decontextualized way of the students' reality, without functionality, and therefore, uninteresting. Based on this assumption, the present study of interventionist and ethnographic character had as objective to develop the textual production from genre of science fiction tale applied in a group of the 8th year of elementary school, composed of twenty five students, of a state school of the municipality of Pitimbu- PB and present the obtained results. The application of this study took into account the discursive and compositional aspects of this genre, from a procedural perspective of textual production. For the theoretical basis, we refer, mainly to Bakhtin (2011) and Marcuschi (2007, 2008), , as well as Lopes Rossi (2011) for the proposal of sequenced teaching activities. In addition, we take advantage of the contributions of Marcuschi (2007, 2008), Antunes (2009, 2017) and Koch and Elias (2017) about the teaching of written production in the classroom, from Cortázar (2011) Gotlib (1990), Magalhães Júnior (1972), Massaud (2006), Piglia (2004) and Dutra (2009) in literary approaches on short stories and science fiction. In this investigation, the object of analysis was the stories of science fiction produced by the students in the conclusion of the didactic sequence. Thus, from our corpus of analysis, we selected 6 (six) short stories of scientific fiction that presented greater inadequacies regarding the constituent elements of the genre, in two versions: in its first version and in the last one, totalizing 12 (twelve) texts. We performed a comparative analysis between the initial productions and the last versions, contemplating the discursive and compositional elements of the genre tale to verify the overcoming of the difficulties presented in the first production. The results showed that this interventional study, whose culmination was the launching of the book "Tales of Science Fiction", contributed to the development of the textual production of the students.

Keywords: Writing. Didactic sequence. Genre tale. Science fiction.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Elementos caracterizadores dos gêneros discursivos nos PCN	23
Quadro 2 - Estratégias para a produção escrita por Koch e Elias.....	34
Quadro 3 - Etapa do planejamento por Antunes.....	35
Quadro 4 - Questionamentos para levantamento dos conhecimentos prévios	42
Quadro 5 - Atividade de planejamento da escrita do conto de ficção científica	50

LISTA DE SIGLAS

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa

RCEF - Referenciais Curriculares do Ensino Fundamental da Paraíba

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 ESTUDOS SOBRE OS GÊNEROS DISCURSIVOS/TEXTUAIS E O CONTO DE FICÇÃO CIENTÍFICA	16
2.1 Gêneros discursivos/textuais: a tríade e outros aspectos	16
2.2 O ensino da Língua Portuguesa a partir dos gêneros discursivos/textuais	22
2.3 Contos: dando asas à imaginação	24
2.4 Ficção científica	26
2.5 Letramento literário através de contos de ficção científica	28
3 CONCEPÇÕES DE ESCRITA NO CONTEXTO ESCOLAR	31
3.1 A escrita na abordagem prescritiva da língua	31
3.2 A escrita na abordagem sociointeracionista da língua	33
3.3 Sequência didática proposta por Lopes Rossi	36
4 A ESCRITA DO GÊNERO CONTO DE FICÇÃO CIENTÍFICA: PERCURSO METODOLÓGICO.....	39
4.1 Caracterização do estudo	39
4.2 Contextos da pesquisa: delimitação da instituição de ensino e do corpus.....	40
4.3 Sequência didática para a produção textual de contos de ficção científica.....	41
4.3.1 Módulo didático de leitura.....	42
4.3.2 Módulo didático de produção escrita	49
4.3.3 Módulo didático de divulgação do livro Contos de Ficção Científica.....	66
5 ANÁLISE COMPARATIVA: PRODUÇÃO INICIAL E PRODUÇÃO FINAL	68
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS	89
APÊNDICES	91
APÊNDICE A - PLANO DE AULA - MÓDULO I	92
APÊNDICE B - PLANO DE AULA - MÓDULO I	93
APÊNDICE C - PLANO DE AULA - MÓDULO I	94
APÊNDICE D - PLANO DE AULA - MÓDULO I	95
APÊNDICE E - PLANO DE AULA - MÓDULO II	96
APÊNDICE F - PLANO DE AULA - MÓDULO II	97
APÊNDICE G - PLANO DE AULA - MÓDULO II	98

APÊNDICE H - ATIVIDADE DE PLANEJAMENTO DA ESCRITA DO CONTO DE FICÇÃO CIENTÍFICA	99
APÊNDICE I - ATIVIDADE 3: DISCURSO DIRETO E TÍTULO	100
APÊNDICE J – ATIVIDADE 4: CONCORDÂNCIA VERBAL E CONCORDÂNCIA NOMINAL	101
APÊNDICE K – LIVRO CONTOS DE FICÇÃO CIENTÍFICA	102
ANEXOS	130
ANEXO A – TEXTO: PLANETAS HABITADOS (ANDRÉ CARNEIRO) E ATIVIDADES	131
ANEXO B – TEXTO: O INSPETOR (JORGE LUIZ CALIFE) E ATIVIDADES	134
ANEXO C – FILME: AVATAR DO DIRETOR JAMES CAMERON (2009)	145
ANEXO D – TEXTO: O TERCEIRO MUNDO (JORGE LUIZ CALIFE)	146
ANEXO E – ATIVIDADE 1: ASPECTOS CONSTITUINTES DO GÊNERO CONTO DE FICÇÃO CIENTÍFICA	152
ANEXO F - ATIVIDADE 2: TEXTUALIDADE: COERÊNCIA E COESÃO TEXTUAIS	154

1 INTRODUÇÃO

Durante décadas, o ensino da língua materna esteve centralizado na gramática normativa. A ênfase recaía sobre as regras da norma culta e da ortografia, em um prisma reducionista do ensino da palavra e da frase, dissociadas de um contexto comunicativo, com limitado espaço para a leitura e a escrita.

Nessa conjuntura, o trabalho com a escrita consistia em atividades para criação de listas de palavras soltas ou para a formação de frases, que, por estarem isoladas do contexto comunicativo, tornavam-se desprovidas de sentido. Atividades desse tipo obstruem a capacidade expressiva dos alunos, pois desconsideram os aspectos sociais, históricos e cognitivos da língua.

Nos anos oitenta e noventa, do século XX, com os estudos da linguística enunciativa, sob a influência da concepção sociointeracionista da linguagem, o ensino da língua materna tomou outro cerne. Voltou-se para os gêneros discursivos/textuais¹ como veiculadores de novas práticas de ensino, visando ao desenvolvimento da competência discursiva e textual dos educandos, ao lidarem com os diversos textos que circulam na sociedade. Assim, o ensino da língua deve ser mediado por textos.

Esse novo paradigma foi corroborado nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (BRASIL, 1998). Nesse documento oficial, o texto é reconhecido como a unidade de ensino, com a utilização da diversidade dos gêneros, para o desenvolvimento da competência discursiva que possibilite o uso da língua de forma variada, bem como a produção de sentidos nas diversas situações de interlocução oral ou escrita.

No entanto, apesar do consenso entre teóricos e documentos oficiais do ensino a partir de textos, ainda persiste, em muitas aulas de português, uma prática com abordagem tradicional com foco nas regras normativas. Nesse contexto, a produção textual torna-se uma exigência para fins avaliativo, e por isso, desinteressante, que não contribui para o desenvolvimento da habilidade escritora dos alunos.

Diante dessa realidade, percebemos a necessidade de um redirecionamento do ensino da produção textual nas aulas da língua materna com a abordagem sociointeracionista da linguagem e das metodologias de ensino que concebam o texto como um processo discursivo, que requer várias etapas, desde o planejamento, a escrita, a revisão e a reescrita do texto.

¹ Para alguns autores, há distinção entre as expressões gêneros do discurso ou gêneros discursivos e gêneros textuais. Neste estudo, consideramos um termo pelo outro, sem nos prendermos aos conceitos e às distinções das referidas nomenclaturas e adotaremos na maior parte a expressão gêneros discursivos/textuais.

Ao longo dos seis anos de experiência como professora da Língua Portuguesa, tenho percebido a dificuldade dos discentes nos momentos de produção textual. Essa experiência foi iniciada em 2012, por meio da conclusão do curso de Licenciatura em Letras pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB e aprovação no processo seletivo para o quadro efetivo de professores da língua materna do referido Estado. Em busca de qualificação e de formação continuada, em 2016, esse anseio foi concretizado mediante aprovação na seleção do Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, no *Campus IV* da UFPB.

Nesse contexto, o presente estudo tem como objetivo geral contribuir para o aprimoramento da competência escrita de alunos do 8º ano do ensino fundamental de uma escola estadual, localizada na cidade de Pitimbu, litoral sul do Estado da Paraíba, a partir de atividades sequenciadas com o gênero discursivo/textual conto de ficção científica.

Em meio à diversidade de gêneros discursivos/textuais presentes nas práticas sociais, o gênero conto de ficção científica foi escolhido para a realização desse estudo etnográfico e intervencionista por sua atratividade para o público a que se destina. A escrita de narrativas para alunos da faixa etária de 12 a 14 anos permite que o aluno dê asas à imaginação e a produção textual ocorra de uma forma mais objetiva. Além disso, permite que os alunos desenvolvam sua autoria, conscientes de que seus textos terão leitores da escola e da comunidade local.

No tocante ao *corpus* do nosso estudo, pensado inicialmente, em 25 (vinte e cinco) textos, uma vez que todos aceitaram participar da nossa investigação, sendo autorizados pelos pais e/ou responsáveis para colaborarem com ela, mas 3 (três) não participaram de todas as atividades do Projeto. Assim, do nosso *corpus* de análise foram selecionados 6 (seis) contos de ficção científica que apresentaram maiores inadequações referentes aos elementos constitutivos do gênero em duas versões: na sua primeira versão e na última, totalizando 12 (doze) textos.

Diante do exposto, têm-se como objetivos específicos deste estudo: efetivar uma proposta de intervenção através de um projeto de produção escrita do gênero conto de ficção científica; motivar o gosto pela leitura literária; mostrar a estrutura composicional do gênero conto de ficção científica (composição, conteúdo temático e estilo) associado aos aspectos sociodiscursivos; analisar as primeiras e as últimas produções escritas pelos alunos e divulgar as produções textuais dos educandos através de um livro de contos de ficção científica.

Para a nossa fundamentação teórica, recorreremos, principalmente a Bakthin (2011) e a Marcuschi (2007, 2008), no que diz respeito à concepção sociointeracionista da linguagem e de gêneros discursivos/textuais, bem como a Lopes Rossi (2011) para a proposta de atividades didáticas sequenciadas. Além disso, apropriamo-nos das contribuições dos estudos de

Marcuschi (2007, 2008), Antunes (2009, 2017) e Koch e Elias (2017) acerca do ensino da produção escrita na sala de aula, de Cortázar (2011), Gotlib (1990), Magalhães Júnior (1972), Massaud (2006), Piglia (2004) e Dutra (2009) nas abordagens literárias sobre o conto e a ficção científica.

A organização do nosso estudo, que obteve o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES)², além de dispor desta introdução, apresenta cinco capítulos. No primeiro, discorremos sobre os gêneros discursivos/textuais e seus elementos caracterizadores: tema, forma composicional e estilo; o ensino da Língua Portuguesa a partir dos gêneros; a origem e as discussões teóricas sobre o conto e as características das narrativas de ficção científica.

No segundo capítulo, abordamos as concepções de escrita no contexto escolar a partir de duas perspectivas: prescritiva e sociointeracionista da língua. Toda prática pedagógica de ensino da língua materna contém uma determinada concepção de língua, mesmo que não possa estar explícita, ainda assim está presente de forma intuitiva.

No terceiro capítulo, apresentamos o percurso metodológico delineado para a realização deste trabalho. Iniciamos o percurso com a caracterização do processo etnográfico e intervencionista; apresentação do contexto através da delimitação do *corpus* e do estabelecimento de ensino; discorremos sobre a proposta de intervenção, seguindo o modelo de sequência didática, proposto por Lopes Rossi (2011), para a produção escrita de gêneros discursivos em sala de aula; explicitando o módulo didático de leitura, em seguida o módulo didático de produção textual desde a primeira versão com identificação e análise das dificuldades referentes aos aspectos caracterizadores do gênero, a textualidade (coesão) e os elementos linguísticos até a última versão e o módulo didático de divulgação ao público.

No quarto, procedemos à análise comparativa entre as produções iniciais e as últimas versões, para verificação da superação ou permanência das dificuldades encontradas pelos discentes durante o processo de produção textual.

Por fim, no quinto e último capítulo, tecemos as considerações finais, comentando sobre os resultados alcançados com a intervenção e a significância das atividades sequenciadas desenvolvidas para uma participação mais significativa e motivada dos alunos na aprendizagem

² O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

"This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) Finance Code 001".

do gênero em foco, bem como para o ensino da produção textual mediado pelos gêneros discursivos/textuais.

2 ESTUDOS SOBRE OS GÊNEROS DISCURSIVOS/TEXTUAIS E O CONTO DE FICÇÃO CIENTÍFICA

Neste capítulo, discorreremos sobre o conceito de gêneros discursivos/textuais em uma concepção sociointeracionista da linguagem, entendida como atividade interativa que enfatiza o dialogismo como aspecto fundador da língua, e não mais a centralidade da forma ou do sistema. Para tanto, recorreremos a teóricos como Bakhtin (2011) e Marcuschi (2007, 2008). Em seguida, abordaremos os elementos caracterizadores dos gêneros discursivos/textuais: tema, forma composicional e estilo segundo as contribuições de Bakhtin (2011), Marcuschi (2008), e as diretrizes do ensino de Língua Portuguesa a partir dos gêneros nos PCN (BRASIL, 1998). Finalizaremos o capítulo com os estudos de Cortázar (2011), Gotlib (1995), Magalhães Júnior (1972), Massaud (2006) e Piglia (2004), para refletirmos sobre o gênero conto e Dutra (2009), para apresentar um breve histórico da literatura de ficção científica e de sua temática.

2.1 Gêneros discursivos/textuais: a tríade e outros aspectos

O estudo sobre os gêneros discursivos/textuais não é recente. Segundo Marcuschi (2008), remonta a uns vinte e cinco séculos com Platão (notadamente os gêneros literários), firmando-se através de Aristóteles, seguindo por todos os períodos históricos até início do século XX. Hoje, o entendimento de gênero ampliou-se para além da literatura, referindo-se a qualquer tipo de discurso falado ou escrito.

Ainda segundo Marcuschi (2008), é através de Aristóteles, no terceiro capítulo do livro Retórica [1358a], que aparece de forma mais sistemática uma teoria sobre os gêneros e sobre a natureza do discurso. Segundo Aristóteles, o discurso é composto por três elementos: aquele que fala, aquilo sobre o que se fala e aquele a quem se fala. Segundo esse estudioso, existem três tipos de ouvintes no discurso, que podem operar como: um espectador que contempla o presente, como uma assembleia que contempla o futuro ou como um juiz que julga a respeito de coisas passadas (*apud* MARCUSCHI, 2008 p. 147- 148).

A partir dessas três espécies de julgamento, Aristóteles correlaciona três gêneros do discurso retórico: discurso deliberativo, discurso judiciário e o discurso demonstrativo (epidítico). Na perspectiva funcional, o discurso deliberativo convém para aconselhar ou desaconselhar, apontando-se para o futuro por sua natureza exortativa; o discurso judiciário, por sua vez, tem por objetivo a acusação ou a defesa e volta-se para o passado; o discurso demonstrativo, com seu caráter de elogio ou censura, centra-se na ação presente.

A concepção de Aristóteles acerca das estruturas e estratégias dos gêneros foi bastante aprofundada na Idade Média. Fundamentou o desenvolvimento da retórica e o surgimento da tradição estrutural com a distinção entre a epopeia, a tragédia e a comédia.

Atualmente, o estudo dos gêneros discursivos/textuais está em voga, como bem afirma Marcuschi (2008), mas em uma visão diferenciada do entendimento aristotélico. Estudiosos de várias áreas (literatura, cientistas da cognição, tradutores, retóricos) têm demonstrado interesse pelos gêneros, permitindo, assim, um tratamento multidisciplinar.

Segundo Bakthin (2011), importante filósofo russo que desenvolveu estudos sobre a linguagem, todas as atividades humanas estão atreladas ao uso da linguagem. O uso da língua ocorre em multiplicidade de formas e caráter, não obstante a diversidade de áreas de ação do sujeito. A aplicação da língua dá-se mediante enunciados (orais e escritos) pronunciados pelos integrantes dos diversos campos da atividade humana. Esses enunciados, para (BAKTHIN, 2011, p.261)

refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional.

Assim, cada enunciado conforme Bakthin (2011, p.262), proferido por um ser é individual, no entanto “cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados” que constituem os gêneros do discurso.

Devido à multiplicidade das ações humanas nos campos que se desenvolvem e complexificam, a abundância e a diversidade dos gêneros discursivos/textuais são infinitas. Nessa perspectiva, os gêneros discursivos/textuais são caracterizados pelo enquadramento em determinada estrutura, que são instituídas pelas convenções históricas e sociais originadas a partir das múltiplas áreas da ação humana, nas situações comunicativas de cada falante através da interação verbal.

Considerando a vasta heterogeneidade dos gêneros discursivos/textuais orais ou escritos, desde as réplicas curtas do diálogo no dia a dia, até em situações mais formais, como das instâncias oficiais e manifestações científicas, torna inviável o seu estudo de forma unilateral.

Para Bakthin (2011), a dificuldade em estabelecer a natureza geral do enunciado advém dessa ampla heterogeneidade dos gêneros discursivos/textuais. Ele apresenta os gêneros em dois grupos: primários e secundários. Essa distinção não se refere a diferenças funcionais.

Os gêneros discursivos primários (simples), segundo Bakhtin (2011), originaram-se nas situações comunicativas imediatas do dia a dia, que devido às condições de comunicação imediata, são mais voltados para a oralidade e não precisam ser ensinados, como uma conversa ao telefone, um diálogo entre amigos. Os gêneros discursivos secundários, por sua vez, são complexos, oriundos de uma realidade cultural mais complexa, relativamente mais desenvolvida e organizada. Estes se apresentam, predominantemente, pela escrita, como por exemplo, os dramas, os romances, pesquisas científicas de todas as áreas, os grandes gêneros publicitários.

O estudo da natureza do enunciado e a multiplicidade formal de gênero segundo Bakhtin (2011), nos vários campos da atuação humana, é de suma importância para os estudos da linguística e da filologia. Isso se deve ao fato de que toda pesquisa de determinado material linguístico se media através de enunciados concretos (escritos e orais). Para o autor a desconsideração desses preceitos resulta em formalismo e abstrairmento exagerado, que enfraquecem as relações da língua com a vida. É importante o entendimento de que a língua integra a vida a partir de enunciados concretos, da mesma forma que é mediante os enunciados concretos que a vida adentra na língua. Bakhtin (2011) analisa a complexidade e a importância do enunciado em alguns campos da linguística.

Em relação à estilística, Bakhtin (2011) assevera que todo estilo está diretamente atrelado ao enunciado, que, por ser individual, pode espelhar a individualidade de quem fala ou escreve através do seu estilo individual. No entanto, na maior parte dos gêneros, o estilo individual do falante não é pertinente em seus enunciados. Os gêneros mais adequados à expressão da individualidade são os da literatura de ficção. Nas demais circunstâncias que exigem uma padronização como os documentos oficiais, não há espaço para a manifestação do estilo individual.

Segundo Bakhtin (2011), a ligação básica e indissociável do estilo e do gênero aparece também através dos estilos de linguagem funcionais que correspondem aos estilos de gênero de certas áreas de ação e comunicação humana. De acordo a estipulada função (técnica, científica, oficial, publicística, cotidiana) e estipulada circunstância de comunicação discursiva, típica de cada campo, concebem determinados gêneros, ou seja, certas espécies de enunciados com estilo, tema e composição moderadamente estáveis. Essa relação indissolúvel para Bakhtin (2011, p.266) deve-se ao pressuposto de que:

O estilo é indissociável de determinadas unidades temáticas e – o que é de especial importância – de determinadas unidades composicionais: de determinados tipos de construção do conjunto, de tipos de seu acabamento, de tipos da relação do falante

com outros participantes da comunicação discursiva – com os ouvintes, os leitores, os parceiros, o discurso do outro, etc. O estilo integra a unidade de gênero do enunciado como seu elemento.

Os enunciados e seus tipos, ou seja, os gêneros discursivos/textuais são linhas de difusão entre a história da sociedade e a história da linguagem. Para Bakhtin (2011, p. 268), qualquer fenômeno novo, seja ele lexical, fonético ou gramatical, para integrar o sistema da língua necessitou percorrer um trajeto longo e complexo “de experimentação e elaboração de gêneros e estilos”. É importante salientar que a mudança do estilo de um gênero para outro implica na destruição ou renovação do mesmo.

Bakhtin (2011, p. 270) critica a concepção de linguagem dos formalistas que privilegiavam a função da formação do pensamento, independentemente da comunicação. A ênfase nas unidades da língua, as palavras e as orações, presta-se apenas “à expressão do mundo individual do falante”, sem considerar a necessidade de interação com o outro falante, que assume um papel de ouvinte passivo.

No entanto, Bakhtin (2011) afirma que em qualquer situação comunicativa discursiva, o ouvinte ocupa uma posição responsiva, pois consente ou discorda (total ou parcialmente) do que lhe foi dito. O próprio falante busca uma compreensão ativamente responsiva através de uma participação, uma concordância, uma contradição, uma resposta, etc. Todo o entendimento da linguagem verbal é de essência ativamente responsiva que conduz o ouvinte a tornar-se falante.

O enunciado constitui a real unidade da comunicação discursiva, pois o discurso está condicionado às enunciações concretas dos falantes que são os sujeitos dos discursos. Isso implica como bem assevera Bakhtin (2011, p. 275), na alternância dos sujeitos do discurso:

O falante termina o seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva. O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, precisamente delimitada da alternância dos sujeitos do discurso, a qual termina com a transmissão da palavra ao outro, por mais silencioso que seja o “dixi” percebido pelos ouvintes [como sinal] de que o falante terminou.

Essa peculiaridade do enunciado segundo Bakhtin (2011), não se aplica à oração enquanto unidade da língua, pois está atrelada a sua natureza gramatical e as fronteiras gramaticais, não está delimitada pela alternância dos sujeitos do discurso, está desprovida do contato direto com a realidade através da situação extraverbal, bem como da plenitude semântica e da capacidade de gerar resposta.

A segunda peculiaridade do enunciado identificada por Bakhtin (2011) é a conclusibilidade. Ela constitui um tipo de dimensão interna da alternância dos sujeitos do discurso quando o falante disse (ou escreveu) tudo o que desejou expressar em certo momento.

A terceira e mais importante peculiaridade do enunciado destacada por Bakhtin (2011) diz respeito às formas estáveis do enunciado. O desejo discursivo do falante se concretiza inicialmente através da escolha do gênero discursivo/textual. Essa escolha é direcionada pela singularidade de cada campo da atividade discursiva. A intenção discursiva do locutor está permeada da sua individualidade e subjetividade, que necessita ser adaptada ao gênero adotado.

Assim, a nossa fala é mediada pelos gêneros dos discursos, ou seja, todos os enunciados têm formas moderadamente estáveis e específicas do todo. Para Bakhtin (2011, p. 275), encontramos à nossa disposição uma diversidade de gêneros orais (e escritos) que é:

determinada pelo fato de que eles são diferentes em função da situação, da posição social e das relações pessoais de reciprocidade entre os participantes da comunicação: há formas elevadas, rigorosamente oficiais e respeitadas desses gêneros, paralelamente a formas familiares, e além disso de diversos graus de familiaridade.

A escolha dos gêneros discursivos, por sua vez é determinada segundo Bakhtin (2011), pelas atividades do sujeito do discurso (ou autor) com focalização no objeto e no sentido. Essa situação inicial do enunciado é que define as suas particularidades estilístico-composicionais. O segundo elemento determinante da composição e do estilo do enunciado é o caráter expressivo, que diz respeito à ligação subjetiva e valorativa do locutor com o conteúdo e o sentido do seu enunciado. É relevante ressaltar que não existe enunciado neutro.

Uma característica essencial do enunciado destacada por Bakhtin (2011) é o seu direcionamento ao outro, isto é, o seu endereçamento. Diferentemente das unidades significativas da língua (palavras e orações) que não possuem endereçamento e por isso, são impessoais, o enunciatador possui autor e destinatário.

Marcuschi (2008) também compartilha essa visão, ao considerar impossível a ocorrência de comunicação verbal sem determinado gênero, como também é impossível comunicar-se senão por algum texto. Isso se deve ao fato de que toda expressão verbal é mediada por algum gênero textual. O autor ressalta que utiliza a expressão gênero textual de forma intercambiável a gênero do discurso, fundamentado nos pressupostos teóricos de Bakhtin.

Assim, os gêneros textuais, conforme Marcuschi (2008, p. 155), referem-se aos textos materializados nas diversas situações comunicativas e apresenta o seguinte conceito:

são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas.

É relevante fazermos uma distinção entre gênero textual e tipo textual. O gênero textual, como foi expresso anteriormente, remete a “textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica” (MARCUSCHI, 2007, p. 23). O tipo textual denomina “uma espécie de sequência teoricamente definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempo verbais, relações lógicas)” (MARCUSCHI, 2007, p. 23).

A caracterização do tipo textual dá-se bem mais como sequências linguísticas do que como textos materializados, podendo ser entendidos como modos textuais que abrangem um reduzido número de categorias (narração, argumentação, exposição, descrição, injunção). Adam (1992) acrescenta mais uma tipologia a essas cinco elencadas, a dialogal, que tem a função de “apresentar uma conversa” (*apud* CAVALCANTE, 2017, p. 62).

Geralmente, um texto contém diferentes sequências: “aspectos como a extensão, a complexidade e os diferentes propósitos comunicativos indicam que há naturalmente uma inclinação à combinação de sequências textuais, o que torna o texto heterogêneo” (CAVALCANTE, 2017, p. 62).

Portanto, não existe uma dicotomia entre gênero e tipo textual, mas uma relação de complementaridade, pois “todos os textos realizam um gênero e todos os gêneros realizam sequências tipológicas diversificadas” (MARCUSCHI, 2008, p. 160). O conto, por exemplo, é um gênero textual que em sua tipologia apresenta sequências narrativas, descritivas e dialogal.

Outra distinção importante ao trabalharmos com gênero textual é entre domínio discursivo e suporte. Asseverando o conceito bakhtiniano de “uma esfera da atividade humana”, Marcuschi (2008) esclarece que o domínio designa instâncias discursivas como discurso jornalístico, discurso político, discurso religioso, discurso jurídico. Não abarca um gênero determinado, mas origina vários deles, uma vez que os gêneros são institucionalmente apresentados. Assim, consistem nas práticas discursivas nas quais podemos reconhecer um grupo de gêneros textuais que lhe são peculiares ou distintos como práticas comunicativas legitimadas e promotoras de relações de poder.

O suporte diz respeito ao “lôcus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto” (MARCUSCHI, 2008, p. 174). O autor destaca três aspectos que facilitam o entendimento desse conceito: é um lugar (físico ou virtual), tem formato específico (tal como um livro didático, uma revista, um outdoor) e serve para fixar e mostrar o texto.

Para Marcuschi (2008, p. 177) existem dois tipos de suporte: convencional e incidental. Os suportes convencionais são os que foram concebidos para “a sua função de portarem ou fixarem textos”, como por exemplo, o jornal (diário), o livro didático, revista semanal ou mensal, revista científica, rádio, televisão, telefone, quadro de avisos, outdoor, encarte, luminosos e faixa. Os suportes incidentais são aqueles ocasionais ou eventuais, como o corpo humano quando pessoas tatuam uma imagem, uma frase, o nome de um ente querido, embalagem, para-choques e para-lamas de caminhão, roupas, paredes, muros, fachadas, etc.

É importante para nossa proposta de produção textual de narrativas de ficção científica pelos educandos tratarmos um pouco sobre a origem e características do conto.

2.2 O ensino da Língua Portuguesa a partir dos gêneros discursivos/textuais

Desde os anos oitenta e noventa, do século XX, com os estudos da linguística enunciativa, sob a influência da concepção sociointeracionista da linguagem, o ensino da língua materna na busca de melhoria, tem tomado outro direcionamento. A reflexão sobre a língua, segundo Marcuschi (2008, p. 21), anteriormente centrada no domínio da estrutura, volta-se para o “campo do discurso em seu contexto sociointerativo”. Isso se deve ao fato da linguagem ser concebida pelos interacionistas, principalmente, como forma de ação, uma vez que o enunciado constitui a unidade material de toda ação comunicativa em contextos sociais reais.

Nas interações entre os sujeitos de uma língua, como bem afirma Marcuschi (2008), a utilização da linguagem não é feita apenas para expressão de um pensamento, mas como forma de ação sobre o outro em situações reais de uso, mediante os gêneros e discursos produzidos e recebidos nas diversas práticas sociais. Nesse sentido, para uma efetiva participação social, faz-se necessário a apreensão da linguagem nos aspectos discursivos e cognitivos e da língua utilizada por uma comunidade linguística.

Essa concepção interacionista está presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (BRASIL, 1998, p.20-21) do terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental ao asseverar que a interação pela linguagem “significa realizar uma atividade discursiva: dizer alguma coisa a alguém, de uma determinada forma, num determinado contexto histórico e em determinadas

circunstâncias de interlocução”, Isso implica que as escolhas feitas por um sujeito ao produzir um discurso não são aleatórias, mas resultantes das condições em que o discurso é realizado.

As demandas sociais da atualidade requerem níveis de leitura e de escrita diferentes do ensino tradicional das décadas anteriores pautado em “análise de estratos - letras/fonemas, sílabas, palavras, sintagmas, frases - que, descontextualizados, são normalmente tomados como exemplos de estudo gramatical e pouco têm a ver com a competência discursiva” PCN (BRASIL, 1998, p. 23). Faz-se necessário uma revisão significativa dos métodos de ensino e à implementação de práticas que possibilitem a ampliação da competência discursiva do educando nas situações interlocutivas. Nessa percepção, o texto constitui a unidade essencial do ensino.

A produção de discursos é manifestada linguisticamente por meio de textos como afirma os PCN (BRASIL, 1998). O texto é o resultado de qualquer atividade discursiva, seja oral ou escrita, que forma um todo significativo, ou seja, é uma sequência verbal formada por um conjunto de relações que se instituem a partir da coesão e da coerência. Em outras palavras, a compreensão como unidade significativa global é condição para o reconhecimento de um texto.

Segundo os PCN (1998), todo texto se constitui dentro de determinado gênero em razão das intenções comunicativas, em seus usos sociais e como parte das situações de produção dos discursos. Esse documento oficial adota as contribuições dos estudos de Bakhtin ao conceituar os gêneros como formas relativamente estáveis de enunciados determinados historicamente e dos seus elementos caracterizadores:

QUADRO 1 Elementos caracterizadores dos gêneros discursivos nos PCN

• “conteúdo temático: o que é ou pode tornar-se dizível por meio do gênero;
• construção composicional: estrutura particular dos textos pertencentes ao gênero;
• estilo: configurações específicas das unidades de linguagem derivadas, sobretudo, da posição enunciativa do locutor; conjuntos particulares de seqüências que compõem o texto etc.”

Fonte: (PCN, p. 21, 1998)

A diretriz do ensino da língua materna a partir dos gêneros discursivos/textuais também está presente nos Referenciais Curriculares do Ensino Fundamental (RCEF, 2010) da Paraíba. Esse documento, elenca os gêneros discursivos/textuais associado aos letramentos, práticas sociais mediadas pela leitura e pela escrita, como o eixo orientador para as ações em sala de

aula. Nesses referenciais, o trabalho com os gêneros em uma perspectiva de letramentos conduz a valorização da diversidade cultural, bem como a possibilidade de convivência equilibrada.

Assim, o ensino da língua materna corroborado nos documentos oficiais deve ser mediado a partir da diversidade dos gêneros discursivos/textuais para o desenvolvimento da competência discursiva dos educandos que possibilite a utilização da língua de forma variada, bem como a produção e compreensão de textos orais e escritos nas diversas práticas sociais.

É importante para nossa proposta de produção textual de narrativas de ficção científica tecermos algumas considerações sobre a origem e características do gênero conto.

2.3 Contos: dando asas à imaginação

Desde as sociedades primitivas, as pessoas desenvolveram o hábito de contarem e ouvirem histórias. Em nossos dias, muitos em ambientes familiares ou em rodas de amigos compartilham ideias, conversam sobre as últimas notícias e contam casos.

O conto é a mais remota e generalizada expressão da literatura de ficção. Segundo Magalhães Júnior (1972), remonta entre povos antes mesmo do conhecimento da linguagem escrita. Na forma oral, ainda existe entre os índios quando narram histórias de lendas, de bichos e de mitos. Embora não seja possível precisar o início do conto popular, Gotlib (1995) afirma que os contos mais antigos – os contos egípcios dos mágicos – devem ter despontado por volta de 4 000 anos antes de Cristo.

O conto popular esteve presente na Grécia desde o primórdio de sua civilização. Uma das primeiras compilações de contos conhecida, segundo o escritor espanhol Juan Valera, é a de Partênio de Nicéia, poeta e gramático grego, que chegou a reunir trinta e seis histórias no livro *Aventuras de amor*, conforme (*apud* MAGALHÃES JÚNIOR, 1972). No entanto, o escritor espanhol explica que os contos estavam mostrados como anedotas e façanhas pessoais.

Na Idade Média, havia uma confusão entre conto, anedota, fábula, parábola, exemplos morais, novela e romance, assevera Magalhães Júnior (1972). Para o autor, nesse período, na França, apareceram os *fabliaux*, forma nascente do conto, composta por histórias populares, ou pequenas fábulas em verso que corresponderiam as *ballads*, ou baladas da Escócia, da Inglaterra. Essas baladas, normalmente breves “descreviam um simples episódio, em que a ação era predominante” (MAGALHÃES JÚNIOR, 1972, p.10). Dos *fabliaux*, baladas, o conto passou a ser produzido em prosa, inicialmente sem preocupação artística.

A afirmação da categoria estética do conto ocorreu, segundo Gotlib (1995) e Massaud (2006), a partir do século XIV, com os contos eróticos de Bocaccio, no seu *Decameron* (1335), em ruptura ao moralismo didático e os *Canterbury tales* (1386) de Chaucer.

No fim do século XVII, aparecem os contos de Charles Perrault, conhecidos como contos da mãe gansa. O conto se expande no século XIX, conforme Gotlib (1995), marcado pela valorização da cultura medieval, pela busca do folclórico e do popular, pela expansão da imprensa, que veiculou a publicação de contos nos jornais e nas revistas. Esse contexto permitiu o surgimento do conto moderno “quando, ao lado de um Grimm que registra contos e inicia o seu estudo comparado, um Edgar Allan Poe se afirma enquanto contista e teórico do conto” (GOTLIB, 1995, p.7).

No início do século XIX, segundo Moisés (2006), o conto experimenta uma fase de apogeu. O estágio de “forma simples” é deixado para dar lugar à busca da “forma artística”, passando ao patamar do literário. Assim, “ganha estrutura e andamento característicos, compatíveis com sua essência e seu desenvolvimento histórico, e transforma-se em pedra de toque para não poucos ficcionistas” (MOISÉS, 2006, p.34).

O objetivo dessa forma de ficção literária é a narração de uma história, que “tanto pode ser breve como relativamente longa, mas obedecendo, num e noutro caso, a certas características próprias do gênero” (MAGALHÃES JÚNIOR, 1972, p.10). O conto consiste em uma narrativa linear, uma vez que não tem a preocupação de aprofundamento das motivações das personagens, tão pouco das suas características psicológicas, mas devem ser explicitadas pela conduta dos mesmos.

Dentre as características elencadas pelos críticos e ensaístas literários para o conto em diferenciação ao romance temos: enquanto o conto é episódico, o romance expõe uma sucessão de episódios. Outra diferenciação apresentada por Magalhães Júnior (1972, p.11) é que: “o conto geralmente narra um acontecimento pretérito, ao passo que o romance historia um acontecimento ou série de acontecimentos no tempo presente, à medida que se desenrolam”. Devido à confusão entre as denominações do conto, novela e romance no passado, algumas histórias breves eram designadas romances pelos próprios autores, como algumas escritas por Voltaire.

Somente no século XIX, conforme Magalhães Júnior (1972), é que o conto adquiriu características literárias com o aparecimento de grandes cultores como Ernst Theodor Wilhelm Hoffmann, na Alemanha; Allan Poe, nos Estados Unidos, inovando com o conto policial; Hans Christian Andersen dignificando o conto infantil na Dinamarca e Machado de Assis, famoso contista brasileiro.

Uma parte significativa dos estudiosos do conto ressaltam a importância de uma experiência até difícil para se escrever boas histórias, na observação de critérios literários, talento. Conforme Moisés (2006, p. 40): “O conto é, pois, uma narrativa unívoca, univalente: constitui uma unidade dramática, uma célula dramática, visto gravitar ao redor de um só conflito, um só drama, uma só ação”. É possível encontrarmos no conto a procura de uma experiência singular que possibilita a percepção de “uma verdade secreta” (PIGLIA, 2004, p.43).

Segundo a tradição, Adam (2001) aponta as seguintes condições para uma construção narrativa: sucessão de eventos no tempo com a manutenção de uma unidade temática a partir da transformação de requisitos, em relação de casualidade; pelo menos um personagem antropomorfo, isto é, com representação humana; uma organização de acontecimentos contendo um conflito ou uma intriga, que se conduzirá de alguma maneira para uma resolução; um juízo de valor ou opinião ou ponto de vista e o traço da verossimilhança (apud WACHOWICZ, 2012, p.56-57).

Em uma direção contrária a esse cuidado literário na escrita de contos, estão alguns contistas modernos, que asseveram o abandono de regras definidas e modelos. Exemplo disso é a recomendação de William Saroyan, um dos inovadores do conto americano, para “esquecer Edgar Alan Poe, O. Henry e todos os que escreveram o que quer que seja, a fim de que cada qual possa compor o tipo de conto de que se sinta capaz” (apud MAGALHÃES JÚNIOR, 1972, p. 23). Cortázar (2011) ratifica esse pensamento, ao defender que não deve existir a pretensão de conhecimento das leis do conto para que se inicie a escrita de um conto, mesmo porque tais leis não existem.

No próximo tópico, apresentamos um breve histórico da literatura de ficção científica e de sua temática.

2.4 Ficção científica

A literatura de ficção científica, segundo Dutra (2009), emergiu no contexto da Revolução Científica e da Revolução Industrial, que decorreram entre o século XVII e o século XIX. Essas revoluções veicularam mudanças significativas na história da humanidade. Nesse período, a ciência passou por grandes descobertas e invenções que implicaram em uma nova visão de mundo. As relações sociais também sofreram influência das tecnologias, uma vez que o trabalho artesanal foi substituído pelas máquinas industriais, ocasionando o surgimento da classe do proletariado.

Nessa realidade de transformações é que desponta, na Europa do século XIX, o gênero literário de ficção-científica. Essa terminologia surgiu pela primeira vez, conforme Dutra (2009), através do americano Hugo Gernsback nos anos 20, que foi escritor desse gênero e editor da revista *Amazing Stories*. Naquele século, os dois principais expoentes da ficção científica foram o francês Julio Verne, com as obras sobre viagens fantásticas à lua, ao centro da terra e ao fundo do mar e o britânico H.G. Wells, com suas invasões extraterrenas, viagens no tempo e homens invisíveis.

Um breve resumo da história do gênero de ficção científica é apresentado por Raul Fiker (1985, p. 73):

A história da FC [ficção-científica] é curta e suas fases se sucedem rapidamente. Durante os anos, apesar do elã positivista de Gernsback, o gênero está misturado ao fantástico: é a época de H.P. Lovecraft e da *space opera*. Nos anos 30, a FC propriamente dita vai se estabelecendo lenta, mas firmemente; em 38 já há cinco revistas americanas especializadas, em 39, treze, e em 41, vinte e duas. Nos anos 40 a FC já tem as características pelas quais a conhecemos hoje (*apud* DUTRA, 2009, p. 223).

Para Dutra (2009), a observação feita por Raul Fiker sobre o positivismo de Gernsback está relacionada à percepção otimista do autor de que a ciência teria a resposta para os problemas da humanidade. Esse tipo de abordagem ficou rotulada como um subgênero de ficção-científica denominado *space opera*. Mas pela transformação típica que passa todo gênero literário, a ficção científica passou por mudanças e nos anos 60 surgiram autores com uma proposta questionadora, como Ursula K. Le Guin e Philip K. Dick que abordaram temáticas polêmicas como sexo, drogas, e o uso da tecnologia como recurso para dominação das massas e controle social.

No Brasil, conforme Dutra (2009), o gênero ficção-científica surgiu de forma esporádica entre o final do século XIX e o início do século XX, com Machado de Assis através dos contos *O Imortal* (1882) e Augusto Emílio Zaluar com o romance *O Doutor Benignus* (1875).

No entanto, segundo Bourquignon (2009), foi mediante os esforços de Jerônimo Monteiro que a ficção científica adquiriu maior visibilidade no país, ao publicar, em 1947, *Três Meses no Século 81* e, em 1948, *A Cidade Perdida*. Jerônimo fundou em 1964 a Sociedade Brasileira de Ficção Científica e foi editor do *Magazine de Ficção Científica* (edição brasileira da conceituada revista estadunidense *The Magazine of Fantasy and Science Fiction*) dentre outras ações voltadas para solidificação dessa esfera literária (*apud* DUTRA, 2009).

Outros escritores brasileiros foram emergindo ao longo das décadas, afirma Dutra (2009), como Bráulio Tavares, paraibano que ganhou em Portugal o Prêmio Caminho de

Ficção-Científica com sua coletânea de contos *A Espinha Dorsal da Memória* (1989) e André Carneiro, que hoje faz parte da *Science Fiction & Fantasy Writers of America*, uma organização norte-americana que reúne os melhores escritores de ficção-científica internacionais, que teve a oportunidade de ter seus contos e romances publicados em mais de 10 países. Inclusive Carneiro tem um conto publicado em 1973 na *The Definitive Year's Best Selection*, uma antologia dos melhores contos de ficção-científica do mundo, organizada pela editora norte-americana Putnam.

Segundo Dutra (2009), o jornalista Jorge Luiz Calife conquistou a fama internacional em 1983 ao publicar na Revista Manchete o conto 2002, uma continuação do prestigiado livro de Arthur C. Clarke 2001: Uma Odisséia no Espaço (1968).

Apesar da produção de literatura de ficção-científica no Brasil está sendo cultivada continuamente desde o século XIX, não é ainda reconhecida pelo cânone nacional. Contra essa marginalização, Bráulio Tavares (1985, p.81) comenta:

Fala-se às vezes que o impasse da ficção-científica no Brasil seria a obrigação tácita de se usar idéias científicas importadas, uma vez que a “ciência nacional” ainda é incipiente. Em primeiro lugar não me parece que exista uma ciência “brasileira”, “européia” ou “americana” [...]: existe a Ciência que, encarada como sistema de idéias, pertence à humanidade como um todo. É uma disposição particular do espírito diante das coisas do mundo, e não uma porção de instrumentos piscando, pranchetas e tubos de ensaio; no seu sentido mais amplo ela é uma só – e é tão americana e russa quanto esquimó ou paulista (*apud* DUTRA, 2009, p. 229-230).

A temática da literatura de ficção científica, segundo Silva (1958), na introdução à Antologia Maravilhas da Ficção Científica, pode remeter a mundos desconhecidos, de universos levemente pressentidos, robots e monstros, objetos não identificados, fenômenos estranhos, civilizações e culturas de outros planetas, galáxias, seres extraterrestres, naves espaciais. No entanto, isso não significa uma visão escapista da realidade, mas como mediação simbólica entre a angústia do homem moderno e o mundo tecnológico em que está inserido.

No próximo tópico, refletiremos sobre a contribuição de um trabalho com gêneros literários para o letramento literário dos educandos.

2.5 Letramento literário através de contos de ficção

A Literatura, segundo Cândido (2004), abarca todas as criações com traço ficcional, poético ou dramático de todas as sociedades e suas respectivas culturas. É indispensável pela necessidade diária de fabulação que o ser humano tem. Assim, como o sonho durante à noite é

importante para o equilíbrio psíquico, é a literatura para o equilíbrio social. Por isso, Cândido a concebe como fator de humanização pela atuação no subconsciente e inconsciente.

A literatura tem sido uma ferramenta relevante nas nossas comunidades para instrução e educação, incluída nos currículos, como possibilidade de instrumentalização intelectual e afetiva. Ainda segundo Cândido (2004), pode proporcionar confirmação e negação da realidade, através da literatura sancionada e da literatura transcrita, isto é, a que é apresentada pelos poderes e a que é oriunda dos movimentos de negação. O seu poder consiste em que “Ela não corrompe nem edifica, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (CÂNDIDO, 2004, p. 175).

A humanização para Cândido (2004) é percebida como um processo que assegura no ser humano as peculiaridades primordiais:

como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CÂNDIDO, 2004, p. 180).

A leitura literária é importante para a formação do aluno enquanto um ser social que necessita interagir com o mundo e consigo mesmo. A Literatura ao mesclar a ficção a aspectos da realidade pode mexer com sentimentos, promover entretenimento e questionamentos, despertar a sensibilidade para com o próximo e com a criação. Por isso, ela tem um poder humanizador.

Apesar desse entendimento do poder humanizador da literatura, uma ameaça paira sobre a literatura enquanto disciplina a nível mundial. Para Todorov (2009) o perigo que paira sobre a literatura não está na falta de ficcionistas e poetas bons, mas na maneira que a literatura tem sido apresentada aos jovens, desde o ensino infantil até o ensino superior. Esse perigo advém de um ensino da literatura centrado na teoria, crítica ou escolas literárias, em vez da aprendizagem a partir da leitura dos textos literários. A literatura é percebida mais como uma disciplina de periodização do que um instrumento de conhecimento de si mesmo, dos homens e do mundo.

O ensino da literatura nas escolas brasileiras tem servido para assegurar a formação do leitor no ensino fundamental e, no ensino médio, assimilação pelo leitor da cultura literária nacional. Cosson, em Letramento literário: teoria e prática (2016), reflete sobre a escolarização

da literatura no Brasil. No ensino fundamental, a literatura tem abarcado todo texto escrito que tenha analogia com poesia ou ficção, através de tema e linguagem adaptável aos interesses da escola, do professor e da criança. Esses textos preferencialmente devem ser curtos, atuais e engraçados. Os textos literários ficam relegados às atividades de leitura extraclasse, sob o pressuposto de que o texto literário, por sua linguagem variável e criativa, não ser apropriado para o ensino da leitura na sala de aula.

Diante dessa realidade, no anseio de favorecer o letramento literário dos educandos, realizamos rodas de leitura na sala de aula com os contos de ficção científica trabalhados na sua completude no módulo da leitura. Além da leitura completa dos textos, foi feita leitura antecipatória das imagens e dos boxes informativos de um dos contos, que relataremos mais detalhadamente no quarto capítulo.

Sendo a produção textual o foco desse estudo, é relevante refletirmos sobre as concepções de escrita no contexto escolar.

3 CONCEPÇÕES DE ESCRITA NO CONTEXTO ESCOLAR

Neste capítulo, abordaremos as concepções de escrita que têm permeado as práticas de ensino da produção textual no ambiente escolar ao longo dos anos. A primeira concepção consiste em uma abordagem prescritiva da língua; a segunda, apresenta a visão sociointeracionista da linguagem, que adotamos em nosso trabalho. Recorreremos aos estudos de Antunes (2009), Bezerra (2010), Koch e Elias (2017), Marcuschi (2008) e Passarelli (2012) para refletirmos sobre essas concepções e em Lopes Rossi (2011) para o modelo de Sequência Didática.

3.1 A escrita na abordagem prescritiva da língua

Atualmente, na nossa realidade pós-moderna, vivenciamos diversas situações advindas das práticas sociais que solicitam a escrita, como a produção de listas de compras, bilhete, currículo, *e-mail*, etc. A escrita permeia o nosso viver, constituindo uma necessidade para o desenvolvimento intelectual, profissional e socioeconômico.

A escola tem a função de promover o ensino da escrita, que não é algo fácil de ser executado como bem afirmam Koch e Elias (2017, p.31), uma vez que “a atividade de escrita envolve aspectos de natureza variada (linguística, cognitiva, pragmática, sócio-histórica e cultural) ”.

Diversificados são os entendimentos sobre a prática escritora tanto na escola quanto em outros ambientes sociais segundo Koch e Elias (2017), que a concebem como: atividade de privilegiados, inspiração, expressão do pensamento, dominação das regras da norma culta. Essa amplitude de entendimentos remete à concepção de escrita que está ligada à concepção de linguagem nas práticas trabalhadas em sala de aula.

A concepção de escrita com foco nas regras gramaticais da língua e em um repertório vocabular para uma boa escrita está ligada à concepção da linguagem como expressão do pensamento. Nessa concepção, temos um sujeito delimitado pelo sistema, em que “o texto é visto como simples produto de uma codificação realizada pelo escritor a ser decodificado pelo leitor, bastando a ambos, para tanto, o conhecimento do código utilizado” (KOCH e ELIAS, 2017, p.33). Não há lugar para implicitudes, pois a linguagem é centralizada no locutor, em que a comunicação nesse aspecto constitui um ato monológico.

Essa concepção corrobora o entendimento de que para falar bem e escrever bem, basta utilizar a gramática corretamente. Essa visão tem embasado o ensino tradicional da língua conforme afirma (BEZERRA, 2010, p. 39):

Tradicionalmente, o ensino de língua portuguesa no Brasil se volta para a exploração da gramática normativa em sua perspectiva prescritiva (quando se impõe um conjunto de regras a ser seguido, do tipo concordância verbal e nominal) e também analítica (quando se identificam as partes que compõem um todo, com suas respectivas funções sintáticas dos termos da oração, elementos mórficos das palavras).

As autoras Koch e Elias (2017), dentro dessa perspectiva descritiva da língua, destacam também a escrita com o foco no escritor. Nessa concepção, a escrita é entendida como expressão do pensamento no papel, na qual o sujeito detém o senhorio na comunicação ao transpor para o papel a mensagem desejada, cabendo ao leitor captá-la.

Segundo Travaglia (2002), essa concepção da linguagem como instrumento de comunicação teve início no século XX com as contribuições de Ferdinand de Saussure, em que a língua é vista como um código “um conjunto de signos que se combinam segundo regras e que é capaz de transmitir uma mensagem, informações de um emissor a um receptor” (TRAVAGLIA, 2002, p. 22).

Nessa perspectiva da linguagem como expressão do pensamento, Koch e Elias (2017, p.33) afirmam que “o texto é visto como um produto – lógico - do pensamento (representação mental) do escritor”. Assim, a escrita é concebida como uma prática em que o escritor não leva em consideração os conhecimentos do leitor nem do imprescindível processo de interação. Para Marcuschi (2008), essa concepção da língua como instrumento de expressão do pensamento é de pouca utilidade ao desconsiderar as características mais relevantes da língua, que são a dimensão cognitiva e social.

A adoção de modelos para o ensino da escrita segundo Passarelli (2012), não constitui necessariamente um problema, pois não deve servir apenas para atividades de categorização de textos e cópia, mas para procedimento de recriação. O problema advém da prática escolar quando:

O professor quer levar os estudantes a escrever exatamente como ele ensinou. Isso seria impossível, já que a produção textual não se limita a imitar, reproduzir. Não há porque desconsiderar o modelo, desde que ele não seja um molde ou forma e que dê espaço à criação. (PASSARELLI, 2012, p. 56)

É necessária uma mudança no enfoque do ensino da escrita como bem afirmou Antunes (2009), com a visão do texto como um produto final, destituída de uma função, da autoria e da

recepção. Precisamos levar em consideração a questão processual do texto segundo o paradigma sociointeracionista da linguagem.

3.2 A escrita na abordagem sociointeracionista da língua

A concepção sociointeracionista da língua, conforme Antunes (2009), concebe a linguagem como prática social de interação verbal entre interlocutores em circunstâncias reais e variadas passíveis de atualização. Para Antunes (2009, p. 42), a atualização da língua se dá “a serviço da comunicação intersubjetiva, em situações de atuação social e através de práticas discursivas, materializadas em textos orais e escritos”.

Nessa concepção, conforme as autoras Koch e Elias (2017), a escrita é percebida como produção textual, que para sua efetivação, requer do produtor a estimulação de conhecimentos e a utilização de diversas estratégias. Isso implica que o produtor, quando planeja sua escrita, leva em consideração o seu leitor em um processo interacional.

Diferentemente das concepções prescritivas apresentadas anteriormente, que enfatizam para a produção escrita as regras da língua ou as intenções e os pensamentos do escritor, a concepção sociointeracionista, adotada pela professora-pesquisadora nesse estudo, focaliza a interação escritor-leitor, considerando não só o produtor e suas intenções, mas o leitor como componente constitutivo desse processo.

A atividade da escrita no entendimento de Antunes (2009) constitui uma prática interativa para expressão verbal das ideias, das intenções, das crenças, das informações, dos sentimentos que desejamos externar para alguém em busca de interação. Logo, conforme a autora Antunes (2009, p. 45) “ter o que dizer é, portanto, uma condição prévia para o êxito da atividade de escrever”, uma vez que apenas o conhecimento linguístico (lexical ou gramatical) não é suficiente para a produção escrita. As palavras servem como uma ponte entre o locutor e ouvinte e entre o escritor e o leitor, como bem explicita (BAKTHIN,1995, p.113):

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém como pelo fato de que se dirige para alguém. (...) A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra se apoia sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor.

Nessa perspectiva interacional e discursiva da linguagem, segundo Koch e Elias (2017, p. 34), tanto o escritor quanto o leitor são percebidos como “atores/construtores sociais, sujeitos ativos que – dialogicamente – se constroem e são construídos no texto”. No texto encontramos

implicitudes de vários tipos que só podem ser detectáveis mediante o contexto sociocognitivo dos sujeitos em interação.

Para as autoras Koch e Elias (2017) a escrita é uma atividade que requer do escritor a aplicação de várias estratégias. Para uma melhor vislumbração e sistematização apresentamos-las no QUADRO 2.

QUADRO 2
Estratégias para a produção escrita por Koch e Elias

• ativação de conhecimentos sobre os componentes da situação comunicativa (interlocutores, tópico a ser desenvolvido e configuração textual adequada à interação em foco);
• seleção, organização e desenvolvimento das ideias, de modo a garantir a continuidade do tema e sua progressão;
• “balanceamento” entre informações explícitas e implícitas; entre informações “novas” e “dadas”, levando em conta o compartilhamento de informações com o leitor e o objetivo da escrita;
• revisão da escrita ao longo de todo o processo, guiada pelo objetivo da produção e pela interação que o escritor pretende estabelecer com o leitor.

Fonte: Koch e Elias (2017, p. 34)

Assim, a escrita é concebida como uma das modalidades de uso da língua, como bem afirma Antunes (2009), para cumprir diferenciadas funções comunicativas, estando presente em diversas situações e ambientes das pessoas da nossa sociedade letrada (na família, na escola, no trabalho, como registro do patrimônio histórico, científico e cultural). Portanto, não existe escrita para o nada, isto é, sem funcionalidade.

Além disso, conforme explicita Antunes (2009), é preciso levar em consideração que escrita varia em sua forma devido ao fato de sua funcionalidade está atrelada a sua forma de realização e apresentação. Essa variação leva à utilização de diferentes gêneros discursivos/textuais segundo as realizações linguísticas. A negação desses aspectos implica em uma escrita artificial, sem função, descontextualizada, que busca apenas treinar e para fins avaliativos, e por isso mesmo desinteressante.

Outro fator relevante no trabalho com a escrita, segundo Antunes (2009), é que a produção de um texto escrito não significa apenas o ato de escrever, mas um processo com

várias etapas, dependentes e complementares, que abarcam desde o planejamento, a escrita propriamente dita, até a fase da revisão e reescrita.

A primeira etapa do planejamento apesar de ser desprezada por alguns alunos ao considerá-la perda de tempo, é importante uma vez que possibilita a organização das ideias e a seleção de informações. Antunes (2009) sugere para essa etapa:

QUADRO 3
Etapa do planejamento por Antunes

a. delimitar o tema de seu texto e aquilo que lhe dará unidade;
b. eleger os objetivos;
c. escolher o gênero;
d. delimitar os critérios de ordenação das ideias;
e. prever as condições de seus leitores e a forma linguística (mais formal ou menos formal) que seu texto deve assumir.

Fonte: Antunes (2009, p. 55)

Na seleção dos parâmetros de disposição das ideias, para Antunes (2009), é importante antever como a informação será repartida ao longo do texto, ou seja, qual sequência será adotada, como serão distribuídos os tópicos e subtópicos. Equivale segundo a autora ao delineamento da planta que se almeja construir.

A segunda etapa consiste segundo Passarelli (2012), na tradução das ideias em palavras em que se faz a primeira versão do texto. Nessa etapa, as ideias que foram levantadas no planejamento passarão para o papel, em uma atividade que exige atenção para a organização dos parágrafos, unidades do texto, em conformidade a algumas medidas para a sua construção. De acordo com o pensamento que se objetiva desenvolver, o parágrafo alcança a composição de um parágrafo descritivo, narrativo ou expositivo-argumentativo.

A terceira etapa, a etapa da revisão e da reescrita, equivale ao período para análise do que foi escrito. A revisão para Antunes (2009) advém da leitura do material textual produzido, com a finalidade de examinar de forma detalhada alguns aspectos como: alcance dos objetivos e da concentração da temática almejados, a coerência e a clareza no progresso das ideias, se o texto apresenta encadeamento dos segmentos do texto, se há adequação às normas da semântica e da sintaxe. Nesse momento de revisão, o escritor decide o que precisa ser retirado ou permanecer no texto.

Essas etapas são relevantes para a proficiência escritora. Escritores renomados as exercitam e reconhecem que a boa escrita exige um esforço e organização. É pertinente como bem explicita Antunes (2009), que os professores de língua materna incentivem os educandos desde os anos iniciais do Ensino Fundamental a planejarem sua produção textual, iniciando com a elaboração do esboço, seguida da produção da primeira versão, para em seguida revisar seu texto de forma natural, sem sentimento de culpa em achar que está tudo errado, mas percebendo a reescrita como etapa necessária e previsível.

Nessa concepção sociointeracionista para o ensino da escrita, desenvolvemos esse estudo para a produção textual com os discentes em sala de aula. Para tanto, utilizamos o modelo de sequências didáticas proposto por Lopes-Rossi (2011), com vistas a implementação do Projeto Contos de Ficção Científica.

3.3 Sequência didática proposta por Lopes Rossi

As diretrizes para o ensino da língua portuguesa mediado pelos gêneros discursivos/textuais, corroborado nos PCN (1998) e nos referenciais curriculares do estado (2010), que leve em consideração os propósitos, as condições de produção nas situações sociodiscursivas e de circulação específicos desses gêneros, ainda não têm aplicabilidade marcante no ambiente escolar. É relevante a adoção dessas diretrizes e de modelos reais nas práticas de ensino visando uma aprendizagem da linguagem mais significativa.

O modelo de Sequência didática proposto por Lopes-Rossi (2011) tem sido utilizado com êxito por professores do ensino fundamental e médio na elaboração de Projetos de produção escrita de gêneros discursivos/textuais em várias escolas da rede pública e privada do país.

O Projeto para produção escrita de gêneros discursivos/textuais na escola sugerido por Lopes-Rossi (2011) é composto de três módulos didáticos: o primeiro módulo de leitura para apropriação das características típicas do gênero; o segundo módulo destinado à produção escrita do gênero, de acordo com suas condições de produção típicas; e o terceiro módulo para divulgação ao público, de acordo com a forma típica de circulação do gênero.

O módulo de leitura possibilita que o aluno inicie ou aprofunde o seu conhecimento do gênero em suas várias dimensões. Nesse módulo, as atividades de leitura, comentários e discussões de vários exemplos gênero para o conhecimento de suas características discursivas, temáticas e composicionais (aspectos verbais e não verbais).

Além disso, o módulo de leitura deve subsidiar o conhecimento das condições de produção, bem como de circulação do gênero discursivo/textual. É importante que o aluno se familiarize com o suporte do referido gênero, que pode ser uma folha de papel, um livro, um jornal, uma revista. É interessante mesmo que o professor disponibilize uma cópia do texto para todos os educandos, convém levar o original para a sala de aula, pois as percepções das dimensões discursivas possibilitarão um melhor entendimento da organização textual.

As características discursivas equivalem às condições de produção e de circulação de um gênero e podem ser identificadas a partir de alguns questionamentos elencados por Lopes-Rossi (2011), como: Quem escreve esse gênero discursivo? Com qual propósito? Onde? Quando? Como? Com base em que informações? Como o redator consegue as informações? Quem escreveu esse texto que estou lendo? Quem lê esse gênero? Por que o faz? Onde o localiza? Em que condições esse gênero pode ser produzido e pode circular na nossa sociedade?, dentre outros.

Esse grau de conhecimento do gênero discursivo/textual possibilita a formulação de inferências por parte do leitor, desde a seleção do vocabulário, à utilização de recursos linguísticos e não linguísticos, a percepção de elementos presentes no texto, elementos implícitos, o estilo e o tom. Essa reflexão é positiva para os alunos, pois permitem uma compreensão gradual das relações entre os sujeitos e a linguagem, além da natureza histórica e social do gênero discursivo abordado.

Outro fator importante das atividades de leitura destacado por Lopes-Rossi (2011), na sequência, é conduzir os alunos à identificação da temática explanada pelo gênero que está sendo trabalhada, sua maneira de organização e sua composição geral. Em relação à temática trabalhada no Projeto de produção textual do gênero conto nesse estudo, dentre os variados temas da literatura de ficção científica, foi delimitada pela professora-pesquisadora a temática experiência com seres extraterrestres para as produções escritas dos discentes.

Além da temática trabalhada, a estudiosa destaca outros fatores relevantes na compreensão leitora: a forma de organização do gênero através da distribuição das informações e sua composição geral, os elementos verbais e os não verbais. Dentre os elementos não verbais, podemos destacar a cor, o padrão gráfico, as ilustrações, as fotos e outros tipos de imagens.

A sequência de atividades do módulo de leitura favorece o aprimoramento das habilidades leitoras dos educandos. Além disso, tem o potencial de preparação para a produção textual ao provê-los de conhecimentos elementares do gênero.

No segundo módulo para produção escrita do gênero, de acordo com as suas condições de produções típicas, Lopes-Rossi (2011) relaciona as seguintes atividades: planejamento da

produção (definição da temática, esboço geral, forma de obtenção de informações, recursos necessários); coleta de informações; produção da primeira versão; revisão colaborativa do texto; produção da segunda versão; revisão colaborativa do texto, produção da versão final, incluindo o suporte para circulação do texto.

O terceiro e último módulo destina-se à divulgação ao público com a série de providências para efetivar a circulação da produção dos alunos fora da sala de aula e mesmo da escola, de acordo com as necessidades de cada evento de divulgação e das características de circulação do gênero.

Diante da exposição dos fundamentos teóricos, apresentamos no próximo capítulo a metodologia que aplicamos em nosso estudo para a produção textual do gênero conto de ficção científica.

4 A ESCRITA DO GÊNERO CONTO DE FICÇÃO CIENTÍFICA: PERCURSO METODOLÓGICO

Nesse terceiro capítulo, abordaremos a metodologia adotada em nosso estudo. Neste ensejo, apresentamos, inicialmente, a caracterização do *lôcus* e dos sujeitos do estudo. Em seguida, discorreremos sobre nossa Proposta de Intervenção Pedagógica, com a descrição das atividades sequenciadas desenvolvidas nos três módulos: o primeiro, módulo didático de leitura; o segundo, o módulo didático de produção textual; e o último, módulo didático de divulgação ao público, cuja culminância foi o lançamento do livro *Contos de Ficção Científica* da turma do 8º ano.

4.1 Caracterização do estudo

Na minha prática docente em sala de aula, enquanto professora de Língua Portuguesa, tenho percebido dificuldades de produção escrita de muitos alunos. Alguns alegam que faltam ideias diante da folha de papel em branco, outros que não gostam de escrever.

Perante essa problemática, é nosso objetivo, neste estudo que ora se apresenta, contribuir para o aprimoramento da produção textual dos nossos discentes, através de uma proposta de ensino do gênero conto de ficção científica, com vistas à circulação social, uma vez que os textos produzidos compuseram o livro *Contos de Ficção Científica*. Essa proposta valoriza a autoria dos alunos e leva em consideração a escrita do texto como um processo e não apenas como um produto acabado, mediada por atividades sequenciadas, que levam em conta a concepção sociointeracionista da linguagem.

O presente trabalho tem uma abordagem qualitativa, de caráter etnográfico e intervencionista, uma vez que na busca da superação das dificuldades apresentadas na primeira produção textual do gênero conto dos alunos, desenvolvemos atividades com vistas a superação das mesmas. O estudo em sala de aula pertence ao campo da pesquisa social, podendo ser elaborado de acordo com um paradigma quantitativo, oriundo do positivismo, ou segundo um paradigma qualitativo, que advém do interpretativismo.

O estudo qualitativo, alvo da nossa proposta, segundo Bortoni-Ricardo (2008), busca entender e interpretar os fenômenos sociais relacionados a determinado contexto. Nessa abordagem, o interesse do pesquisador recai sobre o processo que se dá em um determinado local, objetivando conhecer como os atores sociais inseridos nesse processo o interpretam.

Assim, a tarefa do estudo qualitativo em sala de aula consiste na construção e no aperfeiçoamento da organização social e cognitiva da realidade da sala de aula. Este entendimento é crucial para o professor pesquisador que busca refletir sobre suas dificuldades profissionais para melhorar a sua prática.

O estudo etnográfico de caráter interpretativista inicia-se com perguntas exploratórias, formuladas com embasamento de literatura especializada, na experiência vivencial e senso comum do pesquisador. O estudo etnográfico em sala de aula requer o entendimento nas palavras da autora Bortoni-Ricardo (2008, p. 38) de que “se trata de pesquisa qualitativa, interpretativista, que faz uso de métodos desenvolvidos na tradição etnográfica, como a observação, especialmente para a geração e a análise de dados”.

Posteriormente a caracterização da pesquisa, passaremos à descrição dos passos que compuseram a Proposta de Intervenção Pedagógica.

4.2 Contextos da pesquisa: delimitação da instituição de ensino e do *corpus*

Este estudo foi realizado em uma escola estadual, localizada na cidade de Pitimbu, litoral sul do Estado da Paraíba, local em que trabalho há seis anos, desde minha formação e ingresso na rede pública de ensino. A escola está situada no centro da cidade, e atende não somente alunos moradores do local como também de alguns assentamentos rurais: Mucatu, Apasa, Primeiro de Março, Nova Vida, Sede Velha, Teixeira, Camucim, dentre outros assentamentos do referido município.

Os sujeitos compreendidos em nosso estudo foram os alunos do oitavo ano do Ensino Fundamental, Anos Finais, com faixa etária entre 12 e 14 anos. Estão inseridos em uma turma composta por 25 (vinte e cinco) educandos. Todos aceitaram participar da nossa investigação, sendo autorizados pelos pais e/ou responsáveis para colaborar com ela, mas 3 (três) não participaram de todas as atividades do Projeto. Assim, do nosso *corpus* de análise foram selecionados 6 (seis) contos de ficção científica, em duas versões: na sua primeira versão e na última, totalizando 12 (doze) textos. Adotamos como critério de escolha as produções dos discentes que evidenciaram maiores inadequações na primeira produção textual.

Devido ao isolamento dos assentamentos rurais, os alunos dependem de um ônibus da Prefeitura para se dirigirem à escola. Essa instituição foi fundada em 1953 e, hoje, conta com 407 alunos, que podem cursar os seguintes níveis de ensino: Ensino Fundamental Anos Finais, no turno matutino, Ensino Médio, no vespertino e no noturno, EJA (educação de jovens e adultos) no noturno.

O Projeto Político Pedagógico (2016) da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dr. João Gonçalves apresenta sua proposta pedagógica embasada nos princípios gerais da Educação Básica. A concepção da criança e do adolescente, o desenvolvimento e a aprendizagem serviram de eixos norteadores da proposta pedagógica, entendendo o aluno como um ser total, completo e indivisível, embora, em processo de desenvolvimento, logo depende do adulto para a sobrevivência e o crescimento, como ser ativo e capaz, impulsionado pela motivação de ampliar seu conhecimento e alcançar autonomia frente às condições de seu meio.

Os educandos demonstraram interesse em participar do projeto comunicativo que apresentamos, principalmente, pela sua finalização com a editoração do livro Contos de Ficção Científica, contendo os textos por eles produzidos e seu posterior lançamento em uma manhã de autógrafos. Assim, sabiam, desde o início, que teriam leitores não apenas do espaço escolar, mas “leitores diversificados” como bem afirma Antunes (2009, p.63), da comunidade local.

Ressaltamos que este estudo foi submetido e aprovado pelo Conselho de Ética da Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

Após essas breves considerações sobre a nossa proposta de intervenção, passaremos a descrever cada etapa da sequência didática que desenvolvemos.

4.3 Sequência didática para a produção textual de contos de ficção científica

O projeto de intervenção pedagógica desenvolvido nesse estudo para o ensino da escrita, dentro de uma concepção sociointeracionista da língua, valeu-se dos estudos Lopes Rossi (2011) para a sistematização das etapas desenvolvidas no projeto de produção textual do gênero discursivo/textual conto de ficção.

O projeto foi iniciado na turma do 8º ano no dia 27 de julho de 2018. Seguimos a ordem de aplicação da Sequência Didática de Lopes Rossi (2011), com os três módulos didáticos: o primeiro, o módulo didático de leitura (11 aulas); em seguida, o módulo didático de produção escrita do gênero (20 aulas); e por último, o módulo didático de divulgação ao público (09 aulas).

Esse quantitativo de aula se deve ao fato de que as atividades desenvolvidas envolverem não só a produção textual dos alunos, mas também a elaboração e divulgação do livro Contos de Ficção Científica. Como bem esclarece Lopes Rossi (2011), o ensino de um gênero na escola a partir de Sequências Didáticas requer várias horas/aulas, além de algumas atividades extraclasse dos discentes na busca de informações indispensáveis ao texto.

A seguir, apresentamos a iniciação do primeiro módulo didático de leitura com o levantamento dos conhecimentos prévios dos educandos e apresentação do Projeto Contos de Ficção Científica.

4.3.1 Módulo didático de leitura

Nesse módulo de leitura, organizamos as atividades em quatro momentos distintos para facilitar a execução de nossa proposta interventiva. O primeiro momento, destinado a apresentação do projeto à turma e sondagem dos conhecimentos prévios; o segundo, para a leitura do conto Planetas habitados, de André Carneiro; o terceiro para a leitura do conto O inspetor, de Jorge Luiz Calife; e o quarto, para compreensão leitora do filme Avatar. Vejamos como foram realizados esses quatro momentos do módulo de leitura com a turma do 8º ano.

a) Primeiro Momento:

Nesse primeiro momento, realizado no dia vinte e sete de julho com a duração de uma hora/aula, os alunos foram indagados oralmente sobre o que entendiam por conto e as características do conto de ficção científica, com vistas ao levantamento dos conhecimentos prévios dos educandos acerca do gênero conto e da temática a ser trabalhada nesse estudo, através dos seguintes questionamentos:

QUADRO 4 Questionamentos para levantamento dos conhecimentos prévios

- a) O que é um conto?
- b) O que caracteriza um conto como ficção científica?
- c) Quem escreve contos de ficção científica?
- d) Qual o propósito comunicativo do conto de ficção científica?
- e) Quais informações podem servir de base para a produção do conto de ficção científica?
- f) Como o conto é publicado? Por quem? Quem teria interesse em publicar essa literatura? E por qual razão?
- g) Quem lê conto de ficção científica? Por que o lê?

Fonte: Pesquisa direta (2018).

Alguns alunos iniciaram respondendo que se tratava de um texto que conta uma história fictícia, fruto da imaginação. Outros alunos enfatizaram que a caracterização de um conto de ficção científica ocorre com a presença de dados científicos.

Em relação ao questionamento sobre quem escreve esses contos, alguns afirmaram que seriam cientistas. Uma aluna discordou dizendo que pode ser qualquer escritor interessado em produzir tal texto.

Quanto ao propósito comunicativo do conto de ficção científica, um aluno participou afirmando que seria para divertir os leitores que têm interesse por essa temática. Ao serem indagados sobre as informações que podem servir de base para a escrita desses contos, responderam que poderiam ser as descobertas científicas e avanços tecnológicos.

Um questionamento que os alunos não souberam responder foi a respeito da publicação do conto e por quem é feita. Nesse momento, informamos que alguns autores reúnem várias produções e buscam apoio financeiro de patrocinadores ou com recursos próprios. Mas também há estudiosos apreciadores de determinada temática, como no caso de nossa pesquisa, que agregam contos de ficção científica de diversos autores para publicarem em um livro. Quanto ao interesse e a razão em publicar essa literatura, alguns disseram que deveria ser do próprio autor com o objetivo de vender e obter lucro.

Após essa primeira abordagem, observamos que muitos discentes participaram ativamente da aula, fazendo perguntas e colaborando de maneira proveitosa com declarações a respeito da temática tratada. O propósito dessa primeira explanação sobre o gênero em questão foi levantar os conhecimentos prévios dos educandos.

Após a realização da sondagem, apresentamos o Projeto Contos de Ficção Científica para a turma, ressaltando a importância da participação para o aprimoramento da produção textual deles, objetivando a construção de um livro de contos de ficção científica para lançamento futuro a ser determinado de acordo com o desenvolvimento dos módulos didáticos. Informamos que todo o custo para publicação e divulgação do livro seria por conta da professora-pesquisadora. Esclarecemos ainda, que, no momento da divulgação, cada aluno receberia um livro e a turma faria a doação de dois exemplares para a biblioteca da escola.

Mediante à aceitação dos alunos para a participação no projeto, passamos para o segundo momento.

b) Segundo Momento:

Esse momento foi planejado para a leitura do conto de ficção científica Planetas habitados, de André Carneiro. A escolha deste conto deve-se ao fato de pertencer à ficção científica no intuito de propiciar aos educandos o conhecimento de suas propriedades discursivas, temáticas e composicionais.

Inicialmente, pedimos que os discentes formassem um círculo, no mesmo dia 27 de julho, com a duração de uma hora/aula, para a leitura do conto Planetas habitados, de André Carneiro, retirado do livro didático Diálogo: em gêneros, 7º ano, da FTD, de Beltrão e Gordilho (2016), presente no Anexo 1, com a entrega das cópias para os educandos. Antes da leitura do conto, fizemos as seguintes indagações presentes no texto xerocado para uma leitura global, rápida (dos elementos mais destacados) tendo em vista o despertar da curiosidade e instigação da temática: Será que há vida em outros planetas? Se existe, será que são seres semelhantes aos humanos? Será que, neste universo imenso, a única espécie dotada de inteligência são os seres humanos?

Alguns discentes responderam que não acreditavam na existência de vida em outros planetas, mas outros afirmaram crer nessa possibilidade. No entanto, todos concordaram que os seres humanos constituem a única espécie dotada de inteligência. Prosseguimos com uma leitura compartilhada sobre o autor do texto, André Carneiro, através do pequeno box com a imagem do mesmo e seus dados biográficos e das imagens abaixo do texto.

Em seguida, foram feitas mais duas indagações aos alunos: Pelo título do conto, do que você acha que a história vai tratar? Que planetas habitados seriam esses? Alguns responderam que seria um planeta fora da Terra, como Júpiter ou Saturno.

Esse procedimento de exploração inicial do conto é importante para que os educandos formulem suposições sobre o assunto do texto e estabeleçam como objetivo de leitura verificar se a história realmente aborda o que imaginaram que poderia ser, fornecendo assim, parâmetros iniciais para uma leitura mais eficiente. Para Lopes-Rossi (2011), essa estratégia possibilita ao aluno a identificação da temática do texto pelo título e com ajuda de materiais gráficos, como ilustrações e desenhos.

Após esse procedimento inicial, convidamos os discentes para realizarem a leitura do conto completo de forma alternada por dois grupos delimitados na roda formada, em que cada parágrafo seria lido por um respectivamente. Como o conto apresenta um diálogo entre dois seres extraterrestres, a leitura exigiu concentração na atividade e fluiu de forma prazerosa.

Posteriormente à leitura compartilhada, foram feitos os questionamentos orais, abaixo relacionados, para percepção dos elementos narrativos:

- a) Quais são as personagens presentes no conto?
- b) O conto apresenta situações inusitadas para a nossa época?
- c) A história apresenta explicações científicas?
- d) Que palavras ou expressões ajudam a criar o estilo de ficção científico na história?
- e) Qual o conflito desse conto?

Os alunos começaram a responder prontamente aos questionamentos levantados. Para a identificação dos personagens do conto, houve inicialmente uma controvérsia entre os alunos. Alguns acharam que se tratava de um diálogo entre dois seres humanos, outros entre um humano e um extraterrestre e somente um aluno percebeu que a conversa aconteceu entre dois extraterrestres. Assim, quando foram solicitados para que relessem os últimos parágrafos da história, foram compreendendo que o diálogo se deu entre dois alienígenas.

Como situação inusitada perceberam justamente a conversa entre dois alienígenas que dialogavam sobre a existência de vida em outros planetas e como seriam esses seres. Além disso, acharam divertido o fato deles bem como as características físicas de um ser humano como a mais disforme e engraçada.

A maior parte dos discentes identificaram como explicação científica o trecho do conto Planetas habitados “Os cientistas dizem que há milhões, talvez trilhões de planetas, só nas galáxias mais próximas. A vida existiria como aqui”. Dois alunos escolheram o trecho “Li num artigo: essas aparições são fenômenos naturais pouco estudados, ou máquinas voadoras feitas aqui mesmo, em experiências secretas”. Além da identificação da explicação científica nesses trechos, também apontaram as palavras cientistas, galáxias e experiências como as que possibilitaram a criação do estilo de ficção científico na história.

O questionamento sobre o conflito do conto também foi respondido pela maioria dos alunos como sendo a possibilidade de vida fora do planeta habitado dos extraterrestres que dialogaram no conto.

Após esses questionamentos orais, foi entregue uma atividade xerocada para a interpretação escrita que instigue a reflexão sobre a temática do texto lido e a caracterização de um espaço (no caso, subentendido, do planeta Terra) constante no Anexo 1. Como não deu tempo para os educandos terminarem a atividade proposta, solicitamos que a terminassem em suas casas.

A correção da atividade xerocada foi realizada no dia trinta de julho, com a duração de uma hora/aula, que devido à falta da merenda escolar foram reduzidas para trinta minutos. Quase todos tinham respondido, apenas três não tinham feito.

Duração desta etapa: 2 (duas) horas/aula.

c) Terceiro Momento:

O terceiro momento foi planejado para a leitura e atividades de compreensão do conto de ficção científica O inspetor, de Jorge Luiz Calife. Esse momento necessitou de três

encontros para a sua concretização. O primeiro, foi realizado no dia trinta de julho, com a duração de uma hora/aula, que devido à falta da merenda escolar, foi reduzida para trinta minutos. Nesse encontro, formamos um círculo para a leitura do segundo conto O inspetor de Jorge Luiz Calife, retirado do livro didático Diálogo: língua portuguesa, 7º ano, da FTD, de Beltrão e Gordilho (2009) constante no Anexo 2. A escolha desse conto deveu-se também por tratar-se de um conto de ficção científica, com a temática delimitada de experiência com seres extraterrestres e apresentar todas as características do gênero em estudo.

Solicitamos que os educandos lessem o título e o box Você sabe o que é ficção científica?, localizado ao lado do texto na primeira página da história. Foram feitas as indagações presentes no boxe acima do título: será que, no futuro, os seres humanos se encontrarão com seres de outros planetas? Como você imagina que seria o encontro de um extraterrestre com uma jovem mulher astronauta? O que conversariam?

Nessa roda de leitura, foi sugerido pela professora-pesquisadora que cada parágrafo do conto fosse lido por três alunos em uníssimo, distribuídos sequencialmente, objetivando uma participação ativa e dinâmica da turma. No entanto, devido à falta da merenda escolar, o tempo das aulas foi reduzido para trinta minutos, impossibilitando assim, a conclusão da leitura da referida história.

O segundo encontro, foi realizado no dia primeiro de agosto, também com (duas horas aulas de trinta minutos). Após a arrumação da turma para formação da roda, entreguei o conto O inspetor de Jorge Luiz Calife para a finalização da leitura. Retornamos à leitura com uma divisão do círculo em dois grupos, a partir da página 57 em que paramos na aula anterior até o seu final, na página 59. Nessa última página, os dois grupos procederam à leitura alternada de quatro boxes: o primeiro boxe com o vocabulário, o segundo, presente ao lado direito superior, sobre o autor do conto e uma breve biografia, o terceiro box com a apresentação da diferença entre robô, androide e ciborgue acompanhado de uma ilustração e o último que traz uma explicação sobre a invenção da holografia (técnica que consiste na reconstrução tridimensional de imagens), também acompanhada de uma imagem ilustrativa.

Após a leitura e a reflexão dos boxes, solicitamos que os alunos voltassem desde a página inicial do conto para identificação e análise da contribuição das ilustrações para o entendimento do texto lido. Todos concordaram que as imagens ilustrativas foram relevantes não só para o entendimento da história, mas também propícias para despertar o gosto pela leitura.

Em seguida, os discentes receberam uma atividade digitada, adaptada do livro didático do qual foi retirado o conto O inspetor, para interpretação escrita I, realizada em duplas,

presente no Anexo 2. Essa primeira atividade interpretativa foi proposta objetivando a identificação do estilo de contos de ficção científica, como explicações científicas, palavras e expressões sugestivas de uma viagem espacial e situações inusitadas para a nossa realidade. Foi dado um tempo para que os alunos respondessem e logo após, procedemos à correção.

A atividade atingiu os objetivos pretendidos, uma vez que os alunos participaram com interesse e conseguiram responder adequadamente aos questionamentos. Ao término da correção, recolhemos as atividades e informamos que continuaríamos com a interpretação na aula seguinte.

O terceiro encontro, foi realizado no dia três de agosto, com duas horas aulas, para continuação da compreensão leitora realizada em dupla, através de duas atividades (II e III) constantes no Anexo 2, do conto O inspetor de Jorge Luiz Calife. Entregamos a atividade II digitada e também adaptada do livro didático em que o conto consta, composta com cinco questões.

A primeira questão desse bloco de atividades objetivou a identificação dos tempos verbais presentes em um trecho do texto que contém o diálogo entre as personagens do conto e a narração da ação das personagens. Tal atividade visou à percepção dos alunos de que nas ações das personagens o tempo verbal empregado foi o pretérito perfeito do modo indicativo, enquanto nos diálogos, o tempo verbal utilizado foi o presente do indicativo, pois o narrador reproduz o diálogo tal como ocorreu no momento da fala. Alguns alunos tiveram dificuldades com essa questão, a professora-pesquisadora propôs que identificassem quantos parágrafos foram utilizados, nesse trecho, para o diálogo e quantos para as ações das personagens. Eles prontamente responderam que o trecho tinha cinco parágrafos com o diálogo e três com narração. Indagados como conseguiram perceber tal fato, responderam pela presença dos travessões.

A segunda questão da atividade proposta foi útil para o reconhecimento dos seguintes elementos narrativos presentes no conto: espaço, tempo, personagens, o que aconteceu na história e o clima da narrativa. Os discentes responderam essa questão com desenvoltura.

A terceira questão objetivou a percepção do tipo de narrador, ou seja, do foco narrativo da história. Eles também não tiveram dificuldade, pois já tinham adquirido esse entendimento nos bimestres anteriores.

A quarta e quinta questões interpretativas buscaram a percepção dos alunos de informações implícitas do texto. A quarta questiona se a astronauta Regiane tinha certeza da reação do extraterrestre, chamado Clindar, ao encontrá-la. O quinto quesito diz respeito à conclusão que Clindar chegou ao final da inspeção feita na nave espacial. Esses

questionamentos possibilitaram a identificação de informações implícitas no conto lido. A maior parte dos alunos conseguiu identificar esses subentendidos, apenas cinco disseram que não compreenderam a questão de número cinco.

A terceira e última atividade interpretativa desse conto, que consta no Anexo 2, foi realizada de forma oral com a finalidade de identificação dos elementos narrativos da história e a instigação da leitura crítica dos educandos através dos seguintes questionamentos:

- a) Qual é a situação inicial do conto?
- b) Como era o dia a dia das personagens?
- c) Qual o conflito desse conto?
- d) Qual foi o clímax (momento de maior tensão) da história?
- e) O conflito foi solucionado?
- f) Gostou do desfecho da história? Não gostou? Por quê? Você o mudaria?

Alguns discentes responderam que a situação inicial da história aconteceu no primeiro parágrafo quando Regiane, a personagem principal do conto, estava assistindo a uma comédia no Videowall e percebeu uma mensagem chegando. Outros acharam que a situação inicial marcada por um momento de equilíbrio foi até o quinto parágrafo, pois apresentam a descrição da missão Cassiopeia e das astronautas. Comentamos que a situação inicial pode abranger mais de um parágrafo e que nessa história realmente foi até o quinto. Conseguiram descrever apropriadamente o dia a dia da personagem Regiane, bem como a identificação do conflito do conto.

Em relação ao questionamento sobre o momento de maior tensão na história, alguns alunos responderam que ocorreu quando o extraterrestre entrou na espaçonave, outros acharam que foi após a entrada de Clindar durante o diálogo dele com Regiane. No entanto, todos concordaram que o conflito foi solucionado, pois o extraterrestre permitiu a passagem da nave espacial da missão Cassiopeia pelo seu planeta Sagitário.

A maioria dos alunos gostou do conto O inspetor porque acharam emocionante, pela temática de experiência com ser extraterrestre, pelas novidades tecnológicas e pelas ilustrações. Apenas dois disseram que mudaria o final da história para um encontro não bem-sucedido e que levasse a uma guerra entre os extraterrestres e os humanos.

Duração desta etapa: 5 (cinco) horas/aula.

d) Quarto Momento:

O quarto momento, foi realizado no dia seis de agosto com três horas aulas, para a apresentação do filme Avatar do diretor James Cameron (2009). Esse filme foi escolhido por se tratar de uma história de ficção científica que mostra um mundo deslumbrante com a luta de um herói para salvar o mundo extraterrestre que conheceu e aprendeu a conviver chamado Pandora, um dos satélites do Planeta Polifemo.

Após a apresentação do filme, elaboramos duas perguntas, presentes no Anexo 3, para a compreensão leitora do filme: o que chamou a sua atenção nas personagens do planeta Pandora? e em relação ao planeta Pandora, o que mais chamou a sua atenção? No que tange ao primeiro questionamento, alguns acharam a aparência física dos extraterrestres chocante, outros, feia e diferente. No tocante ao planeta apresentado, cinco educandos disseram que ficaram impressionados com a beleza do mundo dos alienígenas. Assim, essa narrativa buscou contribuir para o conhecimento da temática de experiência com seres extraterrestres que será alvo das produções textuais dos discentes.

Com essa atividade encerramos o módulo de leitura, totalizado em onze horas/aula. Passemos para o segundo módulo de nossa Sequência Didática.

4.3.2 Módulo didático de produção escrita

Na concepção de Lopes Rossi (2011), o trabalho com leitura de gêneros discursivos/textuais no ambiente escolar não implica necessariamente a produção escrita. Diferentemente, a escrita pressupõe a antecipação de atividades de leitura pelos alunos com vistas à apropriação das características dos gêneros. Como bem afirma a autora: “um projeto pedagógico para a produção escrita deve sempre ser iniciado por um módulo didático de leitura para que os alunos se apropriem das características típicas do gênero a ser produzido”. (LOPES ROSSI, 2011, p. 72).

O segundo módulo didático, de produção textual, foi dividido em seis diferentes momentos para facilitar a execução das atividades planejadas, com a utilização de vinte horas/aula. O primeiro momento foi utilizado para o planejamento da primeira versão textual, o segundo para a escrita da primeira versão do conto, o terceiro para correção colaborativa entre os colegas, o quarto para a escrita da segunda versão do texto, o quinto para correção realizada pela professora e o sexto para a escrita da versão final. A seguir, apresentamos como se deu o planejamento da primeira produção textual dos discentes.

a) Primeiro Momento:

Esse primeiro momento para planejamento da primeira produção textual, foi realizado no dia 08 de agosto com a duração de duas horas/aula. É importante chamar a atenção da turma para o planejamento, possibilitando assim, o surgimento de ideias, uma retomada do que os alunos já absorveram e subsidiar suas escolhas dos elementos que comporão seu texto.

Inicialmente, foi colocado na lousa pela professora-pesquisadora as sugestões do Quadro 5, constante no Apêndice H, a fim de relembrar as características do gênero conto ficção científica, bem como a estrutura narrativa que o gênero apresenta.

QUADRO 5

Atividade de planejamento da escrita do conto de ficção científica

Pensando na temática Experiência com seres extraterrestres, solte a sua imaginação para produzir sua história!

1- Planeje a história.

- a) Tente imaginar um planeta e todo o sistema estelar a que pertence: luas, asteroides, formas de vida e habitantes. Se achar mais fácil, faça antes um desenho.
- b) Que informações científicas você poderá utilizar, de modo a convencer o leitor sobre o que será narrado?
- c) Faça um esboço com as informações que irão compor sua história.
 - Espaço (onde acontece);
 - Tempo (quando acontece: passado – presente – futuro);
 - Personagens (extraterrestre amigável ou hostil);
 - Fato (o que aconteceu);
 - Clima da narrativa (engraçado, amigável, dramático...)

2- Observe a sequência narrativa abaixo como sugestão para organização do seu conto de ficção científica.

Apresentação ou situação inicial – estágio inicial de equilíbrio, que é modificado por uma situação de conflito ou tensão;

Complicação ou desenvolvimento – fase marcada por momento de perturbação e de criação de tensão;

Qual o momento de maior tensão (clímax);

Desfecho ou situação final.

Fonte: Pesquisa direta (2018).

A estrutura narrativa foi revisada para veicular uma percepção da completude de uma narrativa, especificamente as características do conto de ficção científica, alvo da produção deles. Relembramos que em uma narrativa é importante manter a atenção do leitor/ouvinte para

a história criada. Para tanto, fatos são reunidos e selecionados que possibilitarão o desenvolvimento e o desfecho final.

Os alunos formaram duplas para a realização da atividade. Esse procedimento ocorreu de maneira bem descontraída, em que alguns começaram a questionar, outros a opinar e compartilhar com todos as suas ideias.

Visando propiciar a coleta de informações para subsidiar a caracterização de uma nave espacial ou de um ônibus espacial, propusemos que os discentes realizassem uma atividade de pesquisa para o próximo encontro. A pesquisa consistiu na conceituação e na caracterização de uma nave interestelar e de um ônibus espacial e das respectivas ilustrações.

Assim, essa etapa da produção textual é relevante, uma vez que os aspectos composicionais do conto foram revisados de forma proveitosa.

b) Segundo Momento:

O segundo momento destinado à produção da primeira versão do conto, foi realizado no dia 10 de agosto com a duração de duas horas/aula de 50 minutos. Reafirmamos que o propósito do projeto de produção textual era a escrita de contos de ficção científica, em que os textos passariam por uma sequência didática até a produção da versão final para a composição do livro de contos da turma. Dessa forma, todos os contos seriam valorizados e passariam por uma revisão colaborativa com os colegas e com a professora-pesquisadora.

Com o esboço do planejamento em mãos, os alunos realizaram a primeira produção textual com a temática voltada para experiência com seres extraterrestres. Os alunos concentraram-se na atividade, alguns chamaram a professora para tirar dúvidas e perguntar se estavam indo bem.

A professora-pesquisadora recolheu as produções iniciais para proceder uma análise sem a presença dos alunos. Nessa análise, constatou que mais da metade da turma apresentava problemas em relação à escrita. Observou também que as principais dificuldades de escrita apresentadas pelos alunos eram de cunho estrutural, de textualidade e linguístico.

Na realização dessa avaliação dos textos dos discentes, recorremos aos estudos de Bakhtin (2011) a respeito dos elementos constitutivos do gênero em estudo: a estrutura composicional, adequada com a forma organizacional do texto; o conteúdo temático, equivalente ao tema abordado pelo gênero; o estilo, relativo às marcas e aos recursos linguísticos. Uma vez que esses elementos constitutivos são indissociáveis segundo Bakhtin

(2011), poderemos relacioná-los nas análises. Vale salientar que abordamos esses elementos constitutivos dos gêneros em nossa fundamentação teórica no capítulo 1.

Como foi mencionado anteriormente, das vinte e cinco produções elaborados pelos discentes, foram selecionadas seis, que apresentaram as maiores inadequações para servir de demonstrativo para esse trabalho. Ressaltamos que a avaliação dos textos não centralizou na procura de erros gramaticais e ortográficos, haja vista que nosso intento não é apontar as falhas dos discentes, mas identificar as suas dificuldades e buscar meios de superá-las.

Vale salientar que das seis produções discentes analisadas, para uma melhor identificação, cada uma foi particularizada mediante a letra A, de aluno, acompanhada de uma sequência numérica de 1 a 6, e por fim da letra I, mostrando serem essas as produções iniciais.

Refletindo sobre o fato de que cada gênero discursivo/textual apresenta características composicionais próprias, é relevante iniciarmos a descrição sob esse prisma. Em relação a esse aspecto estrutural do gênero conto de ficção científica, observamos evidentemente que na produção escrita elaborada pelos discente foram encontrados muitos problemas referentes à forma como o texto se construiu.

Por se tratar de uma tipologia textual narrativa, alguns pontos devem ser levados em consideração sobre os elementos narrativos, como: ação, personagens, narrador, local e tempo. Essa narrativa geralmente é curta, pois a história apresenta apenas um conflito, embora alguns contos da linha de ficção científica sejam mais longos. Dentre os personagens devem aparecer seres extraterrestres que entrarão em contato com humanos e a estrutura do texto deve se organizar na seguinte sequência: situação inicial, complicação, clímax, desfecho ou situação final.

Passemos, a seguir, à análise das produções iniciais.

desarranjo sequencial dos seus elementos constituintes. O conto organiza-se, primeiramente, com a situação inicial, seguido da complicação (momento em que os acontecimentos começam a suceder e em que se desenvolve o conflito ou a quebra de estado de equilíbrio inicial), clímax (momento em que o conflito alcança seu ponto máximo) e o desfecho (momento em que se dá a resolução do conflito). Mediante a análise das produções dos alunos, nessa perspectiva, observamos um desarranjo dessa sequência narrativa e até mesmo, a falta de alguns desses elementos.

Na produção textual de A1-I, não foi possível perceber a presença do estado de equilíbrio característico do contexto inicial. O texto é iniciado com a complicação da história e o surgimento do conflito “um astronauta foi mandado para procurar vida no espaço. passou 2 meses e foi para urano o planeta mu-ito gelado, mais sua capsula era muito resistente. Ele não encontrou nenhum ser em uranus. Passou mais 2 meses. Foi flutuando pelo espaço quando viu um planeta do tamanho da lua so que era verde”. No entanto, o clímax e o desfecho do conto transcorrem de forma apropriada ao gênero em questão.

Em A2-I, a situação inicial é timidamente delineada no começo do primeiro parágrafo, no entanto, também apresenta a complicação e o início do conflito. No terceiro e último parágrafo, notamos o clímax e o desfecho da história juntos de forma que a densidade das ideias dificultam o sentido do texto. Além disso, nesse parágrafo o narrador que anteriormente era um observador, assume o foco narrativo de um personagem que se dirige ao leitor apresentando-se e em seguida, volta à narrativa: “... perdi meu melhor amigo nela e me desculpe leitor, por não fala meu nome me chamo: Peter. Voltando ao conto vencemos a Batalha e Depois povoamos o planeta”. Dessa forma, percebemos um desarranjo na estrutura textual, em que o desfecho ficou prejudicado e o momento oportuno para apresentação de um narrador personagem seria no contexto inicial.

Outra inadequação percebida em A2-I, diz respeito ao título “A Queda do império tark”, que, apesar de evidenciar explicitamente o conteúdo temático, fato que não contribui para o despertamento do interesse do leitor, não há nenhuma referência ao império referido no título no corpo textual.

Na perspectiva de Koch e Elias (2017, p. 63), as sequências narrativas mostram “uma sucessão temporal/causal de eventos, ou seja, há sempre um antes e um depois, uma situação inicial e uma situação final, entre as quais ocorre algum tipo de modificação de um estado de coisas”. A adequada utilização das sequências narrativas constitui um fator relevante na estrutura composicional do gênero conto.

Vejamos a seguir, os elementos constitutivos de mais uma produção:

James estava deitado em seu sofá quando recebe mensagem do seu chefe Edan.

Dizendo:

"Vem para o trabalho e entre no laboratório, encontramos algo importante."

James fica empolgado e curioso ao mesmo tempo, então ele se apressa para chegar o mais rápido possível no trabalho, ele entra em seu carro passam alguns minutos e finalmente chega em seu trabalho e logo entra no laboratório de observação com o Edan usando o microscópio.

James: O que aconteceu? Por que você me chamou?

Edan: - calma, James. Bom, encontramos resíduos de E.T. nesta ruína, vem aqui.

James se aproxima de Edan e vai até o microscópio, olhando os resíduos de E.T.

James: Nossa! Isso é muito legal. Como você conseguiu encontrar isso?

Edan: É uma história muito longa, mas queremos mencionar isso para o estágio, você gostaria de ir?

James: Claro que sim! Faz muito tempo que eu não vou para o espaço e além disso eu sou um astronauta e sou meu trabalho.

Então estava resolvido, James iria para o espaço mais ele não ia sozinho ele foi junto com alguns colegas de trabalho e dois amigos. Eles entram no foguete, e passam 3 dias e finalmente eles chegam em Marte, planeta dos E.T.s. Eles encontram os extraterrestres.

James: - Vimos em paz, não queremos nenhum conflito.

E.T.s: Vocês humanos não são bem vindos em nossa terra. Agora que vocês chegaram não vão poder sair daqui.

James: - como assim?! - fala exaustado.

Os E.T.s pegam as suas armas e começam a atirar para todo lado e acaba atingindo todo mundo, menos James, James fica apavorado e acaba percebendo que um terrível pesadelo. Nada daquilo tinha acontecido, ele não tinha ido para o espaço e não tinha recebido mensagem do seu chefe.

Fonte: Aluno 3-I (doravante A3-I)

Na produção de A3-I, percebemos a situação inicial de forma adequada ao gênero em questão, haja vista ao estado de equilíbrio presente em seus momentos iniciais "James estava deitado em seu sofá, quando recebe mensagem do seu chefe Edan". Da mesma forma

apresentam-se, na narrativa, a complicação, o clímax e o desfecho diferenciado da história, em que tudo não passou de um sonho “James fica apavorado e acaba acordando de um terrível pesadelo. Nada daquilo tinha acontecido, ele não tinha ido para o espaço e não tinha recebido mensagem do seu chefe”.

Notamos na produção de A3-I, um desvio no tocante à estrutura composicional referente à ausência do título. No que se refere ao título de um conto, este não pode abranger muitas informações do conteúdo do texto em si, haja vista que, por referir-se a uma narrativa curta, exibir muitas informações logo no título, incorre na antecipação do que está por vir, tornando assim, o texto algo previsível. No entanto, a inexistência do título também configura uma inadequação, uma vez que não é característico do gênero textual trabalhado.

Em A3-I, percebemos a adequação através da composição textual na disposição dos parágrafos. No entanto, a utilização equivocada do discurso direto para a fala das personagens ao colocar no início dos mesmos, os nomes dos interlocutores, seguidos adequadamente do travessão. Essa inadequação configura-se também em um desvio no estilo textual.

Apesar dessas produções iniciais apresentarem a paragrafação característica de um texto escrito em prosa, não foram bem divididos e fundamentados, resultando em prejuízo semântico dos enredos narrados. A paragrafação adequada possibilita ao leitor acompanhar o encadeamento das ideias ao longo do texto, constituindo um critério importante na composição textual.

Na próxima produção de A4-I, o desvio da paragrafação textual, manifesta-se pelo uso excessivo de parágrafos.

Século XXI

Máxima uma uma Máxima Jólina.
 Os seus pais eram molinos.
 Século XIX, um dia Máxima viajou
 de navio com seus pais.
 Até que o navio naufragou, eles conge-
 leram.
 E quando se acordaram foi era 2018
 no século XXI.
 Os cientistas ficaram muito surpresos
 porque nunca tinham visto nada parecido.
 Queriam fazer muitas pesquisas.
 Mas um homem muito bom queria
 ajudá-los.
 E porque os laivos tinham molidos.
 E ninguém queria que eles ficas-
 sem congelados por 130 anos.
 Esse homem chamado Máximo se apressou
 por Máxima e ele lutava contra os cientistas
 porque eles queriam fazer os congelados
 do líquido.
 E o Máximo fez mais de uma mulher
 chamada Zuma.
 Mas ele deixou ela por fora com
 Máxima.
 E os se acordaram.
 Os cientistas desistiram.
 Até porque os estudos foram finalizados.

Fonte: Aluno 4-I (doravante A4-I)

Percebemos no início da história, três períodos simples que deveriam estar juntos em um parágrafo constituindo o contexto inicial da história. Além disso, toda a narrativa deu-se mediante vários parágrafos curtos, dentre os quais, alguns deveriam ser agregados em um por tratarem do mesmo tópico discursivo, como por exemplo em: “Os cientistas ficaram muito surpresos porque nunca tinham visto nada parecido. Queriam fazer muitas pesquisas”. A esse respeito Koch e Elias (2017, p. 184), afirma que: “havendo continuidade entre os segmentos tópicos, eles podem em muitos casos, permanecer juntos no mesmo parágrafo, ao passo que, no caso de descontinuidade entre dois segmentos, é recomendável separá-los em parágrafos distintos”.

Além da utilização inadequada na paragrafação em A4-I, que configura um desvio na composição textual, outra inadequação ocorreu em relação ao conteúdo temático. Na proposta de produção textual, havia nas orientações a escrita do gênero conto de ficção científica com a temática delimitada para experiência com seres extraterrestres. Em nenhum momento do enredo, aparece um ser extraterrestre, configurando uma fuga da temática proposta e consequentemente do conteúdo desenvolvido, que foi de uma viagem e um naufrágio das personagens que ficaram congeladas.

O conteúdo temático relaciona-se ao tema esperado no tipo de produção em questão. O desenvolvimento de um texto nas palavras de Antunes (2017, p. 63) se dá “em torno de determinado assunto, tópico ou tema, que, por sua vez, se desdobra em subtemas ou subtópicos”. Para a autora, a concentração temática possibilita a coerência, que pode ser expressada também através das palavras presentes na superfície do texto.

No entanto, de acordo com Koch e Elias (2017), a coerência da escrita na perspectiva interacional, não se dá apenas pela materialidade do texto, nem apenas pelas intenções do autor, nem somente pelas experiências e conhecimentos do leitor, mas na junção desses três fatores. Para Marcuschi (2008, p. 121), a coerência é “sobretudo, uma relação de sentido que se manifesta entre os enunciados, em geral de maneira global e não localizada”.

Outro aspecto que vale salientar é a carência de elementos enriquecedores do enredo das narrativas e em nosso caso específico, do conto de ficção científica como descrições de lugar e tempo, bem como definições mais específicas de cenários e personagens. Essa ausência fez com que as narrativas discentes ficassem com prejuízo no conteúdo. O discente necessita adquirir esse conhecimento estrutural para que em uma reescrita desses textos, eles consigam lograr mais êxito em suas produções conforme as características composicionais para o gênero.

As produções iniciais dos educandos também apresentaram desvios em relação ao estilo do gênero conto de ficção científica. Este abrange as escolhas linguísticas feitas para dizer aquilo que queremos e gerar o sentido desejado, isto é, inclui o vocabulário adotado, o registro linguístico (formal/informal), a coesão, entre outros aspectos gramaticais. Foram perceptíveis alguns desvios com relação a questões de coesão nas produções. Segundo Antunes (2009), um texto só se configura como tal mediante à conexão das ideias e do sentido entre as partes que o compõem. Nessa concepção, foi possível vislumbrar na escrita dos discentes alguns problemas dessa natureza, que resultaram no comprometimento da clareza e da lógica dos textos.

Os problemas mais recorrentes nas produções dos alunos que desprezam os fundamentos da textualidade em relação à coesão, foram: expressões que aparecem de forma repetitiva no texto, a reincidência de um mesmo termo anafórico (ele/ela) e a utilização do discurso direto de forma inadequada. Vejamos o próximo texto:

segundo Antunes (2017), constitui um recurso de coesão textual ao introduzirem referências a entidades mencionadas em um texto, indicando a continuação do locutor ou do que se está pronunciando. Dessa forma, para Antunes (2017, p.59): “a inabilidade no uso dos pronomes é responsável por muita ambiguidade e por muita falta de clareza dos textos que ouvimos e lemos”. Vale salientar que foi perceptível esse desvio em outras produções textuais dos educandos.

Outra inadequação percebida em A5-I e em outras produções como A3-I, no que tange ao estilo, foi em relação à utilização do discurso direto. O emprego do discurso direto é frequente nos textos narrativos, uma vez que assegura mais agilidade; permite ao leitor a visualização da cena como se estivesse presente nela; salienta e valoriza as personagens e espelha com maior fidelidade o que os personagens falam e o modo como falam.

O conto, pelo efeito dramático, de acordo com Moisés (2006), na medida do possível, deve ser dialogado. A explicação desse critério consiste em que os conflitos, os dramas, estão mais nas palavras proferidas (ou mesmo pensadas), do que nos atos ou gestos. Sem diálogo, não há desavença, intrigas, e dessa forma, não há enredo, nem ação. Dentre as quatro possibilidades de diálogo (discurso direto, discurso indireto, discurso indireto livre e diálogo interior), para Moisés (2006, p.57) o que predomina no conto, é o discurso direto, “pois permite ao narrador colocar o leitor diante dos fatos, como participante direto e interessado”.

Contudo, a forma como esse discurso se apresentou em A5-I, no trecho “... e ela foi dormir ate amanhã pai e mãe ate vitória amanheceu e um piloto paulo ligar pra vitoria – você está pronta Vitoria? – sim...” e em algumas produções demonstrou desconhecimento por parte dos educandos a esse respeito, resultando no comprometimento do sentido do texto.

Para a finalização das investigações das principais dificuldades de escrita dos educandos, observaremos os aspectos linguísticos dos textos produzidos. No que se refere à adequação ao padrão culto da língua, nas produções textuais analisadas nesse estudo, foi evidenciado a presença de algumas inadequações, como desvios referentes à concordância verbal e nominal e desajustes de ordem ortográfica. Além dessas, outras inadequações relacionadas ao aspecto linguístico do texto foram identificadas, entretanto foram selecionadas as referidas inadequações por terem sido as mais evidentes nos textos dos discentes.

Vale salientar que apesar do foco desse estudo ser os avanços alcançados na elaboração temática e composicional do gênero conto, uma vez que não está centrado aos aspectos gramaticais, reconhecemos que os mesmos contribuem para o desenvolvimento da competência linguística dos educandos, bem como para os sentidos do texto.

Passemos, a seguir, para o último texto analisado:

A Viagem a Júpiter

Um cientista chamado Alex precisa de uma vida em outro planeta então ele chama seu amigo astronauta para organiza a viagem pegando tudo o que precisava.

Pois foram preparados para uma guerra porque eles não sabia o que podia encontra lá em Júpiter.

A viagem durou 5 dias com chega em Júpiter eles ficaram muito assustado porque ele conseguia filmar a um extraterrestre. Alex falou com o amigo dele.

- Será que eles não entende o que agente fala. Perguntou Alex.

- Sim, mas para agente saber indo lá perto dele. responderam Julia.

Então desceu da nave e com muito medo eles foi para a proximidade. O extraterrestre falou com eles pois nunca tinha visto uma pessoa assim.

- Alex falou olha a Eiseramira dele tem três olhos na cabeça.

- Julia falou ele tem quatro olhos e duas pernas.

- Então o extraterrestre : - Perguntou o que vocês ta fazendo aqui?

- Eles falaram agente tá na proximidade vida em outro planeta.

- Julia falou será que agente pode tirar uma foto sua alienígena.

Parte 2

Eles tiraram muitas fotos da alienígena para leva a terra.

Fonte: Aluno 6-I (doravante A6-I)

Ao analisarmos a produção A6-I, verificamos que alguns desvios poderiam estar relacionados às inferências da oralidade na escrita, intrínsecos aos processos fonológicos como a omissão da letra “r” na construção da forma infinitiva do verbo em “precura, organiza, encontra, chega, filma, entende e leva”.

No que se refere à concordância verbal, o aluno cometeu alguns equívocos, como se pode observar no seguinte trecho: “...pegar o tudo o que precisava”. Notamos que no referido trecho há a presença de sujeito composto, Alex e o astronauta, assim, conforme Bechara (2006) quando o sujeito é composto, o verbo deverá ir para o plural. Nos trechos: “eles não sabia o que podia encontra...”, “...eles não entendi o que a gente fala. ”, “...disero.... eles foi” , percebemos que nas referidas orações há a presença de sujeito simples e plural, dessa forma, como afirma Bechara (2006) o verbo deverá ir para o plural concordando com o sujeito.

Em relação à concordância nominal, sabemos que uma de suas regras gira em torno da concordância do numeral com o substantivo, a esse respeito, verificamos na produção acima os seguintes desvios: “....três olho....” , “... quatro braço...”.

Quanto ao aspecto ortográfico, sabemos que o termo agente é um substantivo comum, utilizado para designar a pessoa que age, ao passo que a gente, trata-se de uma locução pronominal usada na oralidade, com o sentido do pronome pessoal na primeira pessoa do plural (nós). Assim, verificamos que o discente cometeu um deslize ao eleger a expressão agente no lugar de a gente com o sentido de (nós), como se pode perceber nos trechos a seguir: “ só dar para agente sabe indo...”, “ eles falaram agente tava ...” Além dessa inadequação ortográfica, notamos outras como “ Jupite, resolveu, estraterrestre”.

Conforme mencionamos anteriormente, no geral todos os textos considerados nesta análise apresentaram, pelo menos, uma das inobservâncias elencadas nessa análise das produções iniciais. Esses desvios serão trabalhados no momento da avaliação colaborativa da professora-pesquisadora.

c) Terceiro Momento:

O terceiro momento, com a duração de duas horas/aulas, foi destinado para a revisão colaborativa entre os colegas. A revisão colaborativa entre os alunos favorece a troca de experiência e o desenvolvimento do companheirismo entre os envolvidos. Dessa forma, os discentes foram orientados pela professora-pesquisadora, a conservarem um comportamento respeitoso e positivo ao corrigirem os textos dos colegas.

A revisão colaborativa entre os discentes é proveitosa. De acordo Lopes-Rossi (2011, p. 77), o ponto de vista dos colegas em relação ao conteúdo e à estruturação geral do texto “é desejável não apenas como contribuição à produção, mas também como um exercício de leitura crítica do gênero”. Vale ressaltar, que nesse momento de correção não houve nenhuma interferência da professora-pesquisadora.

Durante essa etapa, os alunos formaram duplas para trocarem os textos e observarem alguns detalhes importantes e relevantes para o conto de ficção científica, como, por exemplo, as características composicionais: a situação inicial, a presença de um conflito, o desfecho da história, a caracterização das personagens e do lugar em que ocorreu a trama. Além dos aspectos constitutivos dos contos, foram solicitados que observassem a ortografia dos vocábulos.

d) Quarto Momento:

No quarto momento, com a duração de duas horas/aulas, os alunos realizaram a produção da segunda versão do texto. Nesta terceira etapa, durante a reescrita dos contos de ficção científica, os discentes foram orientados a analisarem a primeira versão do texto e as sugestões feitas pelos colegas na etapa anterior. Para tanto, deveriam ponderar a validade das correções realizadas e verificarem se eram viáveis para o aprimoramento do seu texto.

Compartilhando das concepções de Antunes (2009, p. 163), ressaltamos a necessidade de o professor propiciar o desenvolvimento no aluno da “ autonomia, que requer procura crítica, autoavaliação, levantamento de hipóteses, busca da melhor alternativa”, para a promoção da aprendizagem. Essa concepção é que deve nortear a prática de ensino da escrita do professor.

A partir dessa etapa, o discente terá a possibilidade de perceber que seu texto está melhorando a cada momento e que a atividade de reescrita é relevante para um produtor de textos escritos.

e) Quinto Momento:

O quinto momento foi reservado para a correção colaborativa da professora-pesquisadora. Vale salientar que todas as versões produzidas pelos discentes, eram recolhidas ao final de cada encontro, propiciando um efetivo acompanhamento do processo de produção escrita, bem como a identificação das dificuldades em relação à estrutura composicional, ao conteúdo temático, ao estilo e aos aspectos linguísticos.

Seria ilusório imaginar que apenas a revisão colaborativa dos colegas seria suficiente para resolver todas as dificuldades identificadas pela professora-pesquisadora na primeira versão. A análise das inadequações procedida na primeira versão, serviu de norte para a elaboração de atividades interventivas que pudessem atenuar cada vez mais os desvios encontrados.

Esse procedimento foi o mais demorado do módulo de escrita, uma vez que exigiu da professora-pesquisadora a elaboração de atividades interventivas a fim de que pudessemos contribuir para a solução dos problemas elencados. Vale ressaltar que cerca da metade da turma, nessa etapa, já havia resolvido boa parte das dificuldades apresentadas na versão inicial do texto; no entanto, ainda existiam produções com pouca resolução dos desvios.

A necessidade de elaboração de atividades interventivas por parte do professor, nessa etapa de correção dos textos, é prevista por Lopes-Rossi (2011) ao afirmar que é conveniente

ao docente selecionar os problemas da esfera gramatical e utilizá-los em atividades de análise linguística. Em relação às dificuldades relacionadas à estrutura composicional do gênero discursivo/textual a ser produzido, Lopes-Rossi (2011, p. 77) afirma que: “podem ser previstas e abordadas em exercícios específicos paralelamente às atividades de produção escrita”.

Dessa forma, as atividades elaboradas pela professora-pesquisadora com vistas ao aprimoramento das produções textuais dos alunos, foram paulatinamente implementadas a cada encontro. Essas atividades envolveram as características composicionais, o conteúdo temático, a coerência e a coesão textuais, os discursos direto e indireto, a concordância verbal e a concordância nominal e a ortografia.

Como percebemos problemas na ausência e/ou desarranjo dos elementos constitutivos do gênero conto, inicialmente, levamos outro conto de Jorge Luiz Calife, retirado do livro História de ficção científica (2005), localizado no Anexo D, cujo título é O Terceiro Mundo para realização da Atividade1, que tratou dos aspectos composicionais do gênero conto de ficção científica, bem como do conteúdo temático. Para essa atividade, presente no Anexo E, foram utilizadas duas horas/aulas.

Após a abordagem da sequência narrativa, da caracterização do espaço e das personagens, inclusive a necessidade da presença de um ser extraterrestre no enredo em atendimento à temática delimitada no início do projeto de produção textual, os alunos foram convidados a revisarem os seus textos e a procederem à escrita da terceira versão levando em consideração esses aspectos supracitados. Nesse momento, elogiamos as produções escritas que os discentes já haviam elaborado, afirmando que na segunda versão, os textos apresentaram melhoras, mas que ainda existia um caminho a ser percorrido.

Essa atividade de reescrita necessitou de duas horas/aulas. Nesse momento, a professora-pesquisadora ressaltou que a produção de um texto não se dá mediante uma inspiração instantânea, como bem afirma Passarelli (2012, p. 45): “é preciso romper com a falsa ideia de dom especial, revelando que, pelo contrário, o escrever exige esforço, suor e trabalho”. Assim requer revisões e reescritas de forma que o texto tenha clareza para o leitor.

A maior parte dos discentes se dispôs a revisar e produzir a terceira versão textual, exceto duas alunas, que alegaram já terem contemplado os elementos constitutivos em seus textos. Entretanto, era perceptível o interesse dos educandos na busca do aprimoramento dos seus textos, uma vez que comporiam o livro de contos da turma.

Dando prosseguimento às atividades interventivas, no próximo encontro, também com a duração de duas horas aulas, abordamos a questão da textualidade no tocante à coerência e à coesão textuais, mediante a Atividade 2, presente no Anexo F. Essas atividades foram

respondidas em dupla pelos discentes, após explicações da professora-pesquisadora. Posteriormente a finalização da atividade pelos educandos, foi feita a correção pela professora-mediadora.

No próximo encontro, com a duração de duas/horas aulas, explicitamos o discurso direto e indireto através da Atividade 3, presente no Apêndice I. Além desse conteúdo, a atividade contemplou duas questões referentes ao título de uma história, em decorrência da falta de abordagem desse aspecto na Atividade 1. Essas atividades também foram respondidas em dupla e seguidas da correção pela professora-mediadora.

Para a finalização desse momento de correção pela professora-pesquisadora, foram necessárias mais duas/horas aulas, com a aplicação da Atividade 4, presente no Apêndice J. A primeira aula, destinou-se à abordagem da concordância verbal e nominal. Ressaltamos que não houve a intenção de focalizar todas as regras gramaticais de concordância verbal e nominal, mas de chamar a atenção para a regra básica de que o verbo de uma oração deve concordar em número e pessoa com o sujeito a que se refere, bem como da concordância nominal, que segundo Bechara (2006, p. 543), consiste na adaptação “em gênero e número entre o adjetivo e o pronome (adjetivo), o artigo, o numeral ou o particípio (palavras determinantes) e o substantivo ou pronome (palavras determinadas) a que se referem”. A segunda aula, esteve voltada para os desvios ortográficos mediante à utilização de bilhetes orientadores.

Os bilhetes orientadores, na concepção de Ruiz (2015, p. 47), constitui uma “correção textual-interativa”, que se refere a comentários mais extensos do que os executados na margem, motivo pelo qual são frequentemente escritos após o texto do aluno. Tais comentários materializam-se na forma de bilhetes. Duas funções básicas dos bilhetes são destacadas por Ruiz (205, p. 47): “falar acerca da tarefa de revisão pelo aluno (ou, mais especificamente, sobre os problemas do texto), ou falar, metadiscursivamente, acerca da própria tarefa de correção pelo professor”. Optamos em nosso estudo, pela primeira função, isto é, elaboramos os bilhetes para os alunos solicitando a revisão da ortografia de alguns vocábulos escritos de forma problemática.

f) Sexto Momento:

O sexto momento, com a duração de duas horas/aulas, foi reservado para produção da versão final dos contos de ficção científica. Esclarecemos sobre a relevância da produção de um texto com finalidades específicas, com leitores reais, uma vez que os contos produzidos comporiam o livro de contos da turma. Todos estavam ansiosos para a concretude dessa etapa.

No ensino da escrita, nessas circunstâncias segundo Lopes-Rossi (2011, p. 77), os discentes evidenciam uma atenção maior às formalidades da escrita em virtude do objetivo almejado, visto que estão desejosos em “apresentar ao público um produto final bonito, bem-acabado”.

Entregamos a primeira versão dos contos acompanhada do bilhete orientador a seus respectivos autores. Os discentes concentram-se bastante na reescrita da versão final, alguns sentaram em duplas e trocaram ideias, outros chamaram a professora-pesquisadora para esclarecimento de algumas dúvidas e foram poucos os que realizaram a atividade de forma isolada. Com essa atividade encerramos o módulo de produção textual, totalizado em vinte horas aulas.

Passemos, a seguir, para o próximo módulo didático: editoração e divulgação do livro de contos.

4.3.3 Módulo didático de divulgação do livro Contos de Ficção Científica

Esse módulo didático, com a duração de nove horas/aulas, foi reservado para a digitação, ilustração e lançamento do livro de contos. Foram momentos de muito envolvimento, emoção e motivação dos discentes.

Os próprios educandos realizaram a digitação dos textos em uma escola pública da rede municipal, devido à reforma do laboratório de informática da escola, que inclusive estava no aguardo do envio dos computadores. Vale salientar, que os discentes foram devidamente autorizados por seus respectivos responsáveis para o deslocamento junto com a professora-pesquisadora à referida instituição.

A digitação dos textos foi realizada no turno da tarde, com a duração de quatro horas/aulas. A professora-pesquisadora solicitou que os alunos formassem duplas, uma vez que o laboratório cedido pela escola municipal dispunha apenas de dezesseis computadores. Orientamos que as duplas fossem formadas por um aluno que já tivesse experiência de digitação e por outro com habilidade menor, de maneira a propiciar um auxílio mútuo. Esse momento transcorreu com muita interação e colaboração, inclusive uma educanda, que faz curso de informática, se voluntariou a salvar os textos digitados em um *pen-drive* para posterior formatação e revisão pela professora-pesquisadora.

Em seguida à digitação, deu-se a ilustração dos textos na escola que os discentes estudam, com a duração de duas horas/aulas. Nesse momento, os alunos formaram equipes para compartilharem as imagens pesquisadas das espaçonaves e outras que a professora-

pesquisadora trouxe para inspiração. Todos ilustraram seus contos e quando a professora indagou a opinião deles sobre as imagens que poderiam ilustrar a capa do livro, uma educanda se dispôs a ser a ilustradora da mesma.

Por fim, chegamos ao ápice de nosso estudo. As produções feitas pelos alunos fizeram parte de um livro de contos de ficção científica que foi impresso em gráfica e lançado em uma manhã de autógrafos na própria escola, com a duração de três horas/aulas.

Cada discente recebeu um exemplar do livro Contos de Ficção Científica produzido para autografar e oferecer a seus responsáveis ou outra pessoa convidada por eles. Para essa comemoração, contamos com a presença de familiares dos alunos, da equipe escolar, dos alunos do turno matutino e da secretária municipal de educação. Na oportunidade, foi feita a apresentação do livro, exposição e leitura dos contos produzidos, comentário acerca da experiência do projeto de escrita por parte de dois discentes e ao final do evento, foi oferecido um lanche aos convidados.

No próximo capítulo, procederemos uma análise comparativa entre as produções iniciais e finais dos educandos desenvolvidas durante o projeto de produção textual do gênero conto de ficção científica.

5 ANÁLISE COMPARATIVA: PRODUÇÃO INICIAL E PRODUÇÃO FINAL

Neste capítulo, apresentamos a análise da produção final dos alunos, efetivando um comparativo com a produção inicial, com a finalidade de verificarmos se a proposta de intervenção aplicada contribuiu para que os discentes superassem as inadequações verificadas na produção da primeira versão do texto.

Na última etapa do módulo didático de produção escrita, os educandos ao elaborarem a produção final, reescreveram o primeiro texto, considerando o mesmo propósito comunicativo. Essa atividade de reescrita propiciou que eles revisassem o texto inicial, observando as inadequações que não haviam sido percebidas anteriormente, mas foram detectadas no nosso processo de avaliação. Algumas delas, estritamente as mais relevantes e recorrentes, foram trabalhadas no referido módulo didático, visando a uma reflexão crítica por parte dos alunos, permeada com a nossa mediação, com vistas à resolução das inadequações no momento de reescrita.

Vale salientar, que em nossa análise comparativa, priorizaremos os elementos constitutivos do gênero, ou seja, a composição, o conteúdo temático e o estilo, sem necessariamente separá-los, uma vez que esses elementos são indissociáveis, de acordo com (BAKTHIN, 2011). Em relação aos elementos linguísticos, refletiremos sobre a concordância verbal e a concordância nominal, uma vez que como foi mencionado anteriormente, em nosso estudo não centralizamos a norma padrão, nem tão pouco uma correção de “caça aos erros”, como bem afirma (ANTUNES, 2009, p. 161).

Para a identificação dos textos recorreremos à mesma representação utilizada na análise inicial. Dessa forma, distinguiremos através da letra A, de aluno, seguida de um número sequencial alternando de 1 a 6 e das letras I e F para a indicação das produções iniciais e finais dos educandos.

Passemos a seguir à análise comparativa das referidas produções:

O planeta desconhecido

Um astronauta foi mandado para procurar vida no espaço. Passou 2 meses e foi para um planeta muito gelado, mas sua cápsula era muito resistente. Ele não se encontrava nenhum ser em um planeta. Passou mais 2 meses, foi flutuando pelo espaço quando viu um planeta do tamanho da lua no qual era verde.

Assim o astronauta foi lentamente se aproximando quando viu vários pontos verdes se movendo. O astronauta ficou com muito medo, mas mesmo assim se aproximou e viu que era vários E.T. e o astronauta ficou com muito medo. Chegando no chão, vários E.T. em volta da cápsula. O astronauta viu que eles não estavam armados, além da parte da cápsula. Então, ele saiu para fora e conversou com os alienígenas.

- Quem são vocês?
- Somos alienígenas, e nós e de qual planeta?
- Sou terraqueo.
- Hum não conheço esse planeta.
- O que nós temos por aqui?
- Conhecemos guerra e nós?
- Conhecemos várias coisas. Temos que ir embora para não ter uma foto antes de ir?
- O que é foto?
- É uma máquina que tira fotos.
- Tirar a foto entrar na cápsula e foi embora com medo. Chegando na Terra o astronauta espalhou a notícia que tinha visto vida fora da Terra.

Fonte: A1-I

O planeta desconhecido

Um astronauta chamado Luiz estava procurando com sua família em uma nave. Quando voltaram da procura, Luiz foi chamado pela NASA para uma missão de procurar vida fora da Terra.

Dois meses, ele foi para um planeta muito gelado, mas sua cápsula era muito resistente. O astronauta não encontrou nenhum ser em um planeta. Passaram mais dois meses e foi flutuando pelo espaço. Quando viu um planeta do tamanho da lua, no qual era verde.

Assim, Luiz foi lentamente se aproximando, viu vários pontos verdes se movendo em volta do planeta e ficou muito ansioso.

Chegando ao chão, vários E.T. em volta da cápsula e ficou aborrecido com muito medo e viu que os alienígenas tinham um pequeno tipo de arma. Além da parte da cápsula lentamente, saiu e tentou conversar com os alienígenas dizendo:

- Quem são vocês?
- Somos habitantes desse planeta e nós e de qual planeta?
- Sou do planeta Terra, conheço?
- Ah! Não conheço esse planeta.
- O que nós temos por aqui?
- Conhecemos guerra e nós?
- Como vocês tipos de comida. Temos que ir embora. Por que temos uma foto antes de partir?
- O que é foto?
- É uma máquina que tira fotos.
- Luiz tirou a foto, entrou na cápsula e foi embora rapidamente.

Chegando na NASA, entregou as imagens e espalhou a notícia que tinha visto vida fora da Terra.

Fonte: A1-F

Percebemos que houve avanços relevantes na versão final dos textos produzidos pelos educandos no que diz respeito à forma composicional do gênero: situação inicial, complicação, clímax e desfecho. Em nossa análise, pretendemos manifestar os progressos relativos aos aspectos estruturais, apesar da permanência de algumas inadequações em um número limitado de contos de ficção científica.

Vale lembrar que, as imperfeições observadas na primeira análise de caráter estrutural, correspondiam à ausência e/ou desordem dos elementos composicionais do conto de ficção científica, ao uso inadequado e/ou inexistência do título para o referido gênero e à falta de caracterização das personagens (humano e seres extraterrestres). A presença do ser alienígena na narrativa produzida constitui um elemento do conteúdo temático.

A produção textual final de A1-F apresentou avanços significativos em relação à estrutura composicional do gênero em estudo. O contexto inicial que estava ausente na primeira versão, é retratado no primeiro parágrafo “Um astronauta chamado Luiz estava passeando com sua família em Nova York”. A complicação inicia-se no parágrafo seguinte com o chamado da NASA para uma missão, desenvolve-se para o clímax através do encontro com os extraterrestres. Não houve a caracterização dos alienígenas, apenas sobre o tipo de alimentação deles. Os espaços são apresentados “Nova York, Uranos, espaço, planeta”. O desfecho dá-se mediante a volta para a NASA com as fotografias dos alienígenas.

O segundo elemento constitutivo de nossa análise, o conteúdo temático, foi abordado e desenvolvido ao longo do conto, a partir da experiência com os seres alienígenas e do léxico do âmbito científico empregado como por exemplo, “astronauta”, “planeta”, “espaço”. Além disso, o texto apresenta coerência entre o título escolhido “O planeta desconhecido” e os fatos narrados.

Em relação ao estilo, há o predomínio da linguagem formal, mas também informal no trecho “Relaxem, não vai machucá-los”. Notamos a utilização adequada do discurso direto para narração do diálogo entre o personagem principal e os seres extraterrestres, cuja possibilidade de o narrador conduzir o leitor perante os fatos narrados, como bem afirma Moisés (2006), torna-o entre as formas de discurso relatado, o mais empregado nos contos. Ainda em relação ao estilo, na produção de A1-F, não verificamos nenhuma inadequação no que tange a repetição de expressões nem do termo anafórico (ele/ela).

Dando prosseguimento à análise das produções, acompanhemos agora, os textos de A2.

- Sou Tays Tarkys, líder do Plet das estelas.
 - O que deseja aqui, Jack Sully?
 - Estou aqui para oferecer amostras de vida na
 terra, a fim de tornar a humanidade para a vida humana.
 Eles descobriram uma longa história e não se entendem
 muito bem, porque o alienígena não quer a guerra.
 Eles querem guerra, mas não está lá. Eles imediatamente
 declararam guerra contra a humanidade. Jack e sua equipe
 não podem esperar, eles montaram o equipamento e
 saíram daquela região.
 Jack pensou nisso mesmo "algum dia voltaríamos
 lá e destruiríamos Marte."

Fonte: A2-F

A produção textual de A2-F manifestou também progressos em relação à estrutura composicional do gênero conto. A situação inicial da primeira versão do texto que fora delineada no primeiro parágrafo com a complicação e o início do conflito, foi ampliada e modificada com mais detalhes. Percebemos as mudanças: no que diz respeito ao tempo da descoberta, no ano de “1978” para “2015”, também dos marcadores temporais do tempo cronológico: “Depois de duas semanas”, “Alguns minutos após”, “Passaram duas horas”; no fato descoberto de “vida extraterrestre em Marte” para “como habitar Marte”. Ainda notamos a permanência no primeiro parágrafo, da complicação e do início do conflito em “Foram feitos os preparativos e em 2020 a missão “Aurora Boreal” embarcou no Ônibus espacial (Spirit of Adventure) ”.

O espaço (Marte) foi pouco caracterizado “o planeta vermelho”, mas não comprometeu a coerência global, uma vez que a ênfase recaiu sobre os personagens extraterrestres com maiores detalhes “criaturas estranhas, aparência humana com dois olhos acima do nariz, quatro braços, duas pernas, eram verdes e altos, com quase 2,15 de altura”, alvo da temática delimitada.

O conflito aumentou no momento do encontro da equipe com os alienígenas e o diálogo desenvolvido entre os líderes dos respectivos grupos (Jack Sully – dos humanos- e Tays Tarkys – dos alienígenas), atingindo o clímax quando não houve um bom entendimento da missão dos humanos por parte dos ETs, que declararam guerra. No desfecho, por sua vez, ocorreu à superação da inadequação da produção inicial em que o narrador observador, assumiu o foco narrativo de um personagem dirigindo-se ao leitor com a apresentação e volta à narrativa: “... perdi meu melhor amigo nela e me desculpe leitor, por não falar meu nome me chamo: Peter. Voltando ao conto vencemos a Batalha e Depois povoamos o planeta. ”. No entanto, notamos a permanência do referido elemento constitutivo da narrativa no mesmo parágrafo do clímax, através da desinstalação do acampamento e saída do planeta Marte. Essa inadequação não

comprometeu a coerência global do texto. Ainda percebemos o novo estado de equilíbrio no último parágrafo “Jack pensou consigo mesmo “algum dia voltaríamos lá e habitaríamos Marte”.

O conteúdo temático foi bem desenvolvido ao longo da narrativa, a partir da experiência ocorrida dos seres humanos com os seres extraterrestres, assim como no léxico da esfera de ficção científica empregado no corpo textual através dos vocábulos “ônibus espacial, planeta Marte, amostras, extraterrestres, ETs, alienígena”. Além disso, o título “A exploração em Marte” também se apresenta adequado à temática abordada.

No que diz respeito ao estilo, notamos a utilização da linguagem formal em toda a narrativa. Percebemos ainda, o uso adequado do discurso direto através do emprego do sinal gráfico travessão na sucessão das falas dos personagens, de acordo com Bechara (2006), que pode contar com a presença explícita ou não dos verbos dicendi. Da mesma forma da produção textual de A1-F, não observamos nenhuma inadequação no tocante à repetição de expressões nem do termo anafórico (ele/ela) que pudessem comprometer a coesão textual em A2-F.

Passemos a seguir para a análise dos textos de A3.

James estava deitado em seu sofá quando recebe mensagem do seu chefe Edan.

Dizendo:

“Vem para o trabalho e entre no laboratório, encontramos algo importante.”

James fica empolgado e curioso ao mesmo tempo, então ele se apressa para chegar o mais rápido possível no trabalho, ele entra em seu carro, passam alguns minutos e finalmente chega em seu trabalho e logo entra no laboratório se aproximando com o Edan usando o microscópio.

James: O que aconteceu? Porque você me chamou?

Edan: — calma, James. Bom, encontramos rastros de E.T. nesta ruína, lembra não?

James se aproxima de Edan e vai até o microscópio, olhando os rastros de E.T.

James: Nossa! Isso é muito legal. Como você conseguiu encontrar isso?

Edan: É uma história muito longa, mais quando me chamaram para o espaço, você quer saber de mim?

James claro que sim! Faz muito tempo que eu não vou para o espaço e além disso eu sou um astronauta e sou trabalhador.

Então estava resolvido, James iria para o espaço mas ele não ia sozinho ele foi junto com alguns colegas de trabalho e dois amigos. Eles entraram no foguete, se passaram 3 dias e finalmente eles chegaram em Marte, planeta dos E.T.s. Eles encontraram os extraterrestres.

James: - Vimos em paz, não queremos nenhum conflito.

E.T.s: - Vocês humanos não são bem vindos em nossa terra. Agora que vocês chegaram não vão poder sair daqui.

James: - Como obtém?! - Fala o astronauta.

Os E.T.s pegam os seus armas e começam a atirar para todo lado e acaba atingindo todo mundo, menos James, James fica apavorado e acaba acordando de um torçor fixado. Nada daquilo tinha acontecido, ele não tinha ido para o espaço e não tinha recebido nenhuma mensagem de seu chefe.

Fonte: A3-I

O encontro

James estava deitado em seu sofá quando recebeu uma mensagem do comandante Edam, dizendo: "Venha para o trabalho e entre no laboratório, encontramos algo importante!"

James foi impulsionado e curioso ao mesmo tempo, então ele se apressa para chegar o mais rápido possível em seu trabalho. Pegou seu carro e foi rapidamente para o local onde o seu chefe o mandou. Ele encontrou o seu comandante Edam usando um microscópio e diz:

- O que aconteceu? Por que você me chamou?

- Fique calmo. Encontramos vestígios de extraterrestre na última vez que fomos para Marte. Você lembra que deixamos uma destimulante lá?

- Certo, mas o que isso significa?

- Bem, algum alienígena tocou na roupa e deixou restos dele lá. Talvez isso seja prova da vida.

- Isso é uma notícia ótima! Já estou ansioso para voltar a Marte quando começarmos?

- Hoje mesmo. Está pronto para o desafio?

- Já estou pronto!

O astronauta via para Marte, acompanhado com Rafael, Michele e Luisa. Eles entraram no ônibus espacial, passaram dois dias e finalmente, chegaram ao planeta azul de onde acabaram encontrando os alienígenas. Foram muito felizes e altos.

- Olá! Vimos em paz, não queremos ma-

eleve-os.

— Olá, humanos! O que fazem no nosso planeta?

— Queremos entrevistar vocês, apresentá-los para o nosso mundo.

— Vocês não podem fazer isso, diremos muito bem aqui.

— Nós humanos somos legais, não se preocupem.

— Apenas alguns de vocês, já ouvimos falar da sua raça, nem todos são legais.

— Então tudo bem, não vamos falar nada.

— Obrigados.

James voltou para Terra junto com os seus amigos para falar que os extraterrestres não eram de verdade, era apenas ficção. O grupo fez isso para proteger os alienígenas e para mostrar que os humanos são bons.

Fonte: A3-F

Na produção de A3-F, notamos a presença do contexto inicial de forma adequado ao gênero conto da mesma forma que se apresentou na produção textual inicial, a partir do estado de equilíbrio em seus momentos iniciais, seguido da complicação e do clímax. O clímax ocorreu quando os alienígenas questionaram o motivo da presença dos humanos em seu planeta e da sua afirmação “Apenas alguns de vocês, já ouvimos falar da sua raça, nem todos são legais”. O desfecho diferenciado da versão inicial, em que tudo não havia passado de um sonho, foi modificado, mediante à finalização do encontro entre a equipe de astronautas e os extraterrestres em que “James voltou para a Terra junto com os seus amigos para falar que os extraterrestres não eram de verdade, era apenas ficção. O grupo fez isso para proteger os alienígenas e para mostrar que os humanos eram bons” no último parágrafo.

O segundo desvio analisado na produção inicial de A3-I no que tange à estrutura composicional, concernente à ausência do título, também foi elucidado, em que o educando intitulou a sua história “O encontro” de maneira adequada ao gênero conto, sem antecipar o enredo e dessa forma despertar o interesse do leitor.

O título adotado em A3-F também contribuiu para o conteúdo temático da produção textual. A temática foi desenvolvida de maneira adequada ao gênero conto de ficção científica, perceptível através da experiência ocorrida dos seres humanos com os seres alienígenas, bem como na utilização de vocábulos do léxico da esfera de ficção científica empregado ao longo da produção textual como “laboratório, microscópio, extraterrestre (s), alienígena (s), Marte, astronauta, ônibus espacial, planeta, ”.

No tocante ao estilo, percebemos a utilização da linguagem formal em todo o texto. Notamos ainda, a resolução da inadequação em relação ao emprego do discurso direto, através

da retirada dos nomes das personagens no início de cada fala na primeira versão, em que todos os enunciados produzidos entre os interlocutores da narrativa, deu-se mediante o uso do sinal gráfico do travessão. Outro fator que contribuiu para a coesão textual da produção de A3-F, foi a utilização de expressões sinonímicas “extraterrestre, alienígena” que possibilitou a não repetição excessiva de vocábulos.

A seguir, apresentamos mais duas produções que igualmente exemplificam a evolução da escrita referente aos elementos caracterizadores dos gêneros discursivos/textuais:

Século XXI

Melina, uma uma Mariana, solteira.
 Os seus pais, eram cientistas.
 Século XIX, um dia Mariana viajou
 de navio com seus pais.
 Até que o navio naufragou, eles conge-
 laram.
 E quando se acordaram foi era 2018
 no século XXI.
 Os cientistas ficaram muito surpresos
 porque nunca tinham visto nada parecido.
 Queriam fazer muitas pesquisas.
 Mas um homem muito bom queria
 ajudá-los.
 Porque os corpos tinham moléculas.
 E ninguém queria que eles ficas-
 sem congelados por 130 anos.
 Esse homem chamado Marcio se apaixonou
 por Melina, ele lutava contra os cientistas
 porque eles queriam fazer os congelados
 de todos.
 E o Marcio tinha medo de uma mulher
 chamada Bruna.
 Mas ele deixou ela pra ficar com
 Melina.
 E os se casaram.
 Os cientistas desistiram.
 Até porque os estudos foram finalizados.

Fonte: A4-I

teve que recuar, pois as suas armas não tinham a mesma capacidade das armas dos ETs”. O desfecho deu-se a partir do fracasso da missão e o novo estado de equilíbrio no mesmo parágrafo quando a protagonista afirmou para todos “que nunca iria desistir”. Dessa forma, constatamos a presença da sequência narrativa no texto produzido.

O segundo problema verificado na versão inicial de A4-F referente à segmentação excessiva de vários parágrafos curtos, foi atenuado na maior parte do texto, uma vez que o quarto parágrafo (momento da descoberta dos alienígenas) e o quinto (contendo a descrição dos seres extraterrestres) deveriam estar juntos. Ocorrência semelhante observamos no antepenúltimo parágrafo “Mesmo assim os alienígenas não os deixaram ficar” e o penúltimo “Milena teve que recuar, pois as suas armas não tinham a mesma capacidade das armas dos ETs” que por tratarem do mesmo tópico discursivo precisariam formar um único parágrafo. No entanto, essa inadequação nesses dois trechos da história não comprometem a coerência global da produção textual.

O terceiro desvio detectado no texto inicial de A4-F, que mais comprometeu a proposta de produção textual deu-se no conteúdo temático. Essa inadequação sucedeu na ausência do ser extraterrestre no enredo da primeira versão, configurando uma fuga temática, na versão final de A4-F, verificamos a resolução exitosa desse problema no transcorrer do enredo com o encontro de Milena e os alienígenas. Outro fator para o desenvolvimento apropriado do conteúdo temático do gênero em estudo, concerniu na presença do léxico da esfera da ficção científica por meio dos vocábulos utilizados ao longo do texto como por exemplo, “NASA”, “astronauta”, “planeta”, “alienígenas”, “ETs”. Além disso, o texto apresenta coerência entre o título escolhido “A missão em Dayko” e os fatos narrados.

No que diz respeito ao estilo, houve a predominância da linguagem formal em A4-F, mas é possível notar a linguagem informal no trecho “Milena teve que recuar” com a utilização do verbo ter. Ainda em relação ao estilo, observamos o emprego adequado do discurso direto para narração do diálogo entre o personagem principal e os seres extraterrestres.

Passemos agora para a análise das produções de A5:

- Eu não quero!
 - Eu só estou perguntando o que você deseja.
 - Eu quero estagiar aqui.
 - Ah! O meu nome é Alex.
 - O meu é Vitória e o dele é Paulo.
 - Pode estagiar no meu planeta, Vitória.
 - Tenho Vitória.
 - Tenho Alex.
 Terminada a pesquisa, Vitória e Paulo retornaram à NASA, alegres com a descoberta surpreendente da existência de vida fora da Terra.

Fonte: A5-F

Na produção de A5-F, notamos a presença do contexto inicial e da complicação de forma mais extensa do que nos demais contos analisados, uma vez que transcorre desde o primeiro parágrafo até o momento que os pais da protagonista Vitória a conduzem para a base da NASA. O clímax ocorreu sem muita tensão, quando o alienígena questiona o motivo da presença dos humanos em seu planeta, no trecho “Eu moro aqui e você, o que está fazendo no meu planeta?”, seguido da permissão para a realização do estágio de Vitória pelo extraterrestre. O desfecho da história transcorreu de forma adequada ao gênero conto, no último parágrafo, perceptível com a finalização da pesquisa e “a descoberta surpreendente da existência de vida fora da Terra”.

O conteúdo temático foi desenvolvido de forma adequada ao gênero conto de ficção científica. Essa adequação é perceptível mediante a experiência ocorrida entre os seres humanos e ser alienígena, bem como na utilização de vocábulos do léxico da esfera de ficção científica empregados ao longo da produção de A5-F como “Marte, NASA, nave espacial, extraterrestre, planeta, alienígena”. Além da seleção lexical contribuir para o desenvolvimento da temática abordada, o título “Um encontro surpreendente” adotado, também favoreceu esse elemento caracterizador do gênero em estudo.

Em relação ao estilo, percebemos a resolução dos desvios encontrados na versão inicial de A5-F. O primeiro problema constatado, tratou-se da repetição de expressões no primeiro parágrafo, através do vocábulo “piloto” (duas vezes) e da expressão “ela ir completar ano” (também duas vezes) para veiculação da mesma ideia, foi solucionado mediante a única ocorrência das referidas expressões, como podemos observar no fragmento “No presente, Vitória foi chamada para estagiar em Marte. Ela viajaria no dia nove de abril, porque iria completar dezoito anos. Nesse dia, o piloto Paulo ligou dizendo: ”, evitando a prolixidade do trecho.

O segundo problema verificado no tocante ao estilo, diz respeito à reincidência do mesmo termo anafórico (ela) no parágrafo inicial e em boa parte do texto. Notamos o progresso da produção de A-5F, em que das seis recorrências na primeira versão, somente no primeiro parágrafo, do referido termo anafórico, passou para apenas quatro em todo o texto. O uso adequado desse pronome contribuiu para a coesão textual. Vale salientar que para esse desvio constatado em outras produções textuais dos educandos, também houve avanços.

O terceiro e último desvio observado na versão inicial de A5-F no que tange ao estilo, estava relacionado à utilização equivocada do discurso direto no trecho "... e ela foi dormir ate amanhã pai e mãe ate vitória amanheceu e um piloto paulo ligar pra vitoria – você está pronta Vitoria? – sim ...". Essa inadequação foi resolvida com a reformulação do fragmento através da retirada do discurso direto. Ainda podemos constatar o emprego correto desse referido estilo discursivo no diálogo traçado entre a protagonista e o ser extraterrestre na produção de A5-F.

Prossigamos para a finalização das análises comparativas, através das produções de A6:

A Viagem a Júpiter

Um cientista chamado Alex resolveu fazer uma
viagem em outro planeta. Então chamou seu am-
igo astronauta para organizar a viagem. Então
tudo o que precisava.

Pois foram preparados para uma guerra. Porque
eles não sabia o que podia encontrar lá em
Júpiter.

A viagem durou 5 dias para chegar em Júpiter. Eles
passaram muito assustados porque ele conseguiu falar
a um extraterrestre. Alex falou com o amigo dele.
- Será que eles não entende o que agente fala. Pergun-
tou Alex.
- Sim, daí para agente falar com eles lá perto dele.
responderam Julia.

Então desceram da nave e com muito medo eles
foram para a proximidade. O extraterrestre falou com eles.
Para vocês falar visto uma pessoa assim.

- Alex falou olha a Eizenamia dele tem três ol-
hos na cabeça.

- Julia falou ele tem quatro olhos e duas pernas.

- Então o extraterrestre: - Perguntou o que você
faz aqui?

- Eles falaram agente tá na proximidade visto em outro
planeta.

- Julia falou olha que agente tá lá há uma foto
da alienígena.

Parte 2

Eles tiraram muita foto da alienígena para levar
a terra.

Fonte: A6-I

A Viagem a Júpiter

Um cientista chamado Alex, que trabalha na NASA, resolveu procurar vida em outro Planeta. Chamou seu amigo Júnior para pagar parte dessa missão. Então eles prepararam a nave com tudo que iriam precisar.

A Viagem demorou uma semana para chegar em Júpiter. Eles notaram muita curiosidade para saber como era esse Planeta.

Eles pararam sua nave e começaram a andar em Júpiter. Alex avistou um alienígena e disse:

- Será que eles vão entender o que a gente fala? Perguntou Alex.

- Só é possível saber, indo perto deles. Respondeu Júnior.

O alienígena ficou assustado, pois não tinha visto gente assim e falou com raiva:

- Quem são vocês? O que estão procurando?

- Somos cientistas do planeta Terra. Estamos pesquisando a possibilidade de vida em seu planeta.

- Vocês querem nos destruir?

- Não, viemos em missão de paz. Podemos tirar uma foto desse lugar e de vocês?

- Então, podem tirar, mas saiam logo do nosso planeta.

Alex e Júnior tiraram logo as fotos para comprovar que tinha vida em Júpiter.

Entraram na espaçonave e voltaram para a Terra.

Fonte: A6-F

Na produção de A6-F, percebemos a permanência do desarranjo sequencial através da apresentação da situação inicial e do início da complicação já no primeiro parágrafo do texto, quando o cientista Alex chamou seu colega de trabalho para procurarem vida em outro planeta e prepararam tudo para a referida viagem. Apesar dessa inadequação estrutural, a coerência textual não ficou comprometida. O conflito desenvolveu-se até o clímax, que não evidenciou muita tensão no momento do encontro dos cientistas com os alienígenas, estes questionaram com raiva “Quem são vocês? O que estão procurando?” No entanto, percebemos no referido trecho, uma pequena incoerência, uma vez que inicialmente é mencionado um extraterrestre e em seguida a utilização do pronome do caso reto “eles” na terceira pessoa do plural que remete a um quantitativo maior do que uma unidade em “... Alex avistou um alienígena e disse: - Será que eles vão entender o que a gente fala? ...” O desfecho da narrativa deu-se adequadamente com a permissão para os astronautas fotografarem os extraterrestres e a volta dos astronautas para a Terra.

Em relação ao conteúdo temático desenvolvido na produção textual de A6-F, notamos que foi desenvolvido de forma adequada ao gênero em estudo, a partir do encontro ocorrido

entre os seres humanos e os seres extraterrestres, cuja temática delimitada de experiência com seres extraterrestres. Outro fator contribuinte desse elemento constitutivo do gênero, refere-se à utilização de vocábulos da esfera de ficção científica empregados ao longo do texto de A6-F como “cientista, NASA, planeta, nave, Júpiter, alienígena, espaçonave”. Além disso, o título “A viagem a Júpiter”, apresentou-se coerentemente aos fatos narrados.

No tocante ao estilo e ao uso dos mecanismos linguísticos, houve o predomínio da linguagem formal, mas também da linguagem informal com a utilização dos vocábulos “a gente, tinha”. O termo “a gente” trata-se de uma locução pronominal usada na oralidade, com o sentido do pronome pessoal na primeira pessoa do plural (nós), configurando a informalidade, bem como o verbo “tinha” que para atendimento a um contexto formal característico do gênero deveria ser substituído pelo verbo “havia”. Notamos ainda, a utilização adequada do discurso direto para narração do diálogo entre o personagem principal e os seres extraterrestres.

Os desvios verificados na produção inicial de A6-F relacionados às inferências da oralidade na escrita, inerentes aos processos fonológicos a partir da omissão da letra “r” na construção da forma infinitiva dos verbos elencados foram todos devidamente resolvidos, de forma que dos verbos que permaneceram e outros utilizados na versão final, apresentam-se adequadamente: “procurar, fazer, precisar, chegar, saber, andar, entender, tirar, comprovar”.

Os problemas detectados no que diz respeito à concordância verbal na versão inicial de A6-F, foram solucionados mediante a mudança dos trechos destacados anteriormente e a devida concordância entre os verbos e os seus respectivos sujeitos ao longo do texto. Vale salientar, que a resolução dos desvios no tocante à concordância nominal, deu-se de forma análoga à concordância verbal, ou seja, a retirada do trecho com os respectivos desvios.

As inadequações ortográficas também foram solucionadas mediante a revisão colaborativa entre os colegas e com a mediação da professora-pesquisadora através dos bilhetes orientadores.

Vale ressaltar, que os resultados da produção do aluno A6 não devem ser percebidos como um fracasso. É cabível ao professor da língua materna, ao avaliar as produções textuais dos discentes abandonar a prática de “caça aos erros” nas palavras pertinentes de Antunes (2009, p. 161) e na sua percepção valiosa de que tal feitiço constitui-se um meio para a inibição expressiva do aluno e posterior bloqueio para a prática social de escrita.

Após a finalização da análise comparativa entre a produção inicial e a final, podemos verificar que o projeto de produção textual de contos, mediado pela sequência didática, contribuiu para o desenvolvimento do comportamento reflexivo sobre os usos da linguagem dos educandos no percurso de produção de seus textos. Essa atividade reflexiva possibilitou a

busca de soluções para as inadequações com as quais se depararam quando produziram a primeira versão dos seus contos de ficção científica, que foi veiculada de forma interativa com os colegas e pela mediação da professora-pesquisadora e não apenas como uma atividade pontual e única de escrita sem considerar a sua funcionalidade.

Vale salientar que o objetivo do projeto de produção textual não foi propiciar contistas, mas instrumentalizar os discentes para a produção do gênero conto de ficção científica e, ainda, posterior verificação da absorção e aplicação do conteúdo estudado sobre o gênero no percurso da aplicação da sequência didática pelos educandos na produção textual.

Como bem assevera Lopes-Rossi, o sucesso de projetos pedagógicos de leitura e de escrita:

[...] depende crucialmente de uma mudança de concepção de ensino de produção escrita que requer, entre outras condições, um professor que atue como mediador de conhecimentos, orientador e parceiro dos alunos nas produções; um contexto que favoreça a interação entre os alunos, a troca de conhecimentos, a valorização das habilidades individuais – diferentes, mas que podem se completar na consecução do objetivo final do projeto – uma avaliação dos alunos pelo envolvimento ao longo do processo (e não apenas em uma ou outra atividade) (LOPES-ROSSI, 2011, p. 78).

Dessa forma, percebemos que os discentes alcançaram avanços significativos no desenvolvimento dos contos de ficção científica produzidos, notadamente em relação à estrutura composicional, ao conteúdo temático e ao estilo do gênero trabalho. A maior parte dos textos apresentou a sequência narrativa de apresentação da situação inicial, da complicação, do clímax e do desfecho. Todos os textos abordaram uma experiência com seres extraterrestres em atendimento à temática delimitada para este projeto. O estilo por sua vez foi desenvolvido com a utilização da linguagem formal na maior parte dos textos, com uma maior expressão da individualidade do produtor textual por se tratar de um gênero literário.

Outro fator relevante deste projeto de produção textual, deveu-se a possibilidade da escrita com uma funcionalidade de acordo com as práticas sociais de produção e recepção dos textos produzidos. Essa realidade configurou-se com os leitores reais através da confecção do livro de contos da turma e seu posterior lançamento em uma manhã de autógrafos. Esse objetivo apresentado desde o início, revelou-se um proponente motivador da participação dos educandos na perspectiva de uma produção textual processual e sociointeracionista.

Com a finalização das análises comparativas entre as produções iniciais e finais dos educandos, prosseguiremos para o último capítulo deste estudo, destinado às considerações finais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após relatarmos sobre o projeto de produção textual do gênero conto de ficção científica e analisarmos as versões finais dos textos produzidos pelos discentes do 8º ano de uma escola pública estadual em Pitimbu, propomo-nos a apresentar algumas considerações sobre os resultados alcançados posteriormente à intervenção da sequência didática de acordo o modelo sugerido por Lopes-Rossi (2011).

A análise comparativa entre as produções iniciais e finais durante a aplicação da sequência didática aponta que houve avanços consideráveis nos contos produzidos pelos educandos da referida turma. Esses resultados foram verificados no progresso das produções textuais dos discentes em relação às características composicionais, ao conteúdo temático e ao estilo do gênero em estudo. Dessa forma, notamos que a sequência didática adotada pode ser adaptada a diferentes contextos e subsidiar a prática docente no ensino da produção textual por meio dos gêneros discursivos/textuais.

Os progressos atingidos nas produções finais dos alunos envolvidos no projeto demonstram que estes se tornaram mais proficientes na atividade de produção textual, objetivo principal de nosso estudo, diferentemente do que geralmente ocorre no ensino da escrita tradicional, em que a escrita é trabalhada com atividades isoladas do contexto sociodiscursivo, e por isso, sem funcionalidade; com fins avaliativos, possuindo como leitor, apenas o professor. Nesse projeto, os educandos sabiam desde o início, que os textos produzidos por eles comporiam o livro de contos da turma, seriam divulgados para a escola e para a comunidade local, veiculando, dessa maneira, leitores reais.

Constatamos, também, que os objetivos específicos da nossa intervenção foram alcançados, quais foram instrumentalizar os educandos para realizarem a referida produção considerando, sobretudo, a estrutura composicional do gênero conto de ficção científica (composição, conteúdo temático e estilo); motivar o gosto pela leitura literária através dos contos selecionados de acordo à temática delimitada de experiência com seres extraterrestres e divulgar as produções textuais dos educandos através de um livro de contos de ficção científica.

A observação dos resultados positivos das várias etapas do projeto de produção textual, desde a fundamentação teórica adotada, permite-nos concluir que, a escrita de acordo os contextos de produção e de recepção, favoreceu o envolvimento e a participação dos alunos nas atividades propostas nos três módulos didáticos desenvolvidos.

O primeiro módulo didático de leitura elaborado com o propósito de que os discentes se apropriassem das principais características do gênero discursivo/textual conto de ficção

científica mostrou-se pertinente. Através das rodas de leitura, de maneira interativa e descontraída, buscamos oportunizar um ambiente favorável à formação do leitor proficiente. Os questionamentos propostos para serem respondidos em dupla, alguns oralmente, outros, por escrito, transcorreram com uma participação ativa por parte dos alunos.

Nesse módulo didático, enfrentamos um percalço em nosso estudo, com a saída da diretora da escola e subsequente falta da merenda escolar, que ocasionou na redução da duração da hora/aula para trinta minutos, em que a leitura do segundo conto O inspetor, de Jorge Luiz Calife não pode ser concluída nas duas aulas planejadas, mas foi retomada no próximo dia letivo.

O módulo didático de produção textual foi relevante e positivo, uma vez que nele foram desenvolvidas as primeiras produções textuais e as reescritas até a última versão do texto, demandando assim mais tempo para a sua execução. Inicialmente, os alunos procederam a um planejamento da escrita do texto, através da instigação dos elementos narrativos da história, como espaço (onde acontece); tempo (quando acontece: passado – presente – futuro); personagens (extraterrestre amigável ou hostil); fato (o que aconteceu); clima da narrativa (engraçado, amigável, dramático...). Além desses elementos narrativos, o planejamento contou com a apresentação da sequência narrativa, como sugestão para organização do conto de ficção científica de: apresentação ou situação inicial, complicação ou desenvolvimento, o clímax e o desfecho.

Após o planejamento da produção textual, os educandos produziram a primeira versão do conto. Nesse momento, efetivamos uma análise para verificação das dificuldades apresentadas em relação à estrutura composicional, ao conteúdo temático e ao estilo pelos discentes. Os desvios relacionados à forma organizacional do gênero conto referentes principalmente, à ausência e/ou desarranjo sequencial dos seus elementos constituintes, a ausência ou escolha inadequada dos títulos. A inadequação no tocante ao conteúdo temático deu-se devido à ausência do ser extraterrestre constituindo a fuga temática. Os principais desvios pertinentes ao estilo foram através da repetição de expressões, da reincidência dos termos anafóricos ela/ele e a utilização inapropriada do discurso direto. Além desses desajustes mencionados, verificamos desvios no que diz respeito à concordância verbal e nominal.

Através da participação dos educandos nas atividades propostas com foco nos desvios identificados, da revisão colaborativa com os colegas e com a professora-pesquisadora, as inadequações da estrutura composicional foram solucionadas parcialmente nas versões finais, mediante o adequado arranjo sequencial dos elementos narrativos e adequada titulação dos textos. Os desvios no tocante ao conteúdo temático foram devidamente solucionados com o

desenvolvimento da temática com a presença do ser alienígena nos enredos, bem como profícua adequação do léxico empregado da esfera da ficção científica. Os problemas destacados anteriormente no que tange ao estilo, também foram resolvidos, mediante o emprego de palavras sinonímicas como recurso coesivo e do uso correto do discurso direto. Por fim, houve a resolução do problema da concordância verbal e ausência da inadequação pertinentes à concordância nominal.

Dessa maneira, os discentes puderam reler, reavaliar e reescrever seus textos, na busca de soluções para os problemas que eles revelaram, finalizando esse processo de reelaboração textual, mediante a escrita da versão final dos seus contos de ficção científica. Assim, tiveram a oportunidade de perceber que a escrita é uma atividade processual que demanda planejamento, escrita, revisão e reescritas.

O terceiro e último módulo didático de divulgação do livro Contos de Ficção Científica foi muito significativo. Nesse módulo, os educandos procederam à digitação em dupla dos textos com nossa mediação. A ilustração por sua vez foi efetivada em equipe de forma interativa e prazerosa. Foi perceptível o alto grau de envolvimento dos discentes, nessas atividades, com a demonstração de um pouco de ansiedade para a culminância do projeto no lançamento do livro produzido e ilustrados por eles mesmos em uma manhã de autógrafos.

A culminância do projeto veiculou a exposição dos contos produzidos na manhã de autógrafos em um mural, bem como a entrega de um exemplar autografado do livro Contos de Ficção Científica ao responsável escolhido por cada educando. Esse momento contou com a presença dos colegas do turno matutino, da secretária municipal de educação, dos professores, dos pais ou responsáveis, em que dois alunos emitiram uma reflexão sobre o projeto de produção textual desenvolvido, outros procederam à leitura dos seus contos e uma progenitora elogiou esse momento como exitoso para a aprendizagem dos envolvidos. Esse rico momento de interação foi finalizado com a degustação de um lanche por todos os presentes.

O desenvolvimento do presente estudo, além da perceptível significância para a produção textual dos educandos na concepção de escrita processual e sociointeracionista da linguagem, foi ímpar para a minha prática docente. O meu sonho de adentrar ao Mestrado Profissional em Letras/PROFLETRAS alcançou a sua finalidade de qualificação e mediação de uma práxis mais reflexiva e adaptável à realidade e necessidades dos alunos.

Assim, podemos concluir, na parte final deste estudo, que a utilização de sequências didáticas como uma indicação de intervenção pedagógica constitui um caminho para a promoção da aprendizagem da produção textual em sala de aula com vistas ao desenvolvimento

da competência escritora dos educandos nas diversas situações comunicativas e nas práticas sociais.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. 8 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____. **Textualidade: noções básicas e implicações pedagógicas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37 eds. revista e ampliada, 16 reimpressões. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

BELTRÃO, Eliana Lúcia Santos; GORDILHO, Tereza Cristina S. **Diálogo: língua portuguesa**, 7º ano, p. 52-59. Ed. Renovada. São Paulo: FTD, 2009.

_____. **Diálogo em gênero**, 7º ano, p. 141-144. 2. Ed. São Paulo: FTD, 2016.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BEZERRA, Maria Auxiliadora. Ensino de língua portuguesa e contextos teórico-metodológicos. In DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel e BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais & ensino**. São Paulo: Parábola, 2010.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa: terceiro e quarto ciclos**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CÂNDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Ouro sobre azul/ Duas Cidades, 2004.

CARNEIRO, André. et al. **Histórias de ficção científica**. Seleção e organização de textos Roberto de Souza Causo. Tradução: Carlos Ângelo e Roberto de Souza Causo. São Paulo: Ática, 2005.

CAVALCANTE, Mônica M. **Os Sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2017.

CORTÁZAR, Júlio. **Válise de Cronópio**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2016.

DUTRA, Daniel I. **Ficção científica brasileira: um gênero invisível**. Revista Letrônica, Rio Grande do Sul, v. 2, n. 2, p. 222-232, dez. 2009. Disponível em <http://revistasletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/5082>. Acesso em: 10 mar. 2018.

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO DR. JOÃO GONÇALVES DE AZEVEDO. **Projeto Político Pedagógico**. Pitimbu, 2016.

GOTLIB, Nàdia Batella. **Teoria do conto**. 7 ed. Série princípios. São Paulo: Ática, 1995.

KOCH, Ingedore Villaça. ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever: estratégias de leitura e produção textual**. São Paulo: Contexto, 2017.

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida. Garcia. Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção textual. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (orgs.). **Gêneros textuais: reflexão e ensino**. São Paulo: Parábola, 2011.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. A arte do conto: sua história, seus gêneros, sua técnica, seus mestres. Rio de Janeiro: Bloch, 1972.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise dos gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p.19-35.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária: prosa I**. 20 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

PASSARELLI, Lílían Ghiuro. **Ensino e correção na produção de textos escolares**. São Paulo: Cortez, 2012.

PIGLIA, Ricardo. Novas teses sobre o conto. In: **Formas breves**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

RUIZ, Eliana Donaio. Como corrigir redação na escola: uma proposta textual-interativa. São Paulo: Contexto, 2015.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Referenciais Curriculares do Ensino Fundamental: Linguagens e Diversidade Sociocultural**. Vol. 1. João Pessoa: [s.n.], 2010.

SILVA, Fernando Correia da & Brito, Wilma Pupo Nogueira, eds. **Maravilhas da Ficção Científica**. São Paulo: Cultrix, 1958.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. 8. Ed. São Paulo: Cortez, 2002.

WACHOWICZ, Tereza Cristina. **Análise linguística nos gêneros textuais**. São Paulo: Saraiva, 2012.

APÊNDICES

APÊNDICE A - PLANO DE AULA - MÓDULO I

1º MOMENTO

Objetivo geral:

Compreender a proposta do projeto de produção textual a partir do gênero conto de ficção científica.

Objetivos específicos:

Apresentar o projeto de produção textual a ser desenvolvido;
Conhecer a temática e as etapas do projeto;
Efetivar uma sondagem oral para levantamento dos conhecimentos prévios dos educandos do gênero discursivo/textual conto de ficção científica.

Conteúdos:

Projeto;
Gênero conto de ficção científica.

Procedimentos metodológicos:

Exposição acerca do projeto;
Levantamento a respeito dos conhecimentos prévios dos educandos.

Recursos metodológicos:

Descrição sintética na lousa das etapas do projeto;
Construção de síntese na lousa para exposição das opiniões dos discentes sobre os conhecimentos prévios.

Avaliação:

Participação nos questionamentos orais;
Aceitação ou recusa na participação do projeto proposto.

Referências:

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida. Garcia. Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção textual. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexão e ensino**. São Paulo: Parábola, 2011.

APÊNDICE B - PLANO DE AULA - MÓDULO I

2º MOMENTO

Objetivo geral:

Preparar os educandos para identificar a temática do gênero discursivo/textual conto de ficção científica.

Objetivos específicos:

Identificar a temática de experiência com seres extraterrestres do conto de ficção científica e alguns elementos constitutivos (personagens, conflito);
Realizar a leitura e estudo de um conto de ficção científica.

Conteúdos:

O gênero conto de ficção científica, temática, personagens e conflito.

Procedimentos metodológicos:

Leitura compartilhada do conto de ficção científica;
Exercícios orais e escritos explorando o gênero conto de ficção científica.

Recursos metodológicos:

Cópias de texto e roteiro de estudo.

Avaliação:

Participação nas atividades propostas.

Referência:

BELTRÃO, Eliana Lúcia Santos; GORDILHO, Tereza Cristina S. Diálogo: língua portuguesa, 7º ano, p. 141-142, 144. ed. Renovada. São Paulo: FTD, 2009.

.

APÊNDICE C - PLANO DE AULA - MÓDULO I

3º MOMENTO

Objetivo geral:

Preparar os educandos para identificar os elementos constituintes do gênero discursivo/textual conto de ficção científica.

Objetivos específicos:

Permitir ao aluno reconhecer situações inusitadas e a presença de termos científicos característicos de contos de ficção científico;

Perceber os diferentes tempos verbais empregados no texto;

Reconhecer no texto noções de espaço, tempo, personagens, fato, clima da narrativa, assim como o tipo de narrador;

Identificar a sequência narrativa.

Conteúdos:

O gênero conto de ficção científica e seus elementos constituintes (espaço, tempo, personagens, fato, clima da narrativa, o tipo de narrador, sequência narrativa (situação inicial, conflito, clima e desfecho).

Procedimentos metodológicos:

Leitura compartilhada do conto de ficção científica;

Exercícios orais e escritos explorando o gênero conto de ficção científica.

Recursos metodológicos:

Cópias de texto e roteiro de estudo.

Avaliação:

Envolvimentos nas discussões realizadas em sala;

Participação nas atividades propostas.

Referência:

BELTRÃO, Eliana Lúcia Santos; GORDILHO, Tereza Cristina S. **Diálogo:** língua portuguesa, 7º ano, p. 52-59. Ed. Renovada. São Paulo: FTD, 2009.

APÊNDICE D - PLANO DE AULA - MÓDULO I

4º MOMENTO

Objetivo geral:

Exploração do elemento ser extraterrestre do gênero conto de ficção científica.

Objetivos específicos:

Reconhecer o elemento seres extraterrestres e seu mundo do filme Avatar;

Permitir ao aluno estabelecer relações entre o verbal e o visual;

Despertar o imaginário para os detalhes artísticos de um contexto típico de ficção científica através da aventura com seres extraterrestres.

Conteúdos:

Filme Avatar do diretor James Cameron (2009).

Procedimentos metodológicos:

Cine escola através do filme Avatar;

Exercícios orais explorando os personagens e o espaço do planeta Pandora.

Recursos metodológicos:

Computador, projetor multimídia (data show);

Filme Avatar baixado em HD externo.

Avaliação:

Envolvimentos nas discussões realizadas em sala;

Participação nas atividades propostas.

Referência:

<https://www.seriesfilmetorrent.com/avatar-torrent/>. Acesso em: 04 ago. 2018.

APÊNDICE E - PLANO DE AULA - MÓDULO II

Atividade 1: Aspectos constituintes do gênero conto de ficção científica

Objetivo geral:

Ressaltar os aspectos constituintes do gênero discursivo/textual conto de ficção científica.

Objetivos específicos:

Permitir ao aluno reconhecer situações inusitadas e a presença de termos científicos característicos de contos de ficção científico;

Perceber a sequência narrativa (situação inicial, surgimento do conflito, clímax, solução e desfecho);

Reconhecer no texto noções de espaço, tempo, personagens, caracterização dos alienígenas e o tipo de narrador.

Conteúdos:

Sequência narrativa do gênero conto de ficção científica (situação inicial, surgimento do conflito, clímax, solução e desfecho), seus elementos composicionais: espaço, tempo, personagens, caracterização dos alienígenas e o tipo de narrador.

Procedimentos metodológicos:

Leitura compartilhada do conto de ficção científica;

Exercícios escritos explorando a sequência narrativa e os elementos constitutivos do gênero conto de ficção científica.

Recursos metodológicos:

Cópias de texto e roteiro de estudo.

Avaliação:

Envolvimentos nas discussões realizadas em sala;

Participação nas atividades propostas

Referência:

CARNEIRO, André. et al. **Histórias de ficção científica**; seleção e organização de textos Roberto de Souza Causo; [tradução: Carlos Ângelo e Roberto de Souza Causo], p. 129-139. São Paulo: Ática, 2005.

APÊNDICE F - PLANO DE AULA - MÓDULO II

Atividade 2 e 3: Textualidade: coerência e coesão textuais

Objetivo geral:

Propiciar que os educandos compreendessem as noções de coesão e coerência para a constituição de um texto.

Objetivos específicos:

Permitir ao aluno reconhecer os termos que garantem coesão num texto como anáforas e substituições lexicais;

Reconhecer a estruturação dos tipos de discursos.

Perceber a adequação mais apropriada entre título e texto.

Conteúdos:

Elementos de coerência e coesão, noções semântico-estruturais do discurso direto e indireto e adequação do título ao gênero conto.

Procedimentos metodológicos:

Aula expositiva;

Exercícios escritos.

Atividades de reescrita.

Recursos metodológicos:

Lousa;

Roteiro de estudo.

Avaliação:

Envolvimentos nas discussões realizadas em sala;

Participação nas atividades propostas

Referência:

Fonte: <http://www.conteudoseducar.com.br/conteudos/arquivos/3090.pdf>. Acesso em: 17 out. 2018.

APÊNDICE G - PLANO DE AULA - MÓDULO II

Atividade 4: Concordância verbal e concordância nominal

Objetivo geral:

Propiciar a reflexão dos alunos sobre algumas regras gramaticais que os auxiliariam numa melhor adequação linguísticas no que se refere ao padrão culto da língua.

Objetivos específicos:

Reconhecer as situações da adequada concordância verbal que deve se dar entre o verbo e o sujeito.

Identificar a adequação da concordância nominal no que se refere ao gênero e número entre o adjetivo, o numeral e o substantivo a que se referem.

Conteúdos:

Concordância verbal e concordância nominal.

Procedimentos metodológicos:

Aula expositiva;

Exercício escrito.

Atividade de reescrita.

Recursos metodológicos:

Lousa;

Roteiro de estudo.

Avaliação:

Envolvimentos nas discussões realizadas em sala;

Participação nas atividades propostas

APÊNDICE H - Atividade de planejamento da escrita do conto de ficção científica

Pensando na temática Experiência com seres extraterrestres, solte a sua imaginação para produzir sua história!

1- Planeje a história.

- a) Tente imaginar um planeta e todo o sistema estelar a que pertence: luas, asteroides, formas de vida e habitantes. Se achar mais fácil, faça antes um desenho.
- b) Que informações científicas você poderá utilizar, de modo a convencer o leitor sobre o que será narrado?
- c) Faça um esboço com as informações que irão compor sua história.
 - Espaço (onde acontece);
 - Tempo (quando acontece: passado – presente – futuro);
 - Personagens (extraterrestre amigável ou hostil);
 - Fato (o que aconteceu);
 - Clima da narrativa (engraçado, amigável, dramático...)

2- Observe a sequência narrativa abaixo como sugestão para organização do seu conto de ficção científica.

Apresentação ou situação inicial – estágio inicial de equilíbrio, que é modificado por uma situação de conflito ou tensão;

Complicação ou desenvolvimento – fase marcada por momento de perturbação e de criação de tensão;

Qual o momento de maior tensão (clímax)?

Desfecho ou situação final

Fonte: Pesquisa direta (2018).

APÊNDICE I - Atividade 3: Discurso direto e título

1. Compare os trechos:

Trecho A

Juliana perguntou:
- O que posso fazer para ajudar?

Trecho B

Juliana perguntou o que podia fazer para ajudar.

a) Os dois trechos transmitem a fala de Juliana. De que modo cada trecho realizou essa transmissão?

b) Você percebe diferente efeito de sentido na transmissão de A relativamente à B? Justifique sua resposta.

2- Observe essas situações abaixo em que o discurso direto está transcrito de forma irregular. Faça a reescrita destes fragmentos corretamente.

a) Ela percebeu que era um robô – quem é você? Eu sou Viviam.

b) – Alex falou olha a fisionomia dele tem três olhos na cabeça.

3- Realizamos a leitura de dois contos de Jorge Luiz Calife, intitulados “O inspetor” e “O Terceiro Mundo”. Através desses títulos é possível conhecer a história e despertar o interesse do leitor? Comente sua resposta.

4- O gênero conto é uma narrativa breve, cujo título não deve abranger muitas informações do seu conteúdo. Reescreva os títulos a seguir de maneira que possa despertar o interesse do leitor.

a) A pesquisa de Viviam a Marte

b) Mirela a cientista que descobriu um novo planeta

APÊNDICE J – Atividade 4: Concordância verbal e concordância nominal

1- As orações a seguir apresentam desvios em relação à concordância verbal e/ou nominal. Reescreva-as corretamente.

a) O chefe de Murillo e Beatriz proporcionaram uma grande viagem para o espaço.

b) Eles não sabia o que podia encontrar lá em Marte.

c) Falta apenas dez minutos para decolar.

d) Todos estava muito feliz.

e) Ele tirou muita foto do alienígena.

2- Complete as frases com uma das formas verbais entre parênteses.

a) A possibilidade denovos problemas não está afastada. (surgir, surgirem)

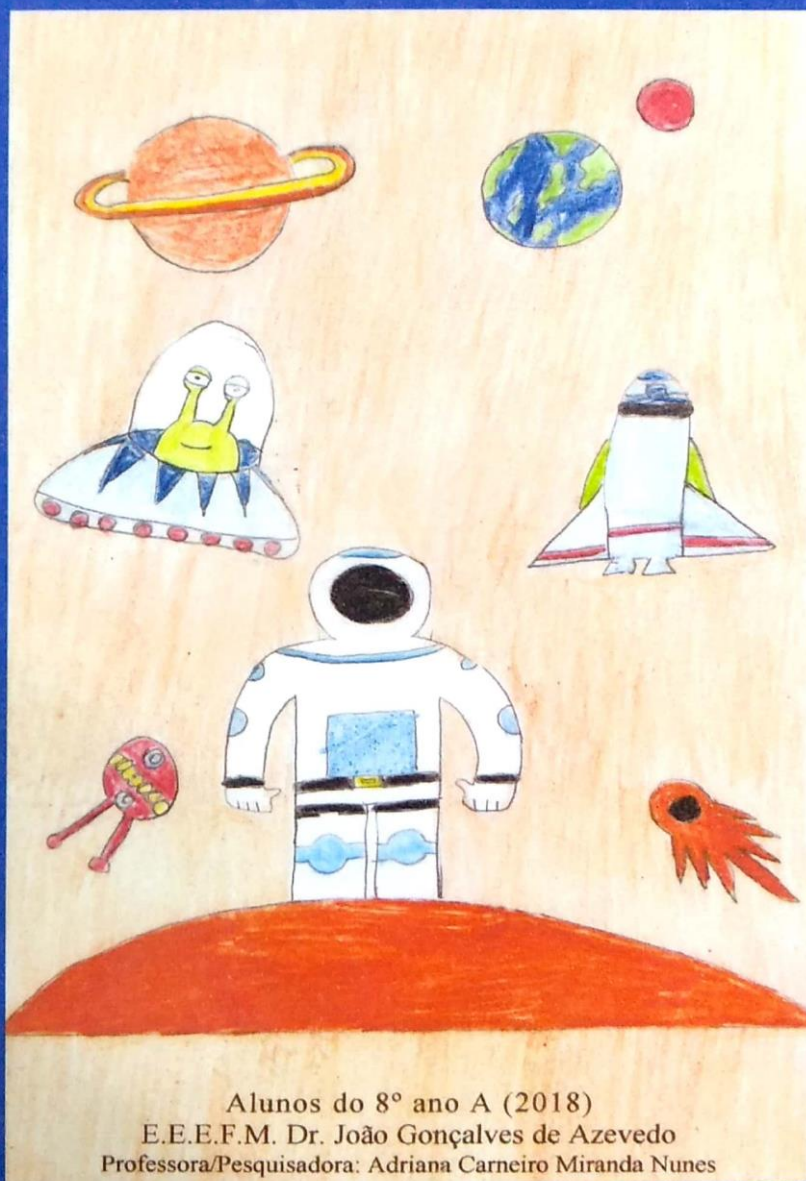
b) Entre mim e o comandante não divergências. (existe, existem)

c) Diante de certos sofrimentos, -me palavras de consolo. (falta, faltam)

d) Cerca de mil pessoas na palestra de ontem. (estava, estavam)

APÊNDICE K – Livro Contos de Ficção Científica

Contos de Ficção Científica



Alunos do 8º ano A (2018)
E.E.E.F.M. Dr. João Gonçalves de Azevedo

Contos de Ficção Científica

Pitimbu – PB / 2018

REDAÇÃO

Edição: Adriana Carneiro Miranda Nunes

Arte: Evellyn Victória Ferreira da Silva

Editoração: Murilo Barbosa

Revisão: João Wandemberg Gonçalves Maciel

Organização: Adriana Carneiro Miranda Nunes

Direção: Adriana Carneiro Miranda Nunes

Data desta edição: novembro/2018

Tiragem inicial: cinquenta exemplares

Sumário

Apresentação	5
Anna Júlia de Souza	
A Missão em Dayko	6
Denilso do Nascimento Silva	
A exploração em Marte	7
Diogo Tavares Ferreira	
A fugitiva do planeta Terra	8
Dleon Ribeiro Da Silva Filho	
Experiência espacial	9
Emilly da Silva Pereira	
Um encontro surpreendente	10
Evellyn Victória Ferreira da Silva	
O amor em outro planeta	11
Guilherme Vieira Marinho	
A viagem a Júpiter	12
Jhaylle Isabelly de Santana Silva	
O encontro	13
João Guilherme Monteiro S. de Moura	
A guerra dos Titãs	14
Kauã Alcantara da Silva	
O Planeta Tenai	15
Laura Maria Melo Monteiro	
A menina e os marcianos	16
Maria Eduarda Barros	
O encontro no espaço	17
Matheus Carlos Santos da S. Cunha	
O planeta novo	18
Natanael Félix do Nascimento Santos	
Vivian em Marte	19
Neidja Rayssa Gonçalves Carneiro	
Missão a Júpiter	20
Plinio Fabrício de Alcantara Santos	
O planeta desconhecido	22
Raiana Beatriz de Oliveira Alves	
Maria e seu robô Mário	23
Renata Gabriela Bezerra Cristovam	
O sonho real	24
Ronaldo Rodrigues da Silva Filho	
O encontro com o extraterrestre	25
Thalyson Ryan da Costa Silvestre	
O extraterrestre	26
Victor Carlos Araújo da Silva	
O amor maluco	27
Wagner da Silva Tavares	
O planeta desconhecido	28

Apresentação

Desde as sociedades primitivas, as pessoas desenvolveram o hábito de contarem e ouvirem histórias. Em nossos dias, muitos em ambientes familiares ou em rodas de amigos compartilham ideias, conversam sobre as últimas notícias e contam casos.

O conto é a mais remota e generalizada expressão da literatura de ficção. Segundo estudiosos, remonta entre povos antes mesmo do conhecimento da linguagem escrita. Eram transmitidos de boca em boca, passados de geração em geração pela tradição oral.

Os contos de ficção científica apresentam temáticas diversificadas que remetem a mundos desconhecidos, a robôs e a monstros, a fenômenos extraordinários, a objetos não identificados, a civilizações e culturas de outros planetas, a seres extraterrestres e a naves espaciais.

O presente livro de contos de ficção científica do 8º ano A, foi elaborado por alunos do 8º ano do Ensino Fundamental, do turno da manhã, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dr. João Gonçalves de Azevedo da cidade de Pitimbu-PB, com a sua temática voltada para experiência com seres extraterrestres.

Produto da dissertação do Mestrado Profissional em Letras /PROFLETRAS, unidade da UFPB, da professora/pesquisadora Adriana Carneiro Miranda Nunes, o livro foi resultado de um estudo etnográfico e intervencionista com o gênero discursivo/textual conto de ficção científica.

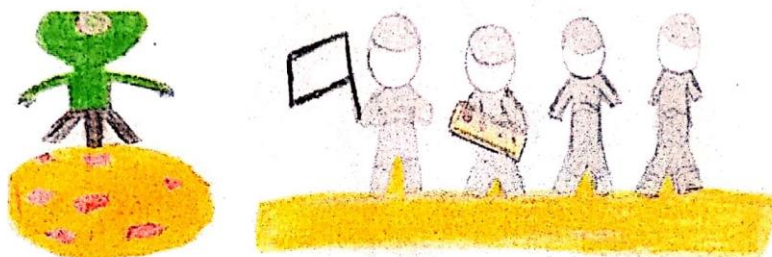
E foi assim, que ao final do estudo realizado, estamos lançando o nosso primeiro livro de contos de ficção científica produzidos pelos alunos do 8º ano A e divulgando para os pais/responsáveis, para os colegas, para professores da escola e para as pessoas da comunidade.

Obrigada a todos que colaboraram direta ou indiretamente para a finalização desse estudo.

Profa. Adriana Carneiro Miranda Nunes

A Missão em Dayko

Anna Júlia de Souza



Melina era uma astronauta que trabalhava para a NASA!

Um dia Melina, que era uma mulher muito extrovertida, foi solicitada para uma missão de estudar um novo planeta, que tinha o nome de Dayko.

Para realizar essa missão, foi ela e mais três homens para ajudá-la nessa tarefa.

Eles foram enviados diretamente para o planeta Dayko. Chegando lá, eles viram duas coisas não identificadas.

Mas usaram um equipamento para descobrir o que era. Ficaram assustados com o que viram: eram alienígenas.

Tinham apenas um olho, duas antenas, três pernas.

Tentaram fazer contato, conseguiram se aproximar, mas ela ficou com muito medo sem saber o que fazer. Os ETs. se sentiram ameaçados e começaram a atacar Melina e sua equipe.

Melina levantou uma bandeira branca, em pedido de paz, e gritou:

- Desculpem-me, eu e minha equipe viemos em paz.

Eles logo responderam:

- Saiam daqui antes que nós os destruamos, e deixem nosso planeta em paz.

- Nós viemos em paz, não queremos ameaçá-los. Queremos apenas fazer pesquisas, colher dados.

Mesmo assim os alienígenas não os deixaram ficar.

Melina teve que recuar, pois suas armas não tinham a mesma capacidade das armas dos ETs.

Assim, Melina não conseguiu cumprir sua missão. E rapidamente voltou para a Terra. Mas disse para todos que nunca iria desistir.

A exploração em Marte Denilso do Nascimento Silva



Em 2015 se descobriu como habitar Marte, o planeta vermelho. Em seguida, a Agência Espacial dos Estados Unidos da América (ASUSA), programou uma viagem para o espaço. Foram feitos os preparativos e em 2020 a missão "Aurora Boreal" embarcou no Ônibus espacial (Spirit of Adventure).

Depois de duas semanas viajando, a tripulação de 5 homens e 4 mulheres finalmente chegou à Marte. O capitão Jack Sully foi o primeiro a sair da nave, fincou a bandeira dos EUA e logo foi arrumando o acampamento.

Alguns minutos após a montagem do acampamento, foram explorar o local: o capitão, dois homens e duas mulheres. Passaram duas horas explorando e coletando amostras daquele ambiente. Aline, uma das duas mulheres que tinha ido à incursão, avistou no horizonte três criaturas estranhas e foi correndo contar para Jack. Quando ele viu aquelas coisas vindo ao encontro deles, ficou muito surpreso.

Os extraterrestres ficaram frente à frente com a tripulação. Vinham armados com lanças, espadas e arcos com flechas. Tinham aparência humana com dois olhos acima do nariz, quatro braços, duas pernas, eram verdes e altos, com quase 2,15 de altura.

Um dos ETS que aparentava ser o líder, desceu da coisa que estava montado e ficou rodeando Jack, parecia que sentia que estava na presença de outro líder. O desconhecido ficou de frente com o rapaz e começou a falar:

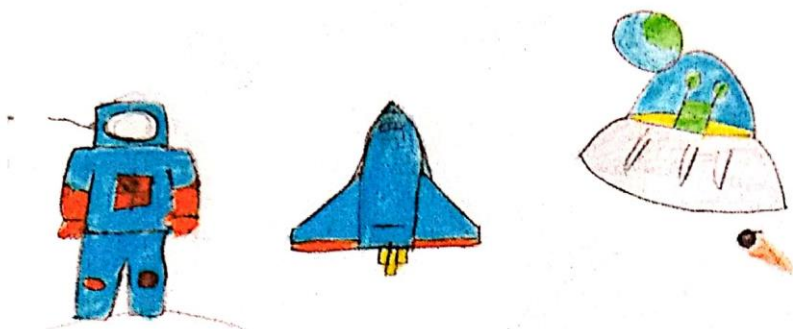
- Quem é você? Perguntou o ET.
- Sou Jack Sully, líder da missão "Aurora Boreal".
- Qual é o seu? Perguntou Jack.
- Sou Tays Tarkys, líder do clã das estepes.
- O que deseja aqui, Jack Sully?
- Estou numa missão para extrair amostras do planeta, a fim de torná-lo habitável para a raça humana.

Eles tiveram uma longa conversa e não se entenderam muito bem, porque o alienígena achou que a tripulação queria guerra, mas não era isso. Eles infelizmente declararam guerra contra a humanidade. Jack e sua equipe não tiveram opção, desmontaram o acampamento e saíram daquele lugar.

Jack pensou consigo mesmo "algum dia voltaremos lá e habitaremos Marte".

A fugitiva do planeta Terra

Diogo Tavares Ferreira



Isabela era uma menina que tinha uma imaginação muito fértil, ela sonhava em ser uma grande astronauta, fazer grandes viagens e conhecer outros seres distintos de planetas distantes da Terra.

A garota foi crescendo e com a ajuda da sua mãe que foi uma grande astronauta, ela poderia realizar seu maior sonho.

Então, apareceu uma menina chamada Maria. Ela era uma grande inimiga de Isabela, tudo que a garota tinha, ela queria ter também, invejava sua vaga como astronauta para embarcar na missão.

Porém, houve uma briga entre as duas. Isabela como era mais habilidosa com as armas matou Maria. Após matar sua inimiga, ela pegou uma espaçonave e fugiu.

Depois de muitos dias vagando pelo espaço, Isabela avistou um pequeno planeta acinzentado. Então ela resolveu pousar.

Ao aterrissar a cientista teve uma grande surpresa com a estrutura do planeta Tenay, pois tinha o ambiente quase igual ao da Terra.

Os alienígenas que viviam lá eram bem parecidos com os seres humanos, mas tinham pele alaranjada e cabelos negros.

Nesse planeta a sociedade era governada por um rei e uma rainha. Chegando ao castelo, Isabela foi colocada na presença do rei, que lhe perguntou:

- Qual é o seu nome?

Ela respondeu:

- Meu nome é Isabela e sou do planeta Terra.

- Por sua beleza e eu ter gostado de você, a tornarei a nova princesa de Tenay e ainda terá que se casar com meu filho Alex. O casamento se realizará amanhã.

Quando o rei terminou de falar, o seu filho entrou na sala. Isabela ficou nesse instante sem palavras de tão encantada com a beleza do príncipe, mas com esforço falou:

- Sim senhor, eu aceito casar-me com seu filho em troca de evitar uma guerra entre Tenay e o meu planeta.

Então, o rei ficou satisfeito. Dias depois eles se casaram, tiveram vários filhos e Isabela nunca mais voltou para a Terra.

Experiência espacial
Dleon Ribeiro Da Silva Filho



No verão de 2020 em Brazukas, quatro astronautas foram escolhidos para uma viagem espacial em um novo planeta desconhecido.

Os astronautas chamados foram: Michel, Pires, Iarita, José e o robô Lia.

Eles estavam muito felizes, pois seria a primeira experiência deles.

A nave foi lançada ao espaço, passaram dois dias e chegaram em um planeta chamado Peak. Eles acharam melhor ficar lá e tentar achar alguma coisa.

No dia seguinte, Lia detectou sinais de vidas perto do ônibus espacial. Ele achou melhor avisar a todos, pois eles precisavam saber.

- Vocês deveriam ir lá para verificar se tem vida ou não, antes que seja tarde e não consigam chegar a tempo.

- Já estamos indo, eu e Iarita. Disse Michel.

- Vamos logo, estou pronto. Respondeu Iarita.

Eles saíram em busca do lugar que viram no mapa quando estavam no ônibus. Quinze minutos depois, eles chegaram ao destino, mas os alienígenas já tinham ido embora.

No outro dia, todos voltaram mais cedo e encontraram os aliens, ficaram espiando de longe, mas foram descobertos por um deles que ia passando. O extraterrestre falou:

- Olá, sou Erik. Vocês não são desse planeta. De onde são?

- Nós somos da Terra. Viemos em paz, queremos saber mais sobre esse planeta. Vocês podem nos ajudar? Perguntou José.

- Lógico, vou mostrar tudo a vocês.

Três dias depois, o oxigênio dos astronautas já estava acabando e tiveram que voltar para a Terra. Mas disseram que no outro ano eles voltariam. Os aliens ficaram felizes.

Os astronautas foram embora e na Terra deram depoimentos sobre a experiência espacial.

Um encontro surpreendente

Emilly da Silva Pereira



No presente, Vitória foi chamada para estagiar em Marte. Ela viajaria no dia nove de abril, porque iria completar dezoito anos. Nesse dia, o piloto Paulo ligou dizendo:

-Vitória.

- Oi sou eu, com quem eu estou falando?

- É o piloto Paulo, que vai levá-la pra Marte. Você irá?

- Eu irei sim, comandante.

- Certo Vitória, então até amanhã.

- Como assim?!

- É porque será amanhã a viagem.

- Sim. Pedirei aos meus pais. Tchau, Paulo.

- Tchau Vitória.

Em seguida, fui falar com os meus pais. Eles deixaram! Comecei a arrumar as malas, pois estava muito ansiosa.

-Você está pronta, Vitória?

- Sim, estou.

Ela desligou o celular e seus pais a levaram para a base da NASA. Ela entrou na nave espacial em direção a Marte.

Quando aterrissaram no planeta, ela viu um extraterrestre vindo na direção deles. O alienígena era alto, magro, tinha dois braços e três pernas. Vitória não parou de olhar para o E.T. e perguntou:

- Quem é você?

- Eu moro aqui e você, o que está fazendo no meu planeta?

- Eu sou Vitória e não quero brigar com você.

- Eu não disse que vou brigar, mas se você quiser a gente briga.

- Eu não quero!

- Eu só estou perguntando o que você deseja.

- Só quero estagiar aqui.

-Ah! O meu nome é Alex.

- O meu é Vitória e o dele é Paulo.

- Pode estagiar no meu planeta, Vitória.

-Tchau Vitória.

-Tchau Alex.

Terminada a pesquisa, Vitória e Paulo retornaram a NASA, alegres com a descoberta surpreendente da existência de vida fora da Terra.

O amor em outro planeta
Evellyn Victória Ferreira da Silva



Era um lindo dia, quando uma jovem astronauta chamada Bella, de cabelos louros, pele branca, foi convocada para ir em uma missão em Júpiter. Então ela aceitou o desafio.

Faltava um dia para a missão e como ela iria passar dois anos em Júpiter, ela resolveu falar com seus pais. Chegando a casa deles falou:

- Oi Pai!

- Oi Filha!

- Pai, eu vou ter que ir em uma missão para Júpiter e só voltarei daqui a dois anos.

Sentirei muitas saudades!

- Filha, também sentirei saudade, mas cumpra sua missão! Tchau filha.

- Tchau pai!

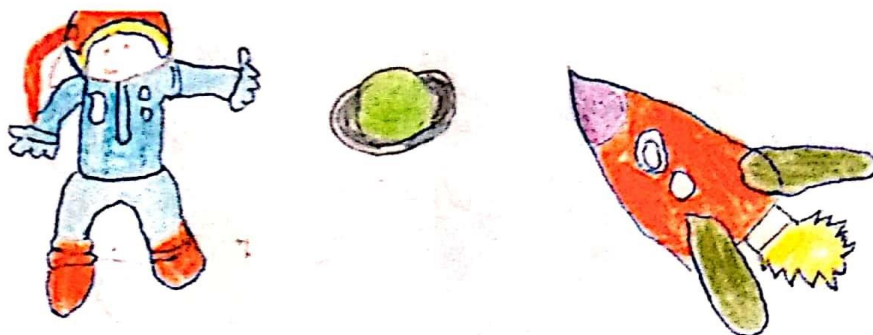
No dia seguinte, tudo já estava pronto para a viagem. Então ela partiu. Chegando em Júpiter, vestiu-se com a roupa de astronauta, saiu da nave espacial e foi explorar o local.

Muito tempo depois andando, ela achou uma pequena cidade e ficou impressionada, pois seus moradores tinham duas pernas, dois braços, eram humanos! Só que viviam em outro planeta e quando entrou todos correram para falar com ela.

Muito tempo depois, ela conheceu um jovem chamado Erik, se apaixonaram e começaram a namorar. Ele tinha a pele branca, cabelos pretos. Alguns meses depois eles se casaram, tiveram uma filha chamada Lua, já que ela tinha nascido no espaço.

Passados os dois anos, ela teve que voltar para Terra. Quando chegou na base ela tirou sua família da nave. Chegando em casa, ela contou tudo para seus pais e ficaram felizes.

A viagem a Júpiter
Guilherme Vieira Marinho



Um cientista chamado Alex, que trabalha na NASA, resolveu procurar vida em outro planeta. Chamou seu amigo Júnior para fazer parte dessa missão. Então eles prepararam a nave com tudo que iriam precisar.

A viagem demorou uma semana para chegar em Júpiter. Eles estavam muito curiosos para saber como era esse planeta.

Eles pararam sua nave e começaram a andar em Júpiter. Alex avistou um alienígena e disse:

- Será que eles vão entender o que a gente fala? Perguntou Alex.

- Só é possível saber, indo perto deles. Respondeu Júnior.

O alienígena ficou assustado, pois não tinha visto gente assim e falou com raiva:

- Quem são vocês? O que estão procurando?

- Somos cientistas do planeta Terra. Estamos pesquisando a possibilidade de vida em seu planeta.

- Vocês querem nós destruir?

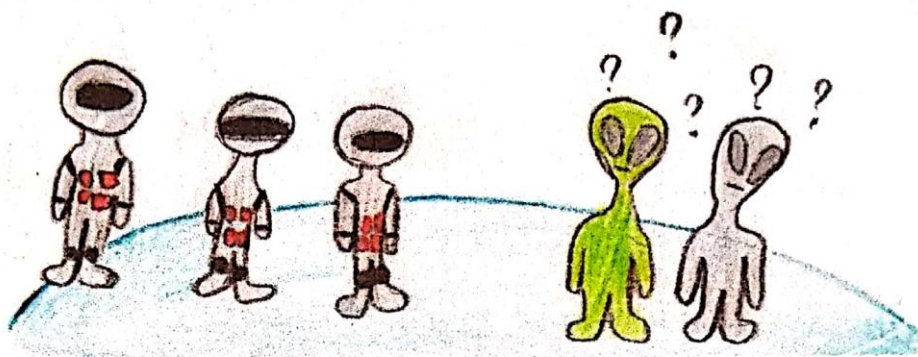
- Não, vimos em missão de paz. Podemos tirar uma foto desse lugar e de vocês?

- Então, podem tirar, mas saiam logo do nosso planeta.

Alex e Júnior tiraram logo as fotos para comprovar que tinha vida em Júpiter. Entraram na espaçonave e voltaram para a Terra.

O encontro

Jhaylle Isabelly de Santana Silva



James estava deitado em seu sofá quando recebeu uma mensagem do comandante Edan, dizendo: “Venha para o trabalho e entre no laboratório, encontramos algo importante”.

James fica empolgado e curioso ao mesmo tempo, então ele se apressa para chegar o mais rápido possível em seu trabalho. Pega seu carro e vai rapidamente para o local onde o seu chefe o mandou. Ele encontra o seu comandante Edan usando um microscópio e diz:

- O que aconteceu? Por que você me chamou?
 - Fique calmo. Encontramos vestígios de extraterrestre na última vez que fomos para Marte. Você lembra que deixamos uma vestimenta lá?
 - Claro, mas o que isso significa?
 - Bem, algum alienígena tocou na roupa e deixou restos dele lá. Talvez exista vida fora da Terra.

- Isso é uma notícia ótima! Já estou ansioso para voltar a Marte. Quando começamos?
 - Hoje mesmo. Está pronto para o desafio?!

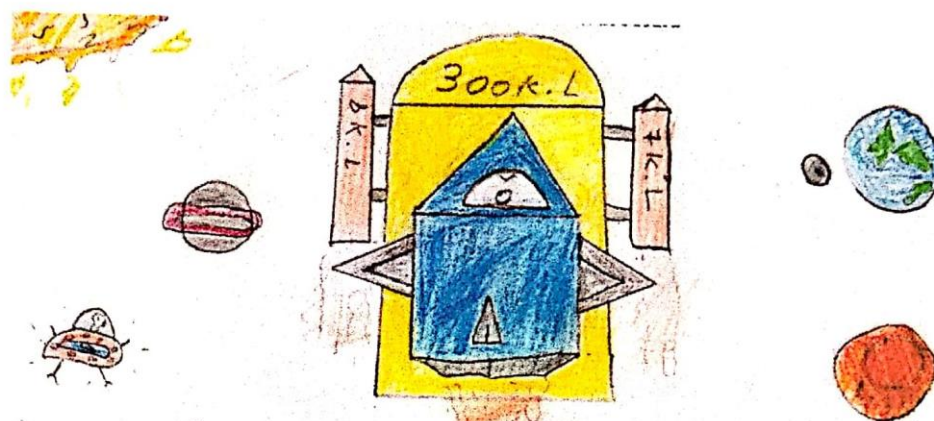
- Já nasci pronto!

O astronauta iria para Marte, acompanhado com Rafael, Michele e Luísa. Eles entraram no ônibus espacial, passaram dois dias e finalmente, chegaram ao planeta azul. Lá acabaram encontrando os alienígenas. Eram muito feios e altos.

- Olá! Viemos em paz, não queremos machucá-los.
 - Olá, humanos! O que fazem no nosso planeta?
 - Queremos entrevistar vocês, apresentá-los para o nosso mundo.
 - Vocês não podem fazer isso, vivemos muito bem aqui.
 - Nós humanos somos legais, não se preocupem.
 - Apenas alguns de vocês, já ouvimos falar da sua raça, nem todos são legais.
 - Então tudo bem, não vamos falar nada.
 - Obrigado.

James voltou para Terra junto com os seus amigos para falar que os extraterrestres não eram de verdade, era apenas ficção. O grupo fez isso para proteger os alienígenas e para mostrar que os humanos são bons.

A guerra dos Titãs João Guilherme Monteiro S. de Moura



No ano de 2.894 a tecnologia da Terra estava tão avançada ao ponto que os seres humanos criavam seus filhos ou até robôs com inteligência artificial.

Eu, Kleiton presenciei uma guerra terrível contra os temidos titãs, uma raça alienígena do planeta Titã, sua aparência era pele de cor roxa e mais de dois metros de altura.

A raça humana estava condenada por um E.T. chamado Chronos. Ele queria matar metade dos humanos da Terra, pois estávamos sofrendo com superpopulação.

Então surgiu um cientista chamado Kleiton que criou uma bala capaz de atingi-los, pois a pele dos alienígenas parecia fibra de aço de tão resistente, que eles eram praticamente imunes a bala normal.

Kleiton estudou esses Titãs e com a descoberta os ETs não gostaram muito disso. E o plano do capitão Tomas entrou em prática, frente a frente com os alienígenas, eu falei:

- O que vocês querem?!

- Nós queremos matar metade da Terra!

O capitão Tomas lançou uma granada contra os Titãs e fugimos para a nave deles, deixamos eles presos no planeta. Chegando a Terra em segurança viramos heróis para a humanidade.

O Planeta Tenai

Kauã Alcantara da Silva



Mirella era uma cientista que foi mandada para o espaço para estudar e descobrir novos planetas. Ela foi a cientista que descobriu o mar gelado em Marte. Mirella foi mandada para o espaço no dia 20.03.2005.

Quando chegou lá, a terráquea viu uma nave sobrevoando o planeta Tenai. Ela se desesperou e foi atrás da nave com sua moto espacial.

Os alienígenas perceberam que tinha algo seguindo eles. Ficaram logo preocupados e foram informar ao chefe.

- Mestre, vimos uma nave com uma terráquea dentro.

- O que?

- Uma terráquea entre nós?

- Matem-na agora.

Os alienígenas pegaram suas naves e foram atrás de Mirella. Chegando lá eles pegaram-na e a levaram para a nave mãe e a prenderam. Eles a queriam para estudar os humanos.

A prisão tinha segurança máxima. Ela tentou fugir várias vezes, mas não conseguiu. Lá na prisão, a terráquea conheceu um alienígena que se chamava Zayn. Ele ajudou a cientista fugir da prisão, mas Mirella não tinha acabado sua pesquisa, pois precisava das fotos. Então ela tirou fotos do amigo alienígena.

Ela pegou sua nave e voltou para terra com provas de que alienígenas existem. Ela foi para vários programas de TV falar sobre sua pesquisa do planeta Tenai.

Mirella ficou conhecida como a primeira mulher a ter visto um E.T.

A menina e os marcianos

Laura Maria Melo Monteiro



Mariana era uma jovem que sonhava viajar pela galáxia. Uma noite escura e assustadora Mariana já estava deitada quando escutou um barulho estranho em seu quintal. Ela foi ver o que tinha acontecido, ao chegar lá tinha uma nave espacial.

Mariana abriu e não tinha nada dentro da nave. Ela foi procurar e deu de cara com dois extraterrestres. Eles tinham dois olhos e três braços. Mesmo assustada Mariana perguntou:

- Quem são vocês?

Eles responderam:

- Somos marcianos, eu sou Denvem e esse é meu parceiro Ohan.

- Por que vocês estão com medo?

- Não, não estamos com medo. Você pode nos ajudar a voltarmos ao nosso planeta Marte?

- Sim, mas como?

- Empurrando a nave.

- Mas, antes, o que vocês vieram fazer aqui?

- Vimos realizar uma pesquisa sobre os humanos.

- Como assim?

- Sobre o seu modo de viver e acabamos aqui. Estamos há cinco dias sobrevoando a

Terra.

- Sim, vamos logo daqui a pouco meus pais estão de pé.

- Vamos, mas antes de nós irmos, quero agradecer por ter nos acolhido "obrigado".

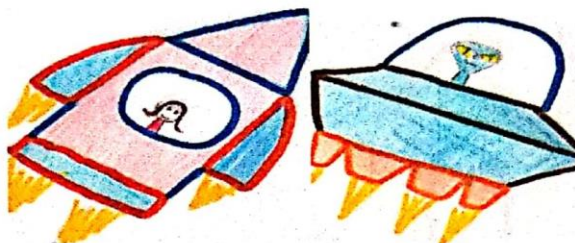
- Por nada, vamos lá.

-Vamos.

Ela empurrou a nave e eles voltaram para o seu planeta felizes, ainda escreveram uma mensagem dizendo obrigada e Mariana se emocionou.

O encontro no espaço

Maria Eduarda Barros



Charlotte Joanne é uma astronauta que iria ter que cumprir uma Missão: procurar por seres extraterrestres pelo espaço.

Chegou o dia tão esperado de Charlotte. Ela entra na nave e o comandante dá a ordem para que ela se prepare para a contagem regressiva... 10, 9, 8, 7, 6, 5, 4, 3, 2, 1 e foi dada a partida.

Já fora da atmosfera terrestre, Charlotte só tem uma Androide para conversar. A androide era encarregada de enviar e receber mensagens, o nome dela era Mellina.

- Mellina, alguma mensagem recebida da Terra?

- Nem uma mensagem foi recebida diretamente da Terra Charlotte.

Parecia que tudo estava tranquilo, mas uma outra nave desconhecida foi vista.

- Charlotte, uma nave não identificada foi detectada.

- Mellina, qual é a distância entre a nossa nave e a espaçonave não identificada?

- Três km de distância. Estou tentando fazer contato com a nave. Outra coisa quando estivermos perto dela, tire fotos para tentar identificá-la.

- As melhores fotos eu tirei.

Mellina não conseguiu fazer contato com a nave desconhecida.

Os desconhecidos estavam preparados para atacar, só faltava acionarem o comando.

Depois de alguns minutos ela começou a atacar a nave de Charlotte e Mellina.

- Mellina, está nave está atacando a gente, os nossos equipamentos não são capazes de fazer o estrago que eles estão fazendo, são armas totalmente avançadas.

- Charlotte tem uma espaçonave de emergência, se não formos poderemos ser totalmente destruídas.

Elas foram para a outra nave e recuaram, para fugirem da morte.

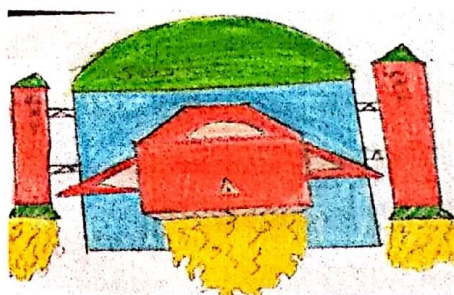
Elas descobriram que eram seres extraterrestre, Mellina conseguiu uma foto que comprova isso.

Charlotte e Mellina voltam para a Terra com a Missão fracassada. Mas as fotos mostram que há um alienígena pequeno, azul com 4 olhos.

Talvez um dia elas possam esquecer esse fracasso.

O planeta novo

Matheus Carlos Santos da S. Cunha



Júnior era um comandante de uma base da NASA. Victor que era filho dele estava em um treinamento para ser astronauta há mais de quatro anos. Victor passou para viajar com o pai dele para o planeta Marte com o objetivo de fazer uma pesquisa sobre um ET.

Foram em um ônibus espacial e no caminho eles encontraram um planeta desconhecido. O filho Victor disse:

- Olha pai um planeta novo!
- Estou vendo Victor.
- Vamos lá?
- Vamos.

Eles pousaram o ônibus espacial no planeta desconhecido e viram um ET, ficaram com medo do alienígena, mas eles foram andando para perto do extraterrestre. Nesse planeta o chão era rosa e as casas dos ETs eram em cápsula verde. Victor e Júnior chegaram próximo ao ET e ele assustado perguntou:

- Quem são vocês?
- Eu sou Júnior e esse é meu filho Victor.
- Como é seu nome ET?
- Meu nome é Azul.
- Vocês estão fazendo o que em nosso planeta?
- A gente estava em uma missão para Marte, mas vimos o seu planeta e ficamos curiosos.
- Azul, você pode ajudar a gente com a pesquisa?
- Sim, posso.
- Então nos mostre o lugar.

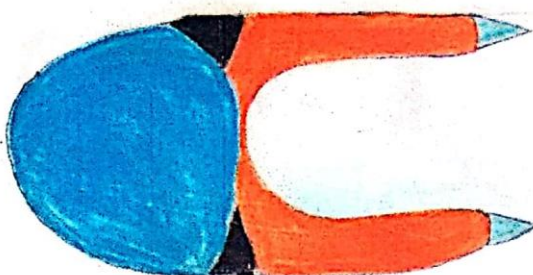
Azul foi mostrar o planeta dele para Victor e Júnior. Nessa pesquisa eles perceberam que no planeta desconhecido havia oxigênio para seres humanos respirar e Victor perguntou:

- Azul, como é o nome desse planeta?
- É Aquário.
- Por que é esse nome, Azul?
- Porque esse planeta foi descoberto em fevereiro de 2005.
- Muito obrigado, Azul.
- De nada, precisando é só chamar.

Assim Victor e o pai fizeram a pesquisa e foram para o planeta Terra.

Vivian em Marte

Natanael Félix do Nascimento Santos



Vivian é uma astronauta de cor morena, altura 1,68, estava na academia. Quando foi para casa e achou uma mensagem. Então pensou “eu não estou esperando ordem alguma”, ficou curiosa para ver o que dizia a carta.

Tratava-se de uma missão a Marte, mas primeiro precisava de mais informação sobre a viagem.

O nome da equipe é Xereta, composta por quatro pessoas: Alexandre, Alex, Jéssica e Vivian. Eles entraram na nave espacial em direção a Marte para inspecionar a possibilidade de existência de vida.

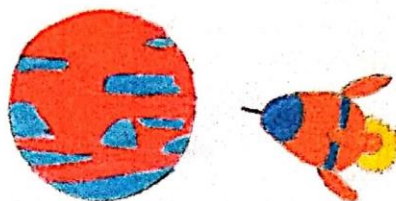
Ao aterrissar no planeta cinzento, Vivian desceu da espaçonave e logo encontrou um ser verde que ela pensou que fosse um ET.

Mas não era um ser fácil para conversar. Vivian percebeu que era um robô e ele foi logo dizendo:

- Quem é você e o que deseja?
- Eu sou Vivian. Vim até aqui para pesquisar sobre os extraterrestres.
- Eu sou uma máquina e funciono com a energia.
- Já eu tenho algumas células, órgão e o coração, que sem ele eu morro.
- Então eu posso fazer a pesquisa?
- Pode, mas não demore.

Terminada a pesquisa, Vivian e sua equipe voltaram para Terra e contaram que em Marte existem alienígenas.

Missão a Júpiter
Neidja Rayssa Gonçalves Carneiro



Na grande São Paulo, em 2050, havia uma empresa chamada ICE (Instituto Científico Espacial). Lá havia um homem chamado Wiliam, ele era um dos faxineiros da empresa.

No dia 22 de agosto, uma espaçonave iria para o espaço fazer uma expedição, e Wiliam tinha que deixar a nave bem limpinha, pois um astronauta iria pilotar a nave.

Uma hora antes da nave decolar, e o piloto ainda não tinha chegado.

- Faltam apenas 20 minutos para decolar, e ele ainda não chegou. Falou o comandante. Wiliam estava limpando a nave quando o comandante lhe perguntou:

- Wiliam, você que ir fazer essa expedição?

- Claro que sim!

- Então corra e coloque as roupas de astronauta.

- Certo!

- Faltam 10 segundos para decolar.

- 10, 9, 8, 7, 6, 5, 4, 3, 2, 1, pode decolar!

Wiliam ficou superanimado, então foi ver se os rádios estavam funcionando.

- Comandante, está me escutando?

- Comandante na escuta, algum problema?

- Não senhor.

- Muito bem, você deve ir ao planeta Júpiter, para ver se lá há possibilidade de vida.

- Certo, câmbio desligo.

Ao chegar a Júpiter, Wiliam ficou superassustado com o que viu.

- O que é isso?

Júpiter é com várias montanhas azuladas, areias vermelhas por toda parte, o sol não é muito claro.

- O que é isso, porque a nave está balançando?

Quando Wiliam desceu de nave: eram alienígenas!

Do nada apareceram dois alienígenas da cor verde, três olhos, uma boca e um nariz, eles achavam que Wiliam queria matá-los.

Quando Wiliam virou de costas, eles atiraram pedras nele.

- Ai! O que foi isso?

- Você foi enviado para nos matar?

- Não, claro que não!

- Então, o que você faz aqui?

- Prazer meu nome é Wiliam, eu vim em uma missão de paz. Só quero saber se aqui há possibilidade de vidas.

- Só isso mesmo?

- Só!

- Desculpe-me então, meu nome é Renam e esse é meu irmão Rafael, mas nós o chamamos de Tata.

- Há mais de vocês?

- Claro, venha vamos o apresentar para eles.

Renam e Tata mostraram tudo para Wiliam, dentro de 2 dias ele conheceu tudo.

- Você vai contar sobre nós lá na Terra?

- Claro!

- Não! Sabia que não era para confiar em você.

- Calma, por que eu não posso falar nada?

- Muitos anos atrás, veio um homem aqui, ele conheceu alguns de nós, prometeu que não ia contar nada sobre nós lá na Terra, dias depois aqui ficou cheio de humanos, tivemos que usar nossas armas para expulsá-los daqui.

- Nossa! Eu não vou contar nada sobre vocês, não se preocupem.

- Obrigado Wiliam.

- Agora tenho que ir meu oxigênio está acabando, tenho que voltar para a Terra.

- Adeus!

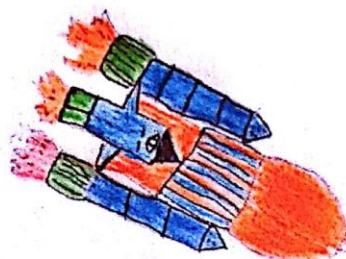
- Adeus amiguinhos.

Quando Wiliam chegou a Terra fez um relatório sobre tudo.

E foi assim o encontro de um humano com um alienígena.

O planeta desconhecido

Plínio Fabrício de Alcantara Santos



Seis horas da manhã e Arnaldo já estava andando de helicóptero e acordando todos na cidade. Enfim ele chega a seu destino, o depósito de ferro, tentando ainda entender o que tinha acontecido.

O depósito de ferro é feito para guardar o ferro não utilizado para fazer novas máquinas, mas todo o ferro sumiu do dia para a noite e ninguém sabe como. Arnaldo ficou com dor de cabeça pois boa parte de seu dinheiro vinha das máquinas e ele podia ir a falência. Ele começou a pensar em um jeito de arranjar mais ferro até que ele olhou para o céu e teve uma grande ideia.

Ele começou a construir uma nave com espaço para trazer ferro do espaço. Tudo ficou pronto, o piloto Paulo foi contratado e preparado até a viagem para o espaço.

Paulo passou uma semana no espaço até um dia que ele começou junto com a nave a ser sugado e não importava quantos botões ele apertasse, a espaçonave continuava sem rumo até que ele entrou na atmosfera de um planeta desconhecido, acionou o paraquedas em um lugar coberto por metal.

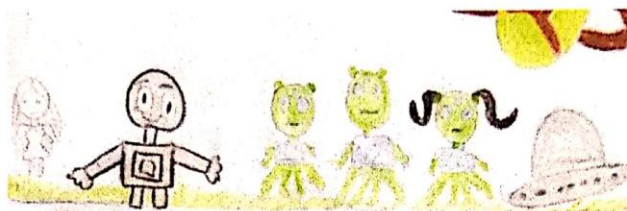
Depois de um tempo trancado na nave, uma mulher apareceu, o pegou pelo braço e o levou até um lugar diferente do resto do planeta. Era uma floresta linda e cheia de gente.

Paulo pediu uma explicação a Amanda. Ela explicou que apesar deles parecerem humanos eram alienígenas que criaram máquinas poderosas e foram dominados. O único jeito de salvar o planeta era se alguém fosse até o líder e o destruísse, mas ninguém tinha coragem. Mas Paulo tinha deixado família na Terra e faria de tudo para voltar para casa.

Então Paulo se entregou para os robôs e pediu para falar com o líder. Depois de um tempo de conversa, ele jogou uma bomba e se protegeu. Os robôs desligaram, ele foi atrás de uma nave nova e voltou para casa.

Depois disso, Arnaldo foi à falência, mas Paulo voltou a ser astronauta e um herói.

Maria e seu robô Mário
Raiana Beatriz de Oliveira Alves



Maria tem um robô chamado Mário. Ele é um robô muito inteligente assim como Maria, os dois adoram viajar nas suas imaginações.

Maria e Mário depois de escutar várias histórias de seus pais, Rubens e Valentina, sobre alienígenas decidiram brincar no quintal de sua casa.

De repente, Maria escutou um barulho estranho, ela olha para cima e vê uma espaçonave enorme. Eles ficaram muito assustados. A nave desceu em direção do seu quintal, quando aterrissou, Maria e Mário se aproximaram e viram três alienígenas saindo da espaçonave. Eles eram: verdes, tinham três olhos e quatro patas. Maria perguntou:

- Quem são vocês?
- Esse é Max, essa é Quitéria e o meu nome é Dem. E como vocês se chamam?
- Eu sou Maria e esse é o meu robô Mário. Por que a sua pele é verde?
- Por causa da gravidade do meu planeta – respondeu Dem.
- Qual é o seu planeta?
- Venta.
- Onde se localiza?
- Depois de Marte no caminho de Júpiter.
- Uh! Qual a origem do seu povo?
- Nós somos ventalianos e somos da classe média.
- Uh! Vocês são agressivos?
- Não.
- O que vocês vieram fazer aqui na Terra?
- Viemos selecionar duas pessoas para conhecer nosso planeta Venta, e os escolhidos foram vocês.

Maria e Mário aceitaram ir com eles. Rapidamente se vestiram com roupas que podem suportar qualquer gravidade. Chegando ao planeta Venta, onde faz muito frio, Maria e Mário conheceram vários outros ETs.

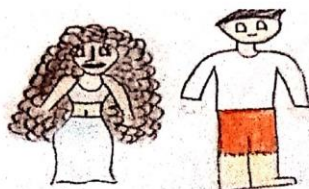
De repente, todos se trancam em suas casas, com medo de um alienígena inimigo que controla o ar chamado Ventálico. Ele fazia com que todos fossem expirados pelo seu tobogã, onde nenhum alienígena conseguia voltar para a sua casa.

Maria e seu robô Mário conseguiram vencer Ventálico, o alienígena do mal, e todos agradeceram a eles por terem salvado suas vidas.

Voltando para a casa, Maria e Mário continuaram brincando no quintal e foram convidados para voltarem mais vezes.

O sonho real

Renata Gabriela Bezerra Cristovam



Eduarda é uma menina que tem a imaginação muito fértil, o seu sonho era ser astronauta. Ela sonhava em embarcar em viagens que tinham várias aventuras e queria conhecer novos seres distintos e planetas desconhecidos.

Ela foi crescendo e teve a ajuda de uma amiga da sua mãe chamada Amyria, que era uma grande astronauta. Ela viu o esforço e a dedicação de Eduarda e lhe disse:

- Ei moça linda!

Eduarda respondeu: - sim?

- Eu trabalho em uma organização que descobre e estuda novos seres e novos planetas.

Eduarda disse: - Ora que interessante, eu estou me formando para isso.

- Eu posso te apresentar para a minha chefe Karina. Ela é a chefe central da NASA.

- Ora seria muito legal! Você faria isso por mim?

- Claro que sim! Você tem potencial ...

- Muito obrigada Amyria.

- De nada, minha linda.

No dia seguinte, Eduarda foi se apresentar para a chefe de Amyria, a Karina. Chegando lá, ela fez o teste e passou junto com um colega chamado Ian.

Após alguns meses de muito treinamento, eles foram enviados para uma missão em busca de um planeta roxo chamado Grook. Durante a viagem, Ian pediu Eduarda em namoro. Eduarda surpresa com aquilo, pois ela tinha o mesmo sentimento por ele.

Passou um mês para encontrar Grook, mas a nave deles era enorme e tinha suprimentos para uns sete anos.

Chegando lá, eles ficaram surpresos, pois pareciam que estavam na Terra. Lá os habitantes tinham as mesmas características dos seres humanos, só o mudava a cor da pele que era arroxada e todos tinham o cabelo liso e preto e eram todos amigáveis.

Então os pombinhos nem precisaram de roupas espaciais, pois naquele planeta tinha as mesmas condições de vida da Terra.

Já que eles eram grandes exemplos de pessoas da Terra, os alienígenas conversaram entre si e viram que não havia ameaças entre eles.

Então Eduarda entrou em contato com a Terra e relatou tudo o que havia acontecido. Eles retornaram, se casaram, tiveram filhos e depois de algum tempo tentaram retornar para Grook, mas nunca mais conseguiram encontrar o planeta roxo.

O encontro com o extraterrestre

Ronaldo Rodrigues da Silva Filho



José era um cientista da OE (Operações Espaciais), que viajava pelo espaço para descobrir vida em outros planetas.

O cientista iria para uma viagem na semana seguinte. Estava muito ansioso e também com medo de dizer algo que aborrecesse o extraterrestre. Então José preparou a nave e foi embora para Vênus.

Quando chegou em Vênus, o planeta alaranjado, José viu os ETs. Eles eram muitos feios, tinham um nariz fino, quatro olhos, um par de ouvidos, três braços e três pernas.

O cientista ficou com um pouco de medo e perguntou ao alienígena que parecia ser o chefe:

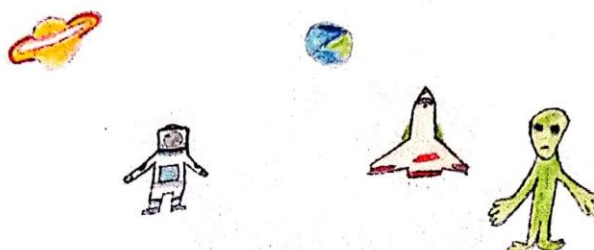
- Qual é o seu nome?
- Meu nome é Robo Cop. E o seu?
- José.
- O que você faz aqui?
- Vim conhecer o seu planeta.

Os alienígenas eram bons, mas se fizesse algo que os aborrecessem, eles podiam fazer qualquer coisa contra José.

Os extraterrestres levaram José para conhecer o planeta Vênus. Em Vênus tinha um monte de pedras, uma vasta área com areia alaranjada e muitas coisas interessantes que ele nunca tinha visto.

Então chegou a hora de voltar para Terra. José se despediu dos ETs., deu "tchau" para eles e foi embora feliz.

O extraterrestre
Thalyson Ryan da Costa Silvestre



Jéssica era uma astronauta destacada na NASA e estava no sofá de casa assistindo a um filme, quando algo caiu no seu quintal.

Ficou curiosa e foi olhar do que se tratava. Chegando lá, observou uma coisa se mexendo.

A bela astronauta nunca tinha visto nada parecido. Jéssica ficou com medo, mas mesmo assim ela queria ver o que era. Foi se aproximando, ao chegar mais perto viu um ser muito estranho, pois era de cor verde, dedos alongados, cabeça grande e alto. A jovem se assustou e perguntou:

- Quem é você?

Ele respondeu:

- Sou Osvaldo, o extraterrestre viajante. E você quem é?

- Eu sou Jéssica, a astronauta.

Logo depois, ele a levou para a sua nave a fim de fazer uma experiência. Jéssica ficou nervosa e disse:

- Leve-me de volta já!

Osvaldo respondeu:

- Se o experimento der certo, eu levo você de volta à Terra.

Osvaldo começou a fazer perguntas e ela foi respondendo.

- Agora eu a levarei. Disse o extraterrestre.

E no final de tudo, eles ficaram amigos.

Jéssica foi muito entrevistada, pois havia sido a primeira pessoa da Terra a se encontrar com um extraterrestre.

O amor maluco

Victor Carlos Araújo da Silva



Uma jovem chamada Paula, foi morar em uma casa onde um extraterrestre sofreu um acidente quando sua nave caiu. Ele era muito apaixonado pela casa.

Paula resolveu fazer sua mudança para a casa, quando terminou ela foi dormir. No quarto que ela dormiu era o quarto onde o extraterrestre dormia, mas quando ela estava no quarto o alienígena tinha saído em sua cadeira de rodas.

Paula dormiu um pouco, depois ela foi ao mercado fazer umas compras, e no tempo que ela saiu, o extraterrestre entrou na casa e pegou suas coisas, quando Paula chegou do mercado ela achou a casa muito estranha.

Ela muito cansada foi dormir, mas não estava conseguindo porque estava com muito medo. Em um certo momento o extraterrestre resolveu sair debaixo da cama e quando Paula o avistou, gritou, mas ele a acalmou.

Passaram uns minutos, Paula com muito medo ligou para a polícia e o extraterrestre rapidamente fugiu de lá.

Depois de umas três horas, ele voltou e dessa vez ele decidiu conversar, ele foi e disse:

- Olá linda menina, eu sou o João, minha nave caiu aqui perto, eu perdi os movimentos das pernas.

- Olá, eu estava muito assustada.

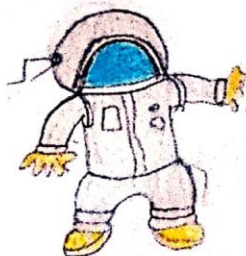
- Eu sabia, eu cheguei há três anos atrás.

E eles foram se falando aos poucos e um dia resolveram sair.

Ele resolveu dizer como foi que ele chegou na Terra, e ela falou um pouco dela.

Eles viraram melhores amigos até passar um certo tempo e resolveram se casar.

O planeta desconhecido
Wagner da Silva Tavares



Um astronauta chamado Luiz estava passeando com sua família em Nova York. Quando voltaram do passeio, Luiz foi chamado pela NASA para uma missão de procurar vida fora da Terra.

Dois meses, ele foi para Uranos, um planeta muito gelado, mas sua cápsula era muito resistente.

O astronauta não encontrou nenhum ser em Uranos. Passaram mais dois meses e foi flutuando pelo espaço. Quando viu um planeta do tamanho da lua, só que era verde.

Curioso, Luiz foi lentamente se aproximando, viu vários pontinhos verdes se mexendo em volta do planeta e ficou muito assustado.

Chegando ao chão, vários ETs em volta da cápsula, ficou olhando com muito medo e viu que os extraterrestres estavam sem nenhum tipo de arma. Abriu a porta da cápsula lentamente, saiu e tentou conversar com os alienígenas dizendo:

- Quem são vocês?
 - Somos habitantes desse planeta e você é de qual planeta?
 - Sou do planeta Terra, conhecem?
 - Uh! Não conhecemos esse planeta.
 - O que vocês comem por aqui?
 - Comemos gosma, e você?
 - Como vários tipos de comida. Tenho que ir embora. Posso tirar uma foto antes de partir?

- O que é foto?
 - Relaxem, não vai machucá-los.

Luiz tirou a foto, entrou na cápsula e foi embora rapidamente.

Chegando a NASA, entregou as imagens e espalhou a notícia que existe vida fora da Terra.

A N E X O S

ANEXO A – Texto: Planetas habitados (André Carneiro) e atividades

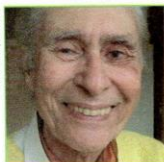
**Texto
2**
Conto de ficção científica

Será que há vida inteligente em outros planetas? Se existe, será que são seres semelhantes aos humanos? Será que, neste universo imenso, a única espécie dotada de inteligência são os seres humanos?

O texto de André Carneiro que você vai ler agora, que também é um conto de ficção científica, trata de um questionamento que faz parte do nosso imaginário e para o qual a ciência ainda não tem uma resposta.

Pelo título do conto, do que você acha que a história vai tratar? Que planetas habitados seriam esses?

Acervo pessoal



André Carneiro (1922-2014) nasceu em Atibaia, interior do estado de São Paulo, e fez parte da primeira geração de escritores de ficção científica no Brasil.

Como escritor (poeta, contista e romancista), teve livros publicados em mais de dez países e desenvolveu também trabalhos como artista plástico, fotógrafo e cineasta.

Planetas habitados

- Olhe como são bonitas, milhares de estrelas...
- E quase todas devem ser rodeadas de planetas como o nosso, habitados, provavelmente...
- Custa-me acreditar...
- Os cientistas dizem que há milhões, talvez trilhões de planetas, só nas galáxias mais próximas. A vida existiria como aqui.
- Devo ter pouca imaginação. Acho difícil visualizar planetas habitados, com seres iguais a nós, vivendo como nós.
- Por que “iguais e vivendo como nós”? É pretensão injustificável deduzir que só animais semelhantes tenham desenvolvido inteligência. E os objetos de forma arredondada, vistos em nossa órbita? Muita gente os vê a olho nu.
- Não seriam pessoas sugestionáveis ou com defeitos na vista? Li num artigo: essas aparições são fenômenos naturais pouco estudados, ou máquinas voadoras feitas aqui mesmo, em experiências secretas.



- Talvez, em parte. Mas já há uma boa documentação e não vejo motivo de espanto em supor que outros planetas do nosso sistema sejam habitados.
- Mas os seres que comandam ou pilotam essas naves espaciais, por que não pousam e entram em contato?
- Não passa de orgulho gratuito pensar que habitantes de outros planetas estejam interessados em dialogar conosco. Esses engenhos talvez sejam minúsculos, comandados a distância. Estarão apenas nos estudando com seus aparelhos? E é bem possível que eles sejam tão diferentes de nós que não haja uma possibilidade de entendimento imediato.
- Falariam línguas impossíveis de se aprender? Quem sabe emitam ruídos, ou comuniquem-se por gestos...
- Nossos cientistas acabariam descobrindo a chave. Ou eles, mais inteligentes, nos ajudariam a compreendê-la.
- Aquela estrela brilhante não é um planeta?
- É. Ali há condições para a vida. Talvez primitiva e diversa da nossa, pois sua temperatura é extraordinariamente alta.
- Escrevem muitas histórias sobre aquele planeta. Costumam inventar seus habitantes como sendo monstros destruidores, interessados em conquistar a galáxia...
- Histórias e hipóteses... Quem sabe eles têm mesmo duas antenas na cabeça, um olho atrás, outro na frente, quatro braços e seis patas.
- Seria engraçado se fosse assim.
- Por quê?
- Pior se tivessem dois braços, um par de olhos em cima do nariz...
- Seu conceito de beleza é muito exclusivista.
- Gente normal como nós poderia se entender com monstros pavorosos?
- Fique tranquilo. É provável que eles só existam nas histórias. E descobriram que lá a atmosfera é oxigênio puro. De mais a mais, o terceiro planeta possui só um terço de matéria sólida. O resto é uma substância líquida onde a vida é improvável.
- Esta conversa me abala os nervos. Imaginar monstros pernaltas, com dois olhos na frente. Toque aqui a antena.
- Adeus. Não pense mais no assunto. E saia com cuidado para não incomodar as crianças. Seis patas fazem muito barulho...

Vocabulário

pretensão: suposição, com base em um sentimento de superioridade, de que algo seja verdadeiro; presunção

sugestionável: que se deixa influenciar facilmente

CARNEIRO, André. Planetas habitados. In: CAUSO, Roberto de Sousa (Org.). Histórias de ficção científica. São Paulo: Ática, 2005. p. 27-30. (Para gostar de ler).



1- Atividade oral

- a) Quais são as personagens presentes no conto?
- b) O conto apresenta situações inusitadas para a nossa época?
- c) A história apresenta explicações científicas?
- d) Que palavras ou expressões ajudam a criar o estilo de ficção científico na história?
- e) Qual o conflito desse conto?

2- Atividade escrita

3. Quais afirmações descrevem adequadamente o posicionamento dos personagens em relação à vida em outros planetas?

- () O personagem que inicia o diálogo não acredita que haja seres semelhantes a eles, ou seja, que haja vida inteligente em outros planetas.
- () Um dos personagens considera possível a existência de conhecimentos e tecnologias mais avançadas em civilizações de outros planetas.
- () Ambos os personagens consideram impossível vida inteligente em outros planetas.
- O que essa discordância revela sobre a forma de ver e entender o mesmo assunto ou crença?

4. No texto, algumas características consideradas comuns para as condições de vida no nosso planeta e para os seres que aqui habitam são tidas como improváveis para os personagens.

a) Que condições de vida do nosso planeta são consideradas estranhas para os personagens?

b) Que características físicas do ser humano são tidas como “anormais” pelos personagens?

ANEXO B – Texto: O inspetor (Jorge Luiz Calife) e atividades



Texto 1

Você sabe o que é ficção científica?

Ciência não é assunto só de cientistas. Ciência é um tema que pode render ótimas histórias de ficção científica, em filmes, quadrinhos, livros. Histórias em que os personagens e ações se desenvolvem em um mundo inventado e, em geral, mais avançado nas áreas da ciência e da tecnologia e que os cientistas ainda não têm como realizar. Assim, são narrativas em que as ideias apresentadas podem não ser possíveis no contexto, mas poderiam ser, valendo-se de explicações científicas ou lógicas, racionais.

<http://www.cienciahoje.org.br/3323>

Será que, no futuro, os seres humanos se encontrarão com seres de outros planetas? Como você imagina que seria o encontro de um extraterrestre com uma jovem mulher astronauta? O que conversariam?

O texto que você vai ler é uma aventura de ficção científica que o levará ao futuro. Ele narra o encontro de Regiane, comandante da missão Cassiopeia, com o extraterrestre Clindar. Aperte os cintos e boa leitura!

O inspetor

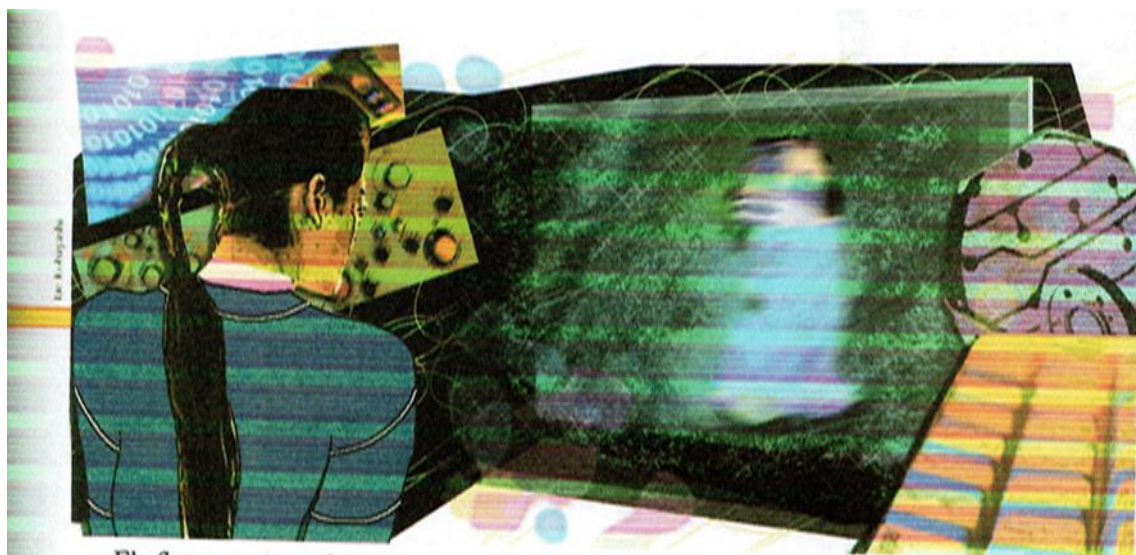
Regiane estava recostada no sofá, assistindo a uma comédia no Videowall, quando as letras luminosas brilharam na tela, por cima da imagem do ator do filme. “Mensagem chegando.”

Ficou curiosa. Não estava esperando mensagem nenhuma naquele dia. Já tinha terminado todas as tarefas diárias e não esperava ser interrompida em sua hora de lazer.

Não ficou aborrecida. A vida a bordo de uma nave espacial era uma rotina tediosa e qualquer interrupção no cronograma era bem-vinda, desde que não significasse uma catástrofe.

A missão Cassiopeia estava no seu 84º dia. O foguete de táquions levava uma tripulação de duas mulheres com o objetivo de inspecionar um planeta adequado para colonização, do outro lado da nebulosa da Laguna. As tripulações femininas eram consideradas ideais para esse tipo de sondagem do espaço profundo por questões de logística. Mulheres pesam menos, consomem menos oxigênio e se adaptam melhor à vida em ambientes fechados. Regiane e sua colega trabalhavam em turnos de quatro semanas. Uma ficava acordada, cuidando dos sistemas da nave, enquanto a outra era congelada em Stasis, imobilizada num estado de vida em suspenso para economizar comida e oxigênio.

Naquela fase do voo, cabia a Regiane ficar acordada, cuidando de tudo e lidando com qualquer imprevisto que pudesse aparecer. Incluindo uma mensagem inesperada do centro de controle.



Ela flutuou até a cabine de comando e ativou o projetor de hologramas. Prendeu o cabelo preto liso, que teimava em flutuar ao redor do rosto bonito. A imagem do controlador da missão principal ondulou no ar e tomou forma diante dela. O homem parecia olhar para um ponto a sua esquerda e suas palavras eram carregadas de um tom de formalidade excessiva.

— Cassiopeia, aqui é o Controle da Missão. Sinto interromper sua rotina mas temos uma pequena alteração no seu perfil de voo. A 0324 TSB seu computador de bordo acionará os motores para um período de desaceleração visando encontro com espaçonave extraterrestre a 2104 Tempo Standard de Bordo. Durante esse período de desaceleração vai experimentar uma gravidade de 0.87 G, que deve perdurar por 22 horas. Não deve se preocupar com isso, compensaremos em outra fase do voo.

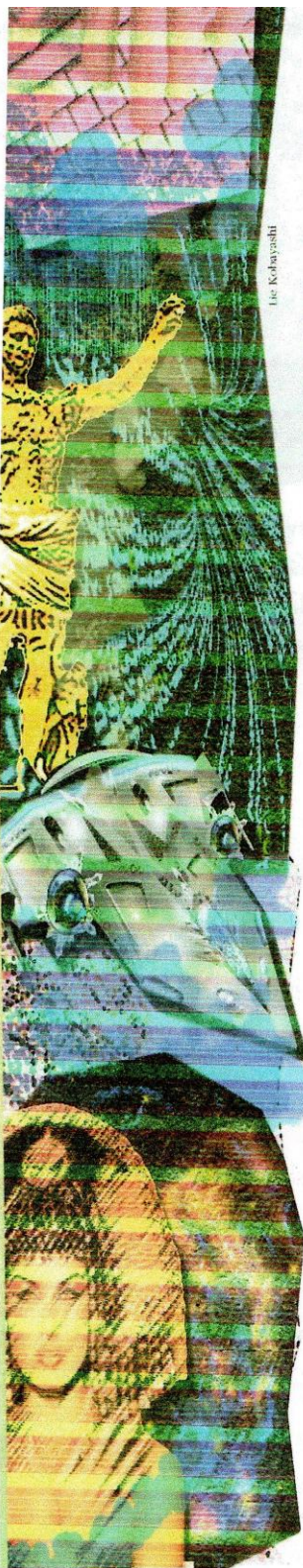
“Nave extraterrestre”, pensou a bela espaçonauta. Isso não estava no programa. Então vou me encontrar com algum E.T.? Ninguém nunca previu isso.

O homem holográfico continuou falando diante dela. Lendo um texto que certamente estava sendo exibido nalgum *teleprompter*.

“Imagino que deve estar se sentindo tão surpresa quanto nós por este desvio imprevisto, mas o Setor Diplomático nos passou a novidade dois dias atrás. Tínhamos negociado com os Sagitarianos a livre passagem de sua nave pelo território deles.

Mas na última hora eles fizeram uma exigência inesperada. Vão mandar um de seus representantes para inspecionar a nave e verificar se não carrega armas de guerra. É uma inspeção de rotina e você não deve ter problemas. É só deixar o bicho abordar a sua nave, mostrar tudo para ele e ele irá embora. Esta é uma missão pacífica, como já enfatizamos diversas vezes, e não temos nada a esconder. Assim, aguarde o encontro e seja hospitaleira e gentil com seu visitante extraterrestre.

Não há necessidade de reanimar a segunda tripulante. Sabemos que pode lidar com tudo sozinha. Se precisar de alguma informação adicional, estaremos disponíveis na próxima janela de comunicação. Controle da Missão Encerrando Transmissão a 0330 TSB.”



Sim, precisava de muitas informações adicionais mas no momento era melhor se virar com os bancos de dados do computador de bordo. [...]

Assim Regiane acessou o banco de dados da sua nave para ver o que podia aprender sobre seu visitante inesperado. Os Sagitarianos eram uma civilização muito antiga, que já viajava pelo espaço quando Júlio César namorava Cleópatra. Eles tinham sido contatados via rádio e nunca tinham enviado representantes para se encontrar com os seres humanos. Até agora. Eram uma raça antiga e esnobe que preferia se manter distante e reservada.

Procurou uma foto ou diagrama mostrando a aparência física dos E.T.s mas não encontrou nenhuma. Aparentemente os Sagitarianos não gostavam de tirar fotos. Bom, o mistério não ia durar muito e ela podia imaginar o entusiasmo contido da comunidade científica lá na Terra. Pela primeira vez um ser humano ia ficar frente a frente com uma criatura das estrelas e, se tudo corresse bem, Regiane tinha certeza de que ia ser solicitada para dar muitas entrevistas.

[...]

Regiane estava correndo na esteira quando o sinal sonoro de mensagem chegando soou dentro da nave. Ela desligou imediatamente o aparelho de exercícios e esperou, suada e ofegante, enquanto o computador de bordo decodificava o sinal.

“Mensagem de áudio apenas. Passando para os fones.”

Mensagem de áudio. Não podia ser do controle da missão. Estava longe demais para uma mensagem de áudio. Só podia ser o...

Uma voz estranha, falando com uma dicção perfeita mas sem sotaque ou entonação, saiu do sistema de som embutido na parede.

“Re...gi...ane. Sou Clindar de Elion. Seja bem-vinda aos campos de estrelas do Sagitário. Devo abordar sua nave dentro de 90 minutos. Por favor mantenha o curso e o delta V atual para o acoplamento. Minha missão será breve.”

Noventa minutos. Isso era uma hora e trinta. Era o tempo exato para ela se aprontar. Tinha que estar bem apresentável para aquele momento histórico.

Tomou uma ducha, secou o cabelo no projetor de ar quente e vestiu um traje de velarite azul. Azul era a cor oficial da Terra e combinava bem com sua tonalidade de pele e a cor dos cabelos.

Ligou todas as câmaras e sistemas de gravação da NS Casiopeia. A agência espacial e as redes de Videorama iam querer todas as imagens possíveis daquele momento. Noventa minutos passaram depressa demais e logo Regiane estava de pé, em frente

à comporta de acoplamento, o coração batendo forte enquanto a nave extraterrestre se aproximava.

A nave de Sagitário parecia um charuto ou torpedo dourado e não tinha sistema visível de propulsão. Ela ficou ao lado da NS Cassiopeia e estendeu um tubo de conexão que se ajustou perfeitamente à comporta de entrada da nave da Terra.

O sistema de descontaminação verificou a qualidade do ar e depois as portas se abriram. Regiane continuou parada, imagens de criaturas fantásticas, homenzinhos verdes e aliens passando por sua mente.

E então o extraterrestre entrou e parou diante dela, a uma distância de três metros.

Regiane ficou desapontada. O visitante era um robô. Apenas um robô. Tinha esperado alguma coisa mais interessante. Algum monstro extraterrestre fantástico com tentáculos e olhos de inseto e ali estava um robô.

O corpo era um cilindro de metal com uma série de braços e pernas articuladas, de aparência frágil e delicada. A cabeça, em cima, parecia uma torreta com janelas de cristal, cheia de luzes e lentes de observação.

No lugar de pernas, a criatura usava um triciclo com rodas de seção cônica para deslizar pelo chão.

Quando falou, a voz saiu de um ponto qualquer no meio do corpo. No que seria a cintura de um ser humano.

— Você deve ser a unidade Regi...ane. Sou Clindar. Respeitosamente peço permissão para inspecionar sua nave.

— Permissão concedida. Olá! Sou Regiane. Sem pausa entre a segunda e a terceira sílaba. É Regiane. Você é uma máquina?

— Sou uma célula do Enxame. Tomei essa forma física para tornar mais fácil o nosso encontro. Robôs são considerados criaturas inofensivas. Na verdade posso assumir qualquer forma física. Posso me transformar em uma cópia exata de você, Regiane, mas isso não seria educado. Essa forma mecânica está bem adaptada para percorrer sua nave. Podemos começar.

Regiane não sabia o que dizer mas afinal recuperou as palavras.

— Sim... queira me acompanhar. Esta é uma de nossas naves de espaço profundo. O espaço habitável tem vinte e dois metros de comprimento por seis metros de largura. É um casulo pressurizado contendo cinco andares superpostos. Esse aqui é o andar da câmara de escape e do depósito de suprimentos. Ali à direita pode ver nossas cápsulas de excursão planetária e nossos *pods* de manutenção. Ali estão as roupas espaciais. A coluna central contém um elevador para acesso rápido aos outros níveis. Daqui até em cima temos Hibernação Stasis, Centro Médico, Ginásio, Refeitório, Sala de Estar e Recreação e Comando-Observatório. Qual vai querer visitar primeiro?



Lie Kobayashi

— Vamos começar por aqui.

O robô percorreu a câmara, olhando com atenção as cápsulas e casulos extraveiculares. Depois olhou os capacetes e roupas pressurizadas, usadas para sair no vácuo do espaço.

— Vocês precisam desses... invólucros para ir lá fora?

— *Sim*. Nosso sangue ferveria na ausência de pressão atmosférica. O que não seria muito saudável, devo acrescentar, vocês não usam roupas espaciais?

— Roupas??

— Proteção para o corpo.

— Sinto muito, mas não estou familiarizado com este conceito. Por que não muda sua forma física para uma forma adaptada ao vácuo?

— Não entendi. Desculpe...

— Você não pode mudar sua forma? Seu suporte físico??

— Acho que não. Quer dizer, a gente nasce, cresce, envelhece, mas mantém a mesma forma básica.

— Primitivo... muito primitivo...

— Que disse?

— Podemos passar ao nível seguinte. Já terminei minhas observações aqui.

— Pois não. Por aqui, para o elevador.

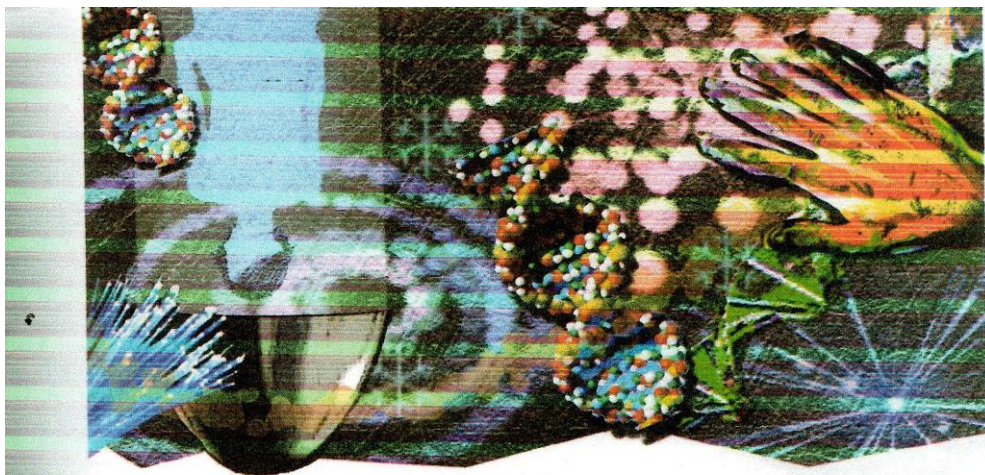
Era frio dentro do hibernáculo e a respiração de Regiane se condensava em vapor. Clindar ficou parado, observando o cenário fantástico com seus olhos múltiplos.

Um cilindro de cristal transparente ocupava o centro da câmara. Dentro do cilindro havia uma mulher nua, de pé, as pernas unidas, os braços colados ao corpo. O rosto sereno, os olhos fechados. Tinha cabelos pretos cortados curtos mas sua pele clara estava completamente azulada devido ao processo de congelamento Stasis. Ainda assim as marcas do biquíni, que ela usava para tomar banho de sol, eram bem visíveis como triângulos de um azul mais claro. A idade aparente estava em torno dos 28 anos, como Regiane.

Regiane explicou. — Essa é a Helena, minha colega de tripulação. Ela está congelada num estado de animação suspensa para poupar suprimentos e oxigênio. O processo Stasis imobiliza todas as moléculas do corpo num estado de paralisação criogênica de modo que todos os processos biológicos ficam interrompidos. Tecnicamente a pessoa não está viva, mas também não está morta porque a morte implicaria degradação celular, o que não pode acontecer nesse estado. É como se o tempo tivesse parado para ela. Séculos podem se passar aqui fora, mas Helena não envelhecerá nem um segundo. Quando for trazida de volta à vida, ela estará exatamente igual ao momento em que entrou em Stasis.

[...]

O robô observou a mulher nua com curiosidade. “Simetria bilateral. Bípede, visão binocular. Vida por base carbônica. Interessante. Podemos passar agora para o terceiro nível. Obrigado.”



Lie Kohayashi

Regiane procurava ser gentil e educada. Afinal, tinha se tornado embaixatriz da humanidade diante do resto do Universo. Toda a raça humana seria avaliada a partir do modo como ela se comportasse naquele momento.

— Essas alças nas paredes do elevador são para a gente se segurar quando a nave está voando em queda livre e não há gravidade a bordo. Aceleramos a 0,8 G, de modo que temos 8/10 da gravidade terrestre quando estamos ganhando velocidade na partida ou freando na chegada. Ah, ali é o centro médico, nosso micro-hospital. Aquele leito pode fazer exames não invasivos na pessoa que estiver deitada. Por ressonância holográfica. O aparelho em forma de aranha metálica é um cirurgião-robô. Ele pode realizar todo o tipo de cirurgias e tratamentos usando o conhecimento dos maiores médicos da Terra, que está armazenado no computador de bordo. Por exemplo, se alguém precisa tirar um cisco do olho o autodoc baixa do computador o programa residente de oftalmologia e faz a intervenção com todo o conhecimento de um médico real. Simples e muito conveniente.

— Vocês devem se machucar com facilidade. Sua estrutura é tão frágil.

— Não somos máquinas se é o que quer dizer.

Entraram no ginásio e refeitório. Regiane mostrou os aparelhos de ginástica, cuja função o extraterrestre pareceu não entender muito bem. E a cozinha, que ele entendeu menos ainda.

[...]

Ela retirou a bandeja de plástico com a comida. Clindar estendeu um braço articulado com uma lente de observação na ponta.

— O que você faz com isso?

— A gente come. Assim.

Regiane pegou um ramo de aspargos, mordeu um pedaço e mastigou.

— Uhh. O molho está um pouco picante. Vou ter que ajustar esse programa culinário.

— Então é assim que você obtém a energia necessária para o funcionamento do seu corpo. Oxidando matéria orgânica. A eficiência deve ser muito baixa. Eu não sabia que esse método ainda era usado por espécies inteligentes.



Le Kobayashi

— Imagino que você apenas se conecta na tomada mais próxima e absorve a eletricidade necessária.

— Podemos nos alimentar de energia radiante. Luz e radiação. Com cem por cento de eficiência. [...]

— Você fica dizendo que pode tomar qualquer forma, como é isso? Você pode virar qualquer bicho ou planta?

— Eu vou demonstrar. Acho que devo essa explicação a você.

Foi tudo muito rápido. Diante de Regiane o robô se derreteu virando uma bolha de metal líquido. A bolha tomou a forma de um corpo humano. Criou braços, pernas, cabeça. A cintura se estreitou, os quadris se alargaram. Um par de seios surgiu no peito.

Em setenta segundos Clindar tornou-se uma reprodução perfeita de uma mulher nua de pele azulada e cabelos pretos. Uma cópia da astronauta Helena, que ele vira congelada em Stasis na câmara do Hibernáculo.

Caminhou pela sala testando seus movimentos.

— Que tal estou? Acho que preciso de mais... prática, para me equilibrar nessas duas colunas que chamam de pernas. Vocês devem cair com frequência. Mas é uma questão de ajuste. Acho que com uns dois dias de treino eu poderia tomar o lugar de sua colega... Eu sou... Helena... Uma mulher terráquea a caminho da nebulosa da... Laguna. [...]

— Essa é uma forma primitiva e ineficiente. Mas eu poderia ser esta Helena, se fosse necessário.

— Teria que mudar a cor da pele. A pele dela só fica azulada quando ela está em Stasis. Em estado normal é como a minha. Um pouco mais queimada de sol acho. Helena gosta muito de se bronzear.

— Obrigado, essa informação pode ser útil um dia.

A mulher nua se derreteu toda, virou uma bolha de metal pastoso que voltou a tomar a forma de um robô multiarticulado.

— Minha inspeção terminou. Vocês não representam perigo para a minha espécie. Podem prosseguir com sua viagem. Adeus, Regiane.

— Vou levá-lo até a comporta de saída.

A nave dourada sumiu entre as estrelas e Regiane ficou sozinha novamente. Ela enviou um relatório completo para a Terra, com todas as imagens do primeiro contato. [...]

[...] Achava que tinha se saído muito bem. Seu visitante extraterrestre tentara demonstrar superioridade e supereficiência diante dos seres humanos, mas Regiane não se deixara impressionar.



Lie Kobayashi

[...]
Ela preferia continuar sendo uma...
mulher terráquea... com todas as suas
limitações. [...]

[...]
E a missão Cassiopeia prosseguiu
no curso e no horário.
Sem novas interrupções.

Jorge Luiz Calife.

www.alanmooreseenhordocaos.hpg.ig.com.br

Jorge Luiz Calife é jornalista, repórter de Ciência do *Jornal do Brasil* e colaborador da revista *Ciência Hoje*. A comunidade mundial dos fãs de ficção científica tem uma dívida com Calife, pois foi graças a um "palpite" dele que Arthur C. Clarke resolveu dar continuidade a *2001 - Uma odisséia no espaço*. [...]

Principais obras: *Padrões de contato*, *Horizonte de eventos*, *Linha terminal*.

www.orbita.starmedia.com

Vocabulário

videowall: parede com vários monitores que mostram uma imagem única, como se fosse um telão.

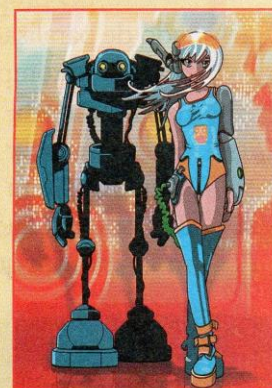
logística: conjunto de atividades de planejamento, organização e controle para a realização de várias tarefas, como transporte.

teleprompter: aparelho que tem como função "rolar" um texto a ser lido por um apresentador de TV, o que faz com que ele não precise tirar os olhos da câmera.

propulsão: impulso energético.

criogênica: produção e manutenção de temperaturas muito baixas.

torreta: compartimento localizado acima do casco do submarino.



Digital Vision/Getty Images

Qual a diferença entre robô, androide e ciborgue?

Robô é uma máquina praticamente autocontrolada, uma máquina inteligente, que não necessariamente parece com um humano. **Androide** é um robô bípede similar a um humano, com grande nível de autocontrole; um verdadeiro androide ainda não foi construído. Já o **ciborgue** é combinação de organismos vivos e máquinas, como, por exemplo, uma pessoa que teve uma parte natural substituída por uma parte artificial.

Fonte de pesquisa: Adriana Amaral (doutoranda em Comunicação Social pela PUC-RS) a partir de PAUL, G. S. e COX, E. 1996. *Beyond humanity. Cyberevolution and future minds*. Rockland, Charles Rivers Media Inc.



A holografia foi inventada em 1947 pelo físico Dennis Gabor. Consiste na mais perfeita técnica de reconstrução tridimensional de imagens. A perfeição do processo pode ser tanta que um observador não saberia distinguir uma holografia da realidade. A técnica teve seu grande desenvolvimento a partir de 1962, após a invenção do laser. Por sua importância básica na teoria das ondas e o grande número de aplicações valeu o prêmio Nobel em 1971.

Fonte de pesquisa: <http://www.ifi.unicamp.br/~dfigueir/holosite/holografia/holografia.htm>

Atividade 1

Interpretação I do conto “O inspetor” de Jorge Luiz Calife

1- O conto revela situações absurdas para a nossa época, mas consegue simultaneamente, falar de seres e civilizações extraterrestres com coerência, pois apresenta explicações científicas. Localize um trecho que apresente informações ou explicações baseadas na ciência.

2- Que efeito essas explicações podem produzir nos fatos narrados? E no leitor?

3- A presença de termos científicos é uma das características de estilo de contos de ficção científica. Eles ajudam a criar o ambiente ficcional e científico da narrativa. Circule no quadro abaixo as palavras e expressões presentes no conto que sugerem o ambiente de uma viagem ou missão espacial.

Cápsulas de excursão planetária – letras luminosas
Tripulação de mulheres – projetor de holograma – triciclo com rodas
Foguete de táquions – hibernáculo – casulo pressurizado
Rádio – sinal sonoro – refeitório – congelamento Stasis

4- O conto apresenta algumas situações que são difíceis ou impossíveis de acontecer no momento atual da ciência. Marque os trechos cujos fatos apresentam essa característica.

- a) “Regiane estava correndo na esteira quando o sinal sonoro de mensagem chegando soou dentro da nave.”
- b) “Essa é Helena, minha colega de tripulação. Ela está congelada num estado de animação suspensa para poupar suprimentos e oxigênio.”
- c) “Diante de Regiane o robô se derreteu virando uma bolha de metal líquido. A bolha tomou a forma de um corpo humano.”
- d) “O homem holográfico continuou falando diante dela. Lendo um texto que certamente estava sendo exibido nalgum teleprompter.”

Atividade 2

Interpretação II do conto “O inspetor” de Jorge Luiz Calife

1- Embora a ambientação da narrativa ocorra no futuro em relação ao nosso tempo, há diferentes tempos verbais empregados nela. Releia este trecho.

— Essa é uma forma primitiva e ineficiente. Mas eu poderia ser esta Helena, se fosse necessário.

— Teria que mudar a cor da pele. A pele dela só fica azulada quando ela está em Stasis. Em estado normal é como a minha. Um pouco mais queimada de sol acho. Helena gosta muito de se bronzear.

— Obrigado, essa informação pode ser útil um dia.

A mulher nua se derreteu toda, virou uma bolha de metal pastoso que voltou a tomar a forma de um robô multiarticulado.

— Minha inspeção terminou. Vocês não representam perigo para a minha espécie. Podem prosseguir com sua viagem. Adeus, Regiane.

— Vou levá-lo até a comporta de saída.

A nave dourada sumiu entre as estrelas e Regiane ficou sozinha novamente. Ela enviou um relatório completo para a Terra, com todas as imagens do primeiro contato. [...]

[...] Achava que tinha se saído muito bem. Seu visitante extraterrestre tentara demonstrar superioridade e supereficiência diante dos seres humanos, mas Regiane não se deixara impressionar.

a) Qual é o tempo verbal empregado no trecho que narra a ação dos personagens? Por quê?

b) E nos diálogos, que tempo verbal é predominante? Por quê?

2- Identifique os elementos presentes no conto que você leu.

a) Espaço (onde aconteceu).

b) Tempo (passado – presente – futuro).

c) Personagens.

d) Fato (o que aconteceu).

e) Clima em que se desenvolveu a narrativa (engraçado, amigável, guerra).

3- Considerando a voz que narra a história.

a) O narrador do conto é um personagem ou observador dos fatos? _____

b) Qual é o foco narrativo escolhido para narrar a história?

() 1ª pessoa.

() 3ª pessoa.

4- Releia o trecho seguinte.

Pela primeira vez um ser humano ia ficar frente a frente com uma criatura das estrelas e, se tudo corresse bem, Regiane tinha certeza de que ia ser solicitada para dar muitas entrevistas.

a) A partir desse trecho é possível afirmar que Regiane tinha certeza de que o encontro com o extraterrestre seria bem-sucedido ou que era possível que algo desse errado? Por quê?

b) Que trecho no período exprime essa ideia?

c) O provavelmente Regiane temia nesse encontro?

5- Mesmo Regiane sendo educada e gentil, no final da inspeção, Clindar concluiu que os terráqueos não representavam perigo para a sua espécie. O que fica subentendido sobre a espécie humana?

Atividade 3

Interpretação III (oral) do conto “O inspetor” de Jorge Luiz Calife

Ainda refletindo sobre o conto, identifiquem:

a) Qual é a situação inicial do conto?

b) Como era o dia a dia das personagens?

c) Qual o conflito desse conto?

d) Qual foi o clímax (momento de maior tensão) da história?

e) O conflito foi solucionado?

f) Gostou do desfecho da história? Não gostou? Por quê? Você o mudaria?

ANEXO C – Filme: Avatar do diretor James Cameron (2009)



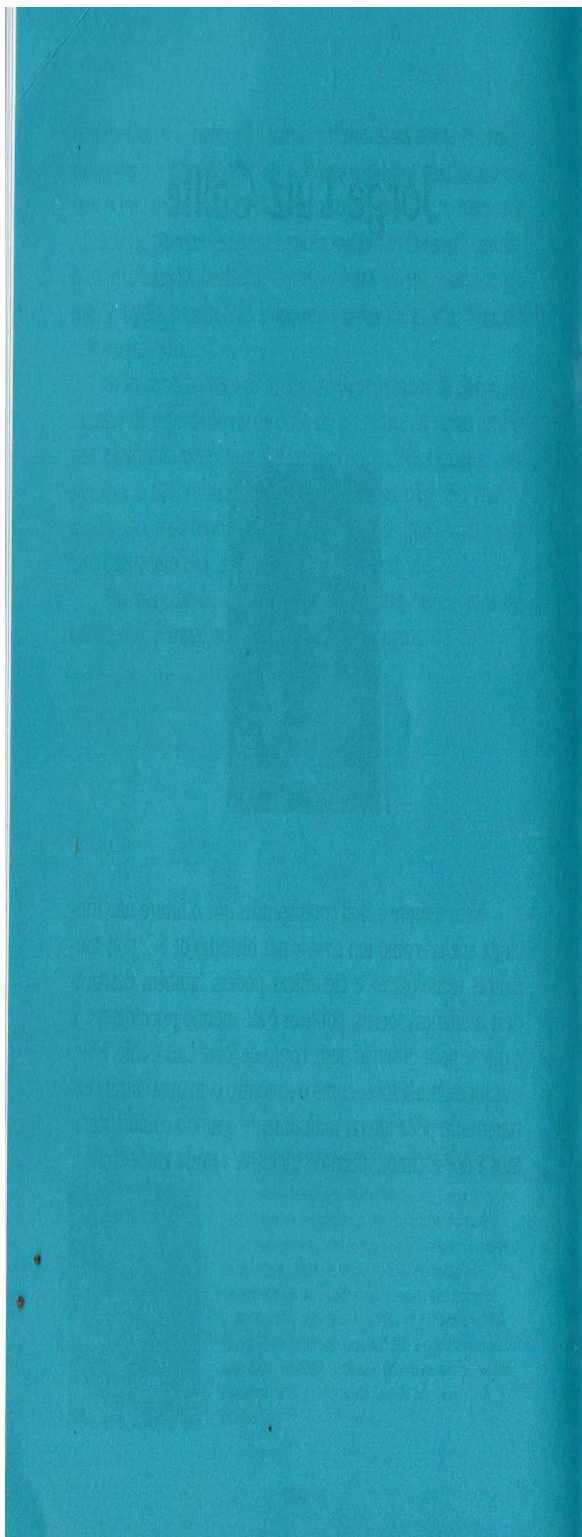
[https://www.google.com.br/search?q=imagem+do+filme+avatar&rlz=1C1GCEA_enBR809BR809&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=6XnukBpmV6dLKM%253A%](https://www.google.com.br/search?q=imagem+do+filme+avatar&rlz=1C1GCEA_enBR809BR809&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=6XnukBpmV6dLKM%253A%25). Acesso em 19 ago 2018.

Interpretação oral do filme “Avatar” do diretor James Cameron (2009)

Refletindo sobre o filme, identifiquem:

- a) O que chamou a sua atenção nas personagens do planeta Pandora?
- b) Em relação ao planeta Pandora, o que mais chamou a sua atenção?

ANEXO D – Texto: O Terceiro Mundo (Jorge Luiz Calife)



O Terceiro Mundo

Jorge Luiz Calife

O módulo de comando desprende-se do cabo de ligação com uma suavidade inesperada. A primeira coisa que observei pelas janelas foi o estágio propulsor do foguete que nos havia impulsionado da Terra ao planeta Marte num voo de seis meses que parecera interminável.

Brilhando na luz do Sol, ele girava acima do hemisfério alaranjado do planeta, tão nítido quanto uma imagem criada por computador. Logo seria incinerado ao se chocar com a atmosfera, enquanto nossa nave, cilíndrica, faria uma aerofrenagem e, se tudo corresse bem, desceria bem perto do campo-base.

Não havia mais combustível naquele cilindro que se afastava brilhando ao Sol. Funcionara com perfeição durante os momentos cruciais da IOT, a Inserção na Órbita Transmarciana. Depois servira de contrapeso. Havia ficado unido ao módulo de comando da Kon-Tiki¹, amarrado na outra ponta de um cabo de mil e quinhentos metros de comprimento. Girando nas extremidades do cabo, a Kon-Tiki e o estágio vazio do foguete tinham produzido uma gravidade

1 Kon-Tiki: alusão ao nome da balsa construída pelo antropólogo norueguês Thor Heyerdahl, com materiais e técnicas pré-colombianas. Com elas, Heyerdahl partiu, em abril de 1947, da costa do Peru, atravessou o Pacífico e desembarcou, 101 dias mais tarde, na Polinésia. O objetivo da expedição era demonstrar que a Polinésia havia sido povoada por povos sul-americanos.

artificial suficiente para que pudéssemos sair andando ao pisar em Marte.

Tínhamos batizado a nave com este nome porque ela nos parecia tão pequena nos seus quatorze metros de comprimento por oito de largura. Bem menor do que um avião de carreira, ela fora pequena e claustrofóbica para nós, que tínhamos vivido seis meses ali dentro. Sumira na imensidão do espaço, feito uma jangada *high-tech*. Como a Kon-Tiki original, que cruzara os oceanos da Terra.

O horizonte girou na minha pequena janela, e Marte subiu ao nosso encontro. O relevo acidentado do planeta, sua atmosfera cor de laranja tomaram conta das escotilhas. A Kon-Tiki posicionava-se automaticamente para a entrada na atmosfera, e não havia nada a fazer. Éramos três homens e duas mulheres apertados dentro do espaço exíguo da cabine de comando. Deitados em nossos sofás de desaceleração, montados sobre estruturas de barras metálicas encaixadas, como na velha Apolo 11.

O mergulho atmosférico e o pouso eram inteiramente automáticos. O piloto só entraria em ação em caso de pane. Não tínhamos nada a fazer exceto olhar a paisagem e pensar.

O medo acompanhava-nos o tempo todo, contido no fundo de nossas mentes. Quando o módulo entrou na atmosfera marciana, furando o ar num casulo ionizado, pensei se não éramos um alvo tentador demais.

Será que iriam atirar em nós?

Eles não haviam atirado nos robôs. Tínhamos muitos robôs operando em Marte e mandamos vários outros quando eles chegaram. Nossa presença ali, seres humanos de carne e osso dentro de um módulo prestes a pousar em Marte, era culpa deles. Sem eles não teríamos ido.

Quando os primeiros homens desceram na Lua, em 1969, a agência espacial americana fazia planos de enviar astronautas para Marte em 1985, ainda bem dentro do século XX. Não houve interesse nem dinheiro e a ideia foi abandonada. Os russos tinham sido derrotados na corrida para a Lua, e, sem

a ameaça soviética, o espaço perdera sua importância estratégica. Vinte anos depois, em 1989, um presidente norte-americano marcou a chegada do homem em Marte para 2015, mas novamente não houve verbas nem interesse, e o projeto foi outra vez abandonado. A humanidade não tinha motivo para gastar bilhões de dólares numa viagem interplanetária.

E os astronautas passaram décadas dando voltas em torno da Terra, sem ir a lugar algum. Até que eles chegaram.

Criaturas de uma estrela distante. Algum tipo de inteligência desconhecida e estranha invadindo nosso sistema solar sem tentar fazer contato. Suas naves, se eram realmente naves, manobram em torno do Sol e pousaram em Marte. Tentamos fazer contato pelo rádio, por *laser*, por meio de robôs e não obtivemos resposta. A tecnologia deles parecia muito diferente da nossa, mas pelo menos obedeciam às leis universais da física. Perdiam velocidade manobrando no campo de gravidade do Sol e de lá seguiam para Marte.

Uma de suas naves passou bem perto da Terra para que pudéssemos observá-la com os telescópios em órbita. Era imensa, cem quilômetros de largura, e sem substância. Não passava de uma teia ou rede de fios trançados, formando uma placa hexagonal fina, bidimensional.

Um tipo de veleiro cósmico, disseram os físicos, mas feito para navegar num feixe de micro-ondas, não em luz visível. Caiu em Marte e sumiu. Acharmos que tinha se desintegrado até que nossos robôs informaram que havia sinais de atividade estranha em Marte. Eram coisas, possíveis formas de vida, trabalhando na calota polar sul e no vale Elysium². E logo outras estruturas estranhas chegaram do abismo interestelar e desceram no planeta vermelho.

Uma invasão em nosso quintal, e não havia nada que pudéssemos fazer. Depois de Marte, a Terra! gritaram os po-

² Marte possui muitos cânions, montanhas, vales e crateras. A planície marciana do Elysio tem uma topografia particularmente rica, com três vulcões e platôs de magma.

líticos apavorados. Por culpa deles o programa espacial tinha sido abandonado. A humanidade virara as costas para o espaço enquanto os seres humanos praticavam seu esporte favorito: o massacre de outros seres humanos.

Desde que o homem havia descido na Lua tivéramos muitas guerras, rebeliões, revoluções, atentados, chacinas. Tudo consumindo uma soma inacreditável de dinheiro para armas, munições, bombas. Não havia dinheiro disponível para naves espaciais, mas sobrava para mísseis, bombardeiros, metralhadoras, fuzis automáticos, tanques.

Foi quando os intrusos chegaram, invadindo o planeta Marte, nosso quintal no espaço, e nossos aviões, helicópteros, mísseis, não podiam fazer nada. Não podiam atingir um inimigo que deslizava no espaço a milhões de quilômetros da Terra. E que, por enquanto, não dera a menor atenção aos seres humanos.

A Kon-Tiki desceu suavemente na planície Elysium. Eles não atiraram em nós. Ignoraram nossa presença como vinham fazendo havia dez anos. O tempo que tínhamos levado para construir a nave e partir para Marte com uma tripulação de voluntários. Três homens, duas mulheres, todos treinados para observar, e se possível, se fosse seguro, tentar fazer contato com os invasores. Nossos robôs colocados em Marte já tinham tentado fazer as duas coisas e haviam fracassado. Os estranhos não pareciam se interessar nem pelo homem nem por suas máquinas.

Mas eram poderosos demais para que os ignorássemos. Estavam derretendo o gelo dos polos, modificando a atmosfera marciana para trazer de volta os mares rasos do passado. Iam transformar Marte num mundo habitável para algo ou alguém lá de fora. E tínhamos que saber quem iam ser nossos novos vizinhos.

Marte parecia-se com os desertos do Arizona e do Colorado, com um céu laranja monótono, pedras, areia e montanhas marrons esculpidas pelos ventos. Estávamos ao sul das famosas pirâmides de Elysium e levamos dois dias para pre-

parar tudo. Módulos de carga tinham descido antes de nós, levando um habitat inflável, um carro elétrico e uma usina de produção de combustível para a viagem de retorno.

Um satélite de observação lá em cima nos enviava relatórios sobre o que estava acontecendo no resto do planeta. A mancha negra sobre o polo sul tornara-se ainda maior. Era um tipo de fungo, preto como fuligem, que cobria o gelo e absorvia a radiação solar, produzindo vapor de água e gás carbônico para aumentar a densidade atmosférica.

Outro tipo de estrutura alienígena manobrava em torno do Sol e vinha em nossa direção. Dentro de uma semana poderíamos assistir à sua chegada.

Valeu a pena esperar. A coisa era diferente, uma forma orgânica etérea que parecia três penas iridescentes³, unidas para formar uma estrela de três pontas. Cada "pena" com duzentos quilômetros de comprimento, mas parecendo tão frágil quanto uma bolha de sabão. Como aquilo pudera cruzar o espaço interestelar? Flutuara congelada durante milênios ou usara um atalho através de outras dimensões? Acho que nunca saberemos.

Quando se aproximou de Marte, a estrutura fragmentou-se toda. Virou uma série de gotas de matéria gelatinosa. Depois as gotas viraram lentes e penetraram na atmosfera marciana. Cada uma tinha cem metros de diâmetro e uma ia descer perto das pirâmides de Elysium. Nossa exobióloga, Elisa Volker, queria fotografar e filmar a coisa quando pousasse. Fomos para o local, eu e ela, no carro pressurizado.

Erguendo-se do horizonte as pirâmides criavam um cenário majestoso, impressionante. Imensas, com um quilômetro de altura cada uma, essas montanhas de arenito vermelho pareciam ter três lados esculpidos pelos ventos. O deserto, com suas dunas de areia alaranjada, as envolvia, o vento erguendo pequenos tornados perto de suas bases.

³ iridescente: referente às cores do arco-íris.

Avançamos com o carro, contornando os rochedos desgastados que aqui e ali emergiam da areia revolta. Elisa viu a coisa primeiro.

— Olhe lá! No alto, à direita!

Descia do céu rosado como um paraquedas ou uma imensa medusa. Parei o carro e fiquei olhando. Parecia ameaçadora.

Com seu traje pressurizado Elisa subiu na capota e começou a filmar tudo. Então a coisa se fragmentou novamente, virou uma nuvem de glóbulos de geleia com uns dois metros de largura cada um, caindo como chuva à nossa volta. Um deles aterrisou a cem metros do carro.

Elisa saltou e foi ao encontro da coisa com a câmera de vídeo gravando. Peguei o fuzil e fui atrás dela, aquilo podia terminar em encenação. Chegamos a vinte metros da coisa quando ela mudou de forma novamente. Transformou-se num lençol fantasmagórico que alçou voo, depois virou uma forma que lembrava uma arraia ou um pterodáctilo, não estou certo. Voou com seus companheiros em direção ao horizonte.

— Um tipo de vida que muda de forma de acordo com o ambiente que atravessa. Eles não constroem espaçonaves, eles são as espaçonaves.

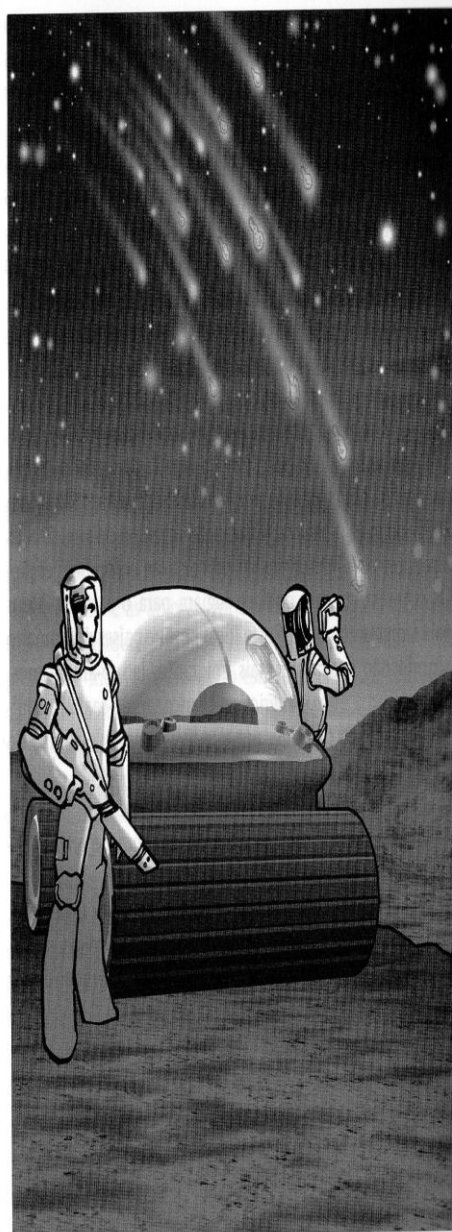
— A questão — disse Elisa — é saber se essas coisas evoluíram naturalmente ou foram bioengenheiradas por alguma inteligência maior.

— Parecem à vontade nessa atmosfera rarefeita. Será que respiram bióxido de carbono?

— Se forem mesmo vivas. Podem ser algum tipo de máquina multiforme, tão avançada que parece orgânica.

— Pareceu-me orgânico. Podem viver em colônias como pólipos de coral, formando com seus corpos a estrutura da "nave" enquanto viajam pelo espaço. Quando se aproximam de um planeta desfazem a estrutura e voltam a ter vida individual.

— Não acho que vá ser tão simples assim.



Voando, aquelas coisas iam muito mais depressa do que o carro. Subimos e descemos dunas de areia, passamos por um afloramento de rocha que formava uma ilha no mar de dunas, e então vimos a "floresta".

Ela crescera perto de uma das bases da pirâmide maior, na margem do mar de dunas. Estruturas que pareciam árvores moldadas em vidro cristalizado. Troncos semitransparentes, galhos esqueléticos e folhas que eram painéis irregulares de plástico lustroso e fino. Parei o carro.

— Outra manifestação dessas coisas.

— Chegue mais perto — pediu Elisa.

— Não acho prudente.

— Vamos lá, brasileiro — provocou Elisa.

Ela sempre me chamava de brasileiro quando queria me irritar. Meus pais foram brasileiros. Fugiram de lá em 2007, quando o país virou campeão mundial de assassinatos e sequestros. Chamavam de processo de colombianização. Os empresários que podiam fugiam para o exterior. Meus pais emigraram para a Costa Rica, porque países do Primeiro Mundo não aceitavam mais imigrantes latino-americanos. Elisa era uma *wasp*. Americana, branca, anglo-saxã. E se julgava superior a qualquer um que tivesse nascido abaixo do Rio Grande.

— Não sou brasileiro. Nasci em San José.

— Tá bom, "José" — disse ela em tom pejorativo. — Quer que eu guie ou você se encarrega disso?

— Eu guio. Sou o piloto e motorista desta expedição. Mas não acho prudente chegar perto daquelas coisas.

— Eu sou a bióloga. Eu decido o que é prudente por aqui. Você dirige, eu penso.

— *Sí, señora*.

Fiz o que mandava. Ela estava no comando ali. Mas parei o carro a cinquenta metros da borda da floresta.

— Muito bem, madame. Daqui em diante a senhora dirige, mas eu salto primeiro.

Elisa riu.

— Não tenha medo. Só quero fotografar essas estruturas e colher uma amostra. Vida vegetal. Eles estão criando um perfeito ecossistema por aqui. Pegue o fuzil e fique de guarda. Vou olhar de perto.

Subi no teto do veículo, com o fuzil de mira telescópica, e fiquei olhando. Não que eu pudesse fazer alguma coisa se aquelas plantas fossem pólipos carnívoros e pegassem a doutora metida. Infelizmente, havia poucas chances de isso acontecer. Não há vida animal em Marte, portanto não podem existir plantas carnívoras; elas não teriam o que comer.

Mas o que aconteceu foi ainda mais fantástico. E de certa forma mais assustador do que uma floresta de plantas carnívoras. Quando Elisa chegou perto, as árvores vítreas começaram a brilhar. Um brilho tão ofuscante, que tive de proteger os olhos. Então o clarão sumiu e quando a impressão deixada em minha retina passou não havia mais nada para ver. Nem árvores nem floresta. Tudo sumira.

Não sei se as árvores tinham liberado aquela luz para nos ofuscar enquanto afundavam no solo. Ou se haviam simplesmente mudado para outro estado energético, sumindo de nossa dimensão de espaço-tempo. Estávamos na posição de formigas diante de um telefone ou forno de micro-ondas.

Elisa voltou chocada e se sentou ao meu lado. Havia desprezo em minha voz quando falei com ela.

— E então, *señora*. Voltamos para a base?

Ela acenou afirmativamente com a cabeça.

Agora ela sabia o que era ser subdesenvolvido, o que era pertencer ao Terceiro Mundo. Diante deles, daquelas coisas vindas das estrelas, a humanidade não passava de um bando de caipiras tentando parecer importante. Querendo imitar os donos da galáxia com nossa tecnologia tosca e ineficiente.

Lembrei de uma frase desesperada, dita por um cientista desiludido há muito tempo: "Tem que existir alguma coisa melhor do que o ser humano". Bem, agora sabíamos que existia e a sensação de estar em segundo lugar era esmagado-

ra para gente como Elisa, que sempre se julgara no topo do mundo.

Não, ela não podia mais se sentir orgulhosa do seu país ou do seu governo. Eles também tinham sido tão estúpidos quanto nós, jogando fora a oportunidade de construir um futuro melhor.

Talvez eles, os ETs, não fossem tão indiferentes se já tivessem encontrado os seres humanos em Marte ou na Lua. Trabalhando juntos, sem diferença de raça ou nacionalidade. Mas eles tinham captado nossas transmissões de rádio e TV. Sabiam como éramos estúpidos, bagunceiros e belicosos antes mesmo de chegarem aqui.

Agora nos ignoravam, mas eu não tinha dúvida de que nos atacariam de modo esmagador se tentássemos criar algum problema para eles. Marte estava renascendo, sua atmosfera tornava-se cada vez mais densa. Logo haveria lagos e água corrente em sua superfície.

Para nós só restava empacotar as coisas e voltar humildemente para casa. Cidades de vidro já começavam a surgir próximo à calota polar, mas não podíamos olhar de perto. Nossos robôs eram destruídos quando tentavam chegar perto das "cidades". Algum tipo de agente nanotecnológico, uma nuvem de microrganismos sintéticos capazes de comer metal, plástico ou matéria orgânica, protegia aquelas estruturas.

Felizmente a "floresta" não tivera esse tipo de defesa ou Elisa teria sido dissolvida até os ossos antes que pudesse andar dez metros.

Coisas começavam a patrulhar o céu e o espaço em torno de Marte. Mesmo que tentássemos atacar com mísseis, aposto como eles não passariam.

Saíamos de Marte bem depressinha. Sim, havia uma coisa muito melhor do que o ser humano. Uma coisa capaz de viver em qualquer ambiente e sintetizar sua própria tecnologia. E eles não queriam partilhar de seus conhecimentos conosco. Talvez fossem até um tipo de inteligência totalmente diferente da nossa.

138

Eu só esperava que continuassem indiferentes. Não teríamos qualquer chance se eles se tornassem hostis.

A corrida para a Lua tinha sido disputada por russos e americanos no século XX. Os americanos ganharam. A corrida para Marte fora uma disputa entre nós e aquelas coisas no meio do século XXI. E a humanidade perdera.

Oh, ainda éramos o país do futuro⁴. Um dia, talvez, chegaríamos lá, conquistando por nossa própria conta os segredos da matéria e do espaço que aqueles seres já dominavam.

Mas então, eu me perguntava, onde estariam eles?

4 A expressão "país do futuro", cunhada pelo escritor vienense Stefan Zweig para se referir ao Brasil, mencionado no conto, é usada ironicamente para designar a situação da própria Terra que, sendo o terceiro planeta a partir do Sol, é retratada pelo conto como atrasada (terceiro-mundista) em termos tecnológicos e sociais.



© Felipe de Souza

Jorge Luiz Calife nasceu em 1951, em Niterói, RJ. Em 1982, ao mencioná-lo nos agradecimentos do romance *2010: Uma odisséia no espaço 2*, Arthur C. Clarke tornou-o internacionalmente conhecido. Isso motivou a editora Nova Fronteira a publicar o seu romance *Padrões de contato* (1985), o primeiro de uma trilogia de FC que prossegue com *Horizonte de eventos* (1986) e se fecha com *Linha terminal* (1991). Ele é também autor de *As sereias do espaço* (2001), livro de contos, e de *Como os astronautas vão ao banheiro?* (2003), antologia de textos de divulgação científica.

139

ANEXO E – Atividade 1: Aspectos constituintes do gênero conto de ficção científica**Interpretação do conto “O Terceiro Mundo” de Jorge Luiz Calife**

1- O conto revela situações absurdas para a nossa época, mas consegue simultaneamente, falar de seres e civilizações extraterrestres com coerência, pois apresenta explicações científicas. Localize um trecho que apresente informações ou explicações baseadas na ciência.

2- Que efeito essas explicações podem produzir nos fatos narrados? E no leitor?

3- Transcreva o início dos trechos com a identificação da página que compõem a sequência narrativa da história.

a) Apresentação ou situação inicial.

b) Surgimento do conflito (situação-problema).

c) Clímax (momento de tensão maior).

d) Solução

e) Desfecho ou situação final (novo estado de equilíbrio).

4- Identifique os elementos presentes no conto que você leu.

a) Descrição do espaço (onde aconteceu).

b) Tempo (passado – presente – futuro).

c) Personagens.

d) Descrição dos alienígenas.

e) Conflito.

5- Considerando a voz que narra a história.

a) O narrador do conto é um personagem ou observador dos fatos? _____

b) Qual é o foco narrativo escolhido para narrar a história?

() 1ª pessoa.

() 3ª pessoa.

ANEXO F - Atividade 2: Textualidade: coerência e coesão textuais

1- A coerência textual diz respeito às conexões de ideias que conferem sentido a um texto. Leiam os fragmentos abaixo buscando estabelecer possíveis conexões entre eles para formar um texto.

Nove estranhos seres o fitavam. Não eram humanos. Nem robôs. Alex presumiu que se tratavam de alienígenas humanoides.

Doze deles mediam cerca de 1 metro e 50. O décimo era um anãozinho de 1 metro e 20. E o nono era um gigante esquelético de mais de dois metros de altura.

Há muitos anos nossa família é freguesa deste supermercado. Hoje, porém, estamos muito decepcionados com o atendimento da sua loja.

A tecnologia ajudou a evitar um assalto no litoral de São Paulo neste fim de semana, quando um empresário que estava na Alemanha viu imagens de sua residência sendo roubada por um ladrão.

a) Houve coerência entre as informações trazidas nos fragmentos que possibilitem formar um texto? Justifique sua resposta.

b) O primeiro e o segundo fragmento poderiam fazer parte de um texto, mas apresentam uma contradição. Identifique-a e comente.

2- A repetição de palavras ou expressões, embora seja um elemento de coesão, deve ser evitada. Observe como isso ocorre no texto a seguir, produzido exclusivamente para esta atividade.

João Pedro é um garoto especial: aos 8 meses, **João Pedro** andou pela primeira vez, aos 2 anos **João Pedro** aprendeu a ler, aos 5, **João Pedro** ganhou um prêmio em uma olimpíada de Matemática, quando completou 15 anos **João Pedro** matriculou-se em uma faculdade de Medicina e, hoje, aos 20, **João Pedro** é um neurocientista mundialmente conhecido.

João Pedro é um garoto especial: aos 8 meses, **ele** andou pela primeira vez, aos 2 anos **o garoto** aprendeu a ler, aos 5, **o brasileiro** ganhou um prêmio em uma olimpíada internacional de Matemática, quando completou 15 anos **o pequeno gênio** matriculou-se em uma faculdade de Medicina e, hoje, aos 20, **esse rapaz** é um neurocientista mundialmente conhecido.

INDIQUE as estratégias utilizadas para eliminar as repetições no fragmento, sem que a coesão fosse prejudicada.

1: _____

2: _____

3: _____

4: _____

5: _____

Fonte: <http://www.conteudoseducar.com.br/conteudos/arquivos/3090.pdf>. Acesso em: 17 out 2018.

3- Reescreva as orações a seguir, evitando a repetição de palavras com o emprego de um pronome oblíquo (o, a, lhe, os, as, lhes).

a) Esse filme trouxe sucesso ao **diretor** e rendeu um prêmio ao **diretor**.

b) A médica diagnosticou o **paciente** e aplicou uma injeção ao **paciente**.

4- Reescreva os fragmentos a seguir de modo a eliminar a repetição de palavras e expressões, melhorando a sua coesão.

a) Curioso o **astronauta** foi lentamente se aproximando quando viu vários pontinhos verdes se mexendo. O **astronauta** ficou com muito medo. mais mesmo assim se aproximou e viu que era vários E.T. o **astronauta** ficou com muito medo.

b) “**Vivian** estava na academia **quando** foi para casa **quando** chegou **ela** achou uma carta com uma **mensagem** **ela** pensou Eu não estou esperando **mensagem** e **ela** ficou curiosa para ver a **mensagem** **ela** pensou já terminei as minhas tarefas...”
